FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 2 DE JANEIRO DE 1960 ANO 39.º — NÚMERO 13 315

Diario de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Na conferência de Paris *prevaleceram as teses* dos partidários da paz

por ATTICUS

PARIS, Dezembro — Nos comentários que o editorialista do «Monde» consagrou á conferência dos Quatro Grandes ocidentais, que esteve reunida em Paris de 19 a 21 do corrente, escreveu ele que, a respeito das relações Leste-Oeste que eram o problema fundamental a tratar nela, teve apenas um significado «simbólico». Nada menos exacto. Apresentar sob esta forma os seus resultados é desconhecer o alcance das decisões tomadas. A este respeito os comentários da Imprensa inglesa aproximam-se mais da verdade quando dão a entender que a conferência foi um êxito, bastando para o garantir o facto de nela se ter resolvido enviar a Kruchtchev o convite para a conferência com ele em Maio do ano próximo. Geralmente parece ignorar-se que, até ao ultimo momento, houve sérias duvidas sobre o convite, e que o projecto de realizar uma conferência dos Quatro Grandes era ainda uma aspiração quando começou a reunião de Paris, em virtude da oposição dos partidários da guerra fria no Ocidente.

Uma vitória britânica

A decisão tomada pelos Ocidentais de convidar o chefe do governo soviético para uma conferência de alto nível foi considerada pela Imprensa da Grã-Bretanha como uma vitória pessoal do primeiro-ministro MacMillan. Este, diz essa Imprensa, com a sua visita a Moscovo, em Fevereiro, abriu o caminho ás negociações entre os blocos de Leste e do Ocidente. A afirmação é rigorosamente exacta. Em Paris o primeiro-ministro alcançou uma vitória completa. Para a conseguir apagou-se discretamente por detrás do presidente Eisenhower, deixando

(Continua na página seguinte)

O nome glorioso de Gago Coutinho designa agora a Avenida do Aeroporto

Por despacho de hoje, do presidente do Município, sr. brigadeiro França Borges, depois de citados os proprietários interessados, foi determinado que seja extensiva a toda a avenida entre a Praça do Areeiro e o Aeroporto da Portela de Sacavém, a designação que lhe dá o nome do glorioso sábio almirante Gago Coutinho.

Apesar do desígnio do presidente da edilidade de não retirar a nomenclatura dos arruamentos citadinos, por considerar os prejuizos que daí advêm para os munícipes, um forte motivo determinou a alteração dessa intenção, pois considerando, ponderadamente, a designação actual de Avenida do Aeroporto não tinha um significado em plano superior, embora se trate de uma artéria importante, á qual deveria estar ligado o nome de uma grande figura nacional. Na verdade o nome de Gago Coutinho, com tudo o que ele evoca em relação ao progresso e á grande epopeia da aeronáutica, com a mais alta projecção em todo o Mundo, á obra científica e á figura excepcional do grande Português, que tanto prestigiou a Nação, só poderia ostentar-se numa importante artéria da capital. Independentemente da grande homenagem, de cunho nacional, devida a Gago Coutinho, esta decisão do presidente do Município representa um tributo de justiça que o «Diário de Lisboa» assinala com a maior satisfação, pois corresponde a uma aspiração de que se fez eco, representando não só o pensamento de todos os que se encontram ligados á nossa participação nos progressos da aeronáutica, como os próprios desejos da população citadina e dos Portugueses em geral.

O PRIMEIRO ENCONTRO DO ANO: o Chefe do Estado conversando com o Presidente do Conselho e o cardeal-patriarca, no Palácio de Belém.

A união de todos os Portugueses é agora mais indispensável do que nunca — advertiu o Presidente da República na sua mensagem de Ano Novo

O sr. Presidente da Republica dirigiu ontem, ás 13 horas, através da Emissora Nacional, a tradicional mensagem de Ano Novo aos Portugueses espalhados pelo Mundo. A mesma mensagem, cujo texto a seguir publicamos, foi á noite transmitida pela Radiotelevisão Portuguesa:

Um novo ano surgiu no rodar incessante do tempo, impondo o seu início o cumprimento da tradicional obrigação, que é também oportunidade feliz para o Chefe do Estado, de dirigir as mais cordiais saudações a todos os Portugueses e de, conjuntamente, formular os melhores votos pelo seu bem estar, quer vivam na Europa, na África, na Ásia, na América ou na Oceania.

Não decorreu o ano que findou, mesmo no plano interno, completamente isento de preocupações, mas foi felizmente possível ao País, graças á Providência e aos seus governantes, atravessá-lo sem grandes dificuldades e continuar caminhando firme e confiadamente no sentido do seu progressivo desenvolvimento que, ano após ano, se vem acentuando. Em 1959 recebeu Portugal honrosas visitas, merecendo especial referência a que oficialmente lhe fez o imperador da Etiópia, primeira de um Chefe do Estado da mais velha nação africana e das mais velhas do Mundo, com a qual temos mantido as mais amistosas relações desde há cinco séculos. E no que pessoal e directamente me respeita, procurei estar atento a todos os acontecimentos da vida nacional e comparecer onde fosse desejável a minha presença; por isso presidi ás inaugurações dos mais importantes melhoramentos concluídos durante o ano, felizmente em numero apreciável e alguns, até, em escala há poucos anos vedada ás nossas possibilidades técnicas e financeiras.

Nas caminhadas através de quase todas as províncias metropolitanas, orientou-me a natural preocupação de contactar, de perto, com as populações das terras que visitei ou atravessei e de auscultar os seus anseios; não poupei esforços, procurei ser util, e o entusiasmo e sobretudo a simpatia com que fui sempre recebido, sensibilizaram-me profundamente e mostraram, uma vez mais, como é normalmente boa e acolhedora a gente portuguesa. E mostra-

(Continua na 13.ª página)

O Chefe do Estado recebeu em Belem os cumprimentos de Ano Novo

Os presidentes do Conselho, da Assembleia Nacional, da Camara Corporativa, do Supremo Tribunal de Justiça e da Camara Municipal de Lisboa e o sr. cardeal-patriarca apresentaram, ontem, cumprimentos ao Chefe do Estado.

O sr. almirante Américo Tomás

(Continua na página central)

"O Primeiro de Janeiro" e "O Século Ilustrado"

Entrou no 92.º ano da sua existência o nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro», do Porto. Ao ilustre director do prestigioso orgão da nossa Imprensa, sr. dr. Pinto de Azevedo Junior, e a todos os que ali trabalham apresentamos, por isso, os nossos cumprimentos.

Também celebrou mais um aniversário «O Século Ilustrado», semanário gráfico de brilhantes tradições, a cujo ilustre director, sr. Carlos Alberto Pereira da Rosa, bem como a todos os seus colaboradores, endereçamos as nossas felicitações.

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Não tenha receio: a doença cancerosa tem cura

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

MUITAS são as teorias cancerígenas. Todas as semanas, todos os meses, muitas vezes em cada ano, aparece-nos uma nova teoria, mas os mais recentes trabalhos sobre o cancro, à parte a teoria do vírus, acordam na das alterações humorais e da nutrição. Volta-se novamente, após tantos anos de trabalho e de investigação, à velha noção do «temperamento mórbido», da «diátese» e da «predisposição». O cancro constitui-se biològicamente e, só mais tarde, histològicamente, anatòmicamente.

Há, parece averiguado, um período latente, biológico, pré-anatómico, pré-clínico ou pré-canceroso.

A enfermidade instala-se às escon-

(Continua na página seguinte)

Ler na 3.ª página

VISADO PELA CENSURA

Diario de Lisboa
publica hoje
32
páginas
nas quais se incluem
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

VIDA ECONÓMICA

Um acto de coragem nacional

Portugal acaba de sancionar oficialmente a sua integração definitiva na Associação Europeia de Comércio Livre. Mesmo levando em conta as especiais e relevantes salvaguardas que a nossa representação nas negociações de Estocolmo conseguiu obter o menos que pode dizer-se deste acto político-económico transcendente é que constitui uma corajosa decisão. Nunca será demasiado insistir na necessidade,

(Continua na 11.ª página)

Diario de Lisboa OUTRA BANDA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Diz o médico...

(Continuação da página anterior)

didas, lentamente. Poder-se-ia afirmar que o cancro não começa, aparece-nos já, localmente, num estado adiantado de evolução.

Vêm de longe as alterações orgânicas ou psíquicas, as causas determinantes em certo período da vida do indivíduo. A lesão aparente é sempre tardia. Devem considerar-se duas fases nítidas na trágica evolução do cancro: a humoral, biológica ou pré-cancerosa e a clínica ou anatómica.

Escusado é referir que a profilaxia do cancro pertence à primeira fase. É ela que mais deve interessar o doente e o pesquisador consciente, o médico ou o centro especializado, destinado este a combater a enfermidade na sua fase pré-anatómica.

As chamadas «casas de cancerosos», as «famílias de cancerosos», o cancro dos dois «cônjuges» parecem, à primeira vista, apoiar a teoria do vírus.

A experiência de todos os dias e as estatísticas publicadas pelos centros de investigação aconselham-nos a não aceitar, porém, a peregrina noção da contagiosidade. Esta doença, assim o confirmam os mais recentes trabalhos da especialidade, tem uma origem interna, orgânica, endógena.

Deve-se — sempre que se ponha em equação o problema do terreno — insistir na modificação do mesmo, sobretudo entre os quarenta e cinquenta anos. Aos sessenta anos, a chamada higiene anticancerosa é quase impossível.

O cancro não é hereditário: para determinados investigadores, só a predisposição se transmite. Seria, porém, mais fácil e compreensível concluir: a lesão não é hereditária. Caímos, ao fazer tal afirmação, numa clivagem que é mister reter: o mal e o terreno em que a lesão se desenvolve e alastra. A predisposição não é fatal: a profilaxia tem por meta modificar ou combater, com método e eficácia, essa predisposição.

As alterações da nutrição desempenham um papel importante: a ruptura do equilíbrio entre as duas reacções fundamentais da célula — respiração e fermentação; as alterações do metabolismo dos açucares; a existência de maior ou menor quantidade de colesterol (Windaus, Prémio Nobel de Medicina, 1928, descobriu a fórmula do colesterol); a alaclose e o artritismo.

As «causas ocasionais» podem, sem dúvida, originar a formação do cancro. Citemos, entre outras, as inflamações e as irritações repetidas ou crónicas: o álcool, o tabaco, ulcerações indolores e arrastadas, as cicatrizes, certos parasitas já identificados, a tuberculose e a sífiles, intensos traumatismos físicos e morais, acentuados estados de depressão, desequilíbrios vagossimpáticos; dermatites, diarreias não específicas e depressões. Admite-se hoje em dia que os traumatismos psíquicos, modificando as condições do terreno, podem originar e têm, em grande escala, originado, cancros.

Devem-se prevenir e tratar todos os desequilíbrios alimentares, as insuficiências hepatobiliares e pancreáticas; eliminar todos os factores conhecidos de intoxicação; prevenir ou reduzir a alcalose; suprimir as causas de irritação; não estimular e excitar em demasia a vitalidade celular, cuja resistência se pode medir; tratar convenientemente os desequilíbrios psíquicos e afastar quanto possível — e se é possível — todas ou quase todas as alterações emotivas, reduzir ao mínimo os destemperos da sensibilidade.

A higiene alimentar, a higiene da vida quotidiana, anulação ou neutralização dos sentimentos negativos (péssimismo, indecisão, ódio, ciume, cólera, etc.), têm importância decisiva no sistemático combate ao aparecimento do cancro clínico ou anatómico.

Ninguém possui até hoje (Dezembro, 1959) o medicamento específico contra o cancro. Ninguém. A luta contra o curandeiro, o mezinheiro e a publicidade desonesta é tão importante como a luta contra o próprio cancro. «Sonhos de uma noite de Outono» não prolongam a vida ou curam o cancro, desorientam maldosamente os pobres enfermos!

Perder tempo é perder, na maioria dos casos, a total possibilidade de cura e tratamento. O doente é, na quase totalidade dos casos infelizes, o grande e temível aliado da sua própria enfermidade.

Se o doente não esperar, se tiver coragem de não se iludir a si próprio, a coragem de enfrentar, sem muletas alheias, o seu problema, tem todas as probabilidades de se salvar.

Quais são os principais sintomas da doença cancerosa? Emagrecimento, crescente perda de forças, diminuição sensível de apetite, perda de sangue ou hemorragias repetidas, aparecimento de um tumor ou espessamento indolor, presença de uma úlcera persistente na língua ou nos lábios, existência de uma pseudo-verruga que se desenvolve ou aumenta todos os dias e não nos incomoda ou preocupa.

Nem todos os sintomas enumerados a correr, sem descer a erudições baratas e provincianas, significam ou atestam a existência de um cancro, mas o aparecimento de um deles com marcada insistência, deve conduzir imediatamente o doente ao médico ou a um Centro especializado.

O tratamento precoce do cancro — eis a chave do problema! Estabelecido o diagnóstico, torna-se necessário não perder tempo.

Nunca é demais insistir: a cirurgia, a radioterapia e o rádio, os isótopos e a bomba de cobalto são os únicos tratamentos eficazes conhecidos até hoje (L. Eckmann, «Le diagnostic de cancer à la consultation de l'omnipraticien». Basileia, 1959).

A modificação do terreno deve seguir de perto o tratamento local ou curativo.

Que é o cancro? — perguntaram um dia a um célebre cirurgião francês, que a morte arrebatou há poucos meses.

A resposta dada é ainda actual: actual porque é a mesma, apesar de tudo quanto se tem feito.

«Uma proliferação celular anárquica e com acentuadas características invasoras».

O cancro não é uma enfermidade local: é uma doença espontânea e geral. Desenvolve-se, na maioria das vezes, num terreno predestinado para o receber.

Existe um terreno pré-canceroso. Existe uma diátese cancerosa. Existe uma predisposição para o cancro.

O cancro, quando diagnosticado a tempo, não é uma enfermidade necessàriamente fatal.

Um conselho para 1960: condicione a sua maneira de viver, evite o sinal de alarme. Reduza ao mínimo tudo o que o emocione ou perturbe a sua vida quotidiana. Tudo... e os vícios também.

A. d'E.

Eng. Quirino da Fonseca

Após quatro unanimes reeleições, para o alto lugar de presidente da União Internacional do Seguro Marítimo — importante organização da qual fazem parte 44 associações, representando 32 países de todo o Mundo, incluindo os da «Cortina de ferro» — manifestou a sua impossibilidade de continuar a desempenhar tais funções o engenheiro Henrique Quirino da Fonseca, que, pela sua extrema competência, aliada á autoridade e á diplomacia — conforme acentuou o «Journal de la marine marchande», se prestigiou extraordinàriamente, honrando também o nosso País. Muitas e categorizadas entidades e importantes jornais — como «The Times» — e revistas da especialidade numerosas vezes se referiram, nos termos mais calorosos, á sua notabilíssima acção que permitiu á União, durante estes cinco anos da sua presidência, obter um progresso recentemente posto em relevo pelo sr. A. C. Grover, presidente do «Lloyds».

Técnico de grande valor, em economia e finanças, na industria de seguros nacional e noutras actividades industriais o engenheiro Quirino da Fonseca foi agora eleito, pela assembleia geral da Sorefame (Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas), presidente do conselho de administração daquela importantíssima empresa, lugar em que, certamente, continuará e desenvolverá a obra iniciada pelo falecido engenheiro Angelo Fortes, o grande obreiro do notável empreendimento, de quem foi amigo dedicado.

O grave problema das demoras de encomendas e correio aéreo para os Açores

O serviço de remessa de encomendas postais do Continente para os Açores, através dos C. T. T., e sua distribuição pela estação de Angra do Heroismo são feitos com tal morosidade que os destinatários chegam a recebê-las com atrasos de um, dois e três meses. Tal anomalia causa graves prejuizos, pois algumas remessas são constituídas por mercadorias que já não chegam a tempo de entrar no mercado, por passar a época própria para o seu comércio. Isto que se passa com as encomendas postais expedidas por via marítima, verifica-se, também, com as que são despachadas por via aérea (hoje muitas e com portes caros), e ainda, frequentemente, com a correspondência via aérea. O facto torna-se mais grave por afectar, igualmente, o comércio nas suas possibilidades de fundos, por dificuldades nas liquidações em prazos fixos.

Relativamente ás encomendas postais, aponta-se o seguinte caso inédito e incompreensível.

No «Lima», que saiu de Lisboa, em 26 de Novembro findo, foram para a ilha Terceira mais de 1.000 sacos com encomendas postais (que já há muito lá deviam ter chegado), contendo mercadorias de toda a espécie, para o comércio local, grande parte das quais destinada á época do Natal. Além disso, no «Lima» seguiram, também, alguns sacos com encomendas postais, das que foram salvas do incêndio do «Monte Brasil». Pois, os C. T. T., contra tudo o que era de esperar, mandaram suspender — «alegando falta de verba» — os funcionários que habitualmente faziam, na Estação local, o serviço de abertura dos sacos com encomendas postais, ficando, por tal facto, tudo parado, por falta de pessoal, com os graves prejuizos que fácilmente se imagina.

Sobre estes casos, tão lamentáveis como surpreendentes, chegam-nos vários testemunhos, bem como a informação de terem sido feitas diversas e sucessivas reclamações, com largo eco na Imprensa Açoriana, sem que hajam sido atendidas, até agora.

Parece-nos que se justifica a rápida intervenção das entidades competentes para a solução de tão grave problema, que afecta interesses económicos e morais da maior amplitude.

A conferência de Paris

(Continuação da pág. anterior)

que este desempenhasse na reunião o principal papel. Fê-lo intencionalmente, sabendo que o presidente defendia os seus pontos de vista e que estes assim tinham mais probabilidades de serem aceites pelo general de Gaulle e pelo chanceler Adenauer, ambos dispostos a combatê-los se fosse ele a apresentá-los.

Para medir, exactamente, a extensão da vitória diplomática do primeiro ministro basta dizer que, além de conseguir que fosse enviado o convite a Kruchtchev e marcada uma data para a realização da Conferência dos Quatro, ele ainda assegurou a continuidade do diálogo com os Russos com a fórmula das reuniões em série, independentemente dos resultados da primeira. Nesse ponto, a parte essencial do comunicado de Paris, além da fixação da data da próxima conferência com Kruchtchev, é aquela em que o referido documento se refere á realização das conferências em série.

O grande argumento do chanceler alemão contra a conferência de alto nível com os Russos foi sempre o da necessidade de a preparar demorada e cuidadosamente, de forma a evitar que o seu malogro tivesse como resultado agravar, em vez de melhorar, a situação internacional. Para ele e para os que pensam como ele, a conferência com os Russos devia ser a conferência da ultima probabilidade, na qual tudo se jogaria e da qual tudo dependeria. Se a conferência se malograsse, nada mais haveria a fazer. O argumento perdeu agora qualquer valor. Com a decisão tomada na reunião de Paris, de convidar os Russos, não para uma, mas para uma série de conferências de alto nível. A primeira, que deve reunir-se em meados de Maio próximo, será uma da série, pouco importando que dela se tirem resultados decisivos, pois o diálogo prosseguirá.

Negociações sem condições

Mas isto ainda não foi tudo. O primeiro ministro alargou o ambito da sua vitória em Paris, reforçando as probabilidades de êxito da próxima conferência de alto nível com os Russos. Um dos escolhos em que esta devia soçobrar, previsto mesmo antes da sua realização, era a fixação da ordem do dia. O chanceler Adenauer entendia que os Ocidentais deviam apresentar aos Russos uma agenda de trabalhos á cabeça da qual figuraria a questão do desarmamento, não devendo ser tratada a questão de Berlim e da reunificação alemã, a não ser que a primeira fosse resolvida satisfatòriamente.

Ora a questão do desarmamento é a mais espinhosa que se apresenta na vida internacional e a sua solução exigirá muito tempo e trabalho. Os outros chefes do Governo ocidentais não sancionaram esse ponto de vista e mais uma vez prevaleceu a opinião do primeiro-ministro britanico. Aos Russos não será apresentada qualquer agenda como condição para a conferência com eles, mas será a conferência que decidirá quais os assuntos a tratar e resolver. Nada indica que a questão de Berlim e da reunificação alemã não seja a primeira a ser tratada, resolvendo-se que o desarmamento seja relegado para a Comissão dos Dez que em Março iniciará os seus trabalhos.

Negociações positivas

O primeiro-ministro, colocando-se por detrás do presidente Eisenhower, ainda alcançou outro êxito ao evitar que os ocidentais adoptassem uma posição rígida sobre os assuntos a debater com Kruchtchev. O chanceler alemão entendia que o Ocidente devia mostrar-se firme e não fazer quaisquer concessões aos Russos. No caso de Berlim defendia a tese de que os ocidentais deviam negociar a partir da sua posição anterior a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros que se reuniu durante o Verão em Genebra, o que equivalia a recusar agora as concessões feitas nessa altura e que o ministro soviético Gromiko não julgou suficientes.

Segundo o chanceler alemão, as nações ocidentais deviam fazer marcha atrás e regressar á fórmula do «embrulho», segundo a qual era em conjunto que deviam discutir-se as divergências com os Russos e não separadamente. Esta fórmula fora já oficialmente posta de parte como inexequível o que não impediu que o chefe do Governo alemão tentasse voltar a ela. O comunicado da reunião de Paris mostra, claramente, que esta questão ficou em aberto pois nele se não indicam limites para negociar com os Russos o que quer dizer que ainda nesse ponto a tese do chanceler não foi sancionada pelos outros chefes de Governo ocidentais.

Tudo leva a crer que as negociações com os Russos serão entabuladas partindo do ponto em que ficaram as de Genebra, no Verão, o que está na lógica dos acontecimentos, pois quaisquer outras não teriam sentido depois do que se passou posteriormente, a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros de Genebra. A batalha que devia preparar a da conferência de alto nível com os Russos, em Maio, foi ganha em Paris pelos partidários do desanuviamento internacional. O principal artífice dessa vitória foi o primeiro-ministro Mac Millan, o vencido foi o chanceler alemão. Tudo o que ali se decidiu contraria os seus desejos e os objectivos da sua política. A conferência de alto nível com os Russos realizar-se-á. O problema da reunificação alemã e de Berlim será debatido nela e ocupará um lugar de relevo senão mesmo o primeiro lugar. Os trabalhos decorrerão no quadro desenhado no encontro de Camp David.

ATTICUS

Rotary Clube de Lisboa

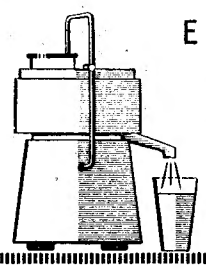
A reunião do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo, na próxima terça-feira, 5, ás 13 horas, funcionará como assembleia geral, com a seguinte ordem do dia: preparação da visita oficial do governador do distrito rotário português, sr. Augusto Serras, marcada para o próximo dia 12; balanço da actividade do clube no segundo semestre de 1959; perspectivas de acção para este semestre; apreciação e votação de uma proposta da direcção relativa ao processo de eleição dos membros dos corpos directivos.

PORTO DE LISBOA

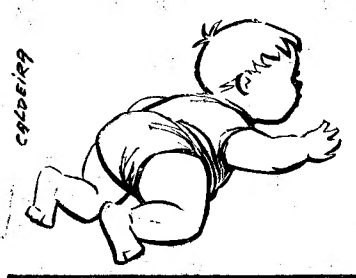
Foi alterada para 1 de Janeiro de 1961 a data fixada para o início do reembolso ao Estado, pela Administração-Geral do Porto de Lisboa, do empréstimo referido no decreto-lei n.º 35 716; e foi adiado para 1962 o início da amortização do empréstimo e da contagem de juros do empréstimo concedido, pelo Fundo de Seguros, áquela Administração-Geral.

MULTIPRESS BRAUN

O MELHOR EXTRACTOR DE SUMOS



CRIANÇAS
ADULTOS,
CONVALESCENTES,
PESSOAS DE IDADE,
TODOS
PODEM BENIFICIAR
DAS VANTAGENS
DOS
SUMOS NATURAIS DE FRUTOS



MULTIPRESS
À VENDA NAS BOAS CASAS

REPRESENTANTES

RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.

RUA PASCOAL DE MELO, 127-1.º TELEFS. 55693-55564

Diário da OUTRA BANDA

A extensão da capital

A vida de Lisboa, com as suas turbilhonantes actividades, os nucleos geradores das suas energias, os departamentos oficiais, as redes das grandes empresas, concentrou-se no centro do burgo no aglomerado da Baixa e na parte ribeirinha, onde se enraizaram as suas tradições e se mantém, de certo modo, apesar do surto inovador, os aspectos característicos da velha cidade. Contudo, esse surto de progresso transformou a capital, ou antes, a engrandeceu e ampliou, pois a cidade, galgando os seus limites tradicionais, esbracejando para além dos muros que a cingiam ao passado, alastrou pelos arrabaldes, ai se implantando uma nova Lisboa, moderna, trepidante, mais alegre e imponente — verdadeiramente europeia.

Na Outra Banda, todo esse aglomerado populoso, activo, fabril, que borda o Tejo, desde o Barreiro até á Trafaria, também se transformou; e, propriamente na zona fronteira á cidade, outra cidade moderna surgiu, com o principal fulcro de actividades localizado a partir de Cacilhas e com o seu ponto de irradiação na vila de Almada, hoje uma verdadeira cidade, onde se concentram actividades próprias e outras tributárias da capital que ali fixaram milhares de pessoas — pois esse aglomerado moderno, progressivo, estuante de vida, é o prolongamento natural de Lisboa, com largas perspectivas futuras, outra nova cidade, que a projectada ponte sobre o Tejo e a ampliação da rede de comunicações garantem um progressivo desenvolvimento e uma valorização que se reflecte em todos os aspectos da vida nacional.

Essa nova cidade tem hoje vida própria, aspectos e problemas correlativos a um grande aglomerado urbano; e o «Diário de Lisboa», com a sua larga expansão, a sua influência, sempre atento aos interesses colectivos, não podia ficar indiferente a essa onda de progresso que se reflecte na Outra Banda e especialmente na nova cidade que ali cresce e se desenvolve. Por isso lhe dedicará cuidada atenção, que incidirá sobre os seus problemas, as suas aspirações, os seus anseios, através do noticiário e da reportagem viva, palpitante de flagrante actualidade.

Arriscou a vida para salvar um marítimo espanhol

RODRIGO MENDES

Vinha rompendo o primeiro dia do ano e, como acontecia há dias, o Tejo mantinha-se envolto em denso nevoeiro, pelo que a navegação no rio se fazia com todas as precauções. Entretanto, vinha subindo o rio o paquete espanhol «Cabo de San Roque», para ir atracar ao cais da Estação Marítima da Rocha de Conde de Obidos. A serração tornara-se mais compacta, ouvindo-se os silvos estridentes e alertadores das «sereias». De subito, por volta das 8 horas defronte de Belém, ecoaram apitos repetidos de dois navios em apuros. Dera-se uma colisão, que, a todo o custo, o comandante do paquete espanhol procurara evitar, ordenando a paragem das máquinas, ao mesmo tempo que o mestre do outro barco, o «Ribatejense» manobrava para evitar o abalroamento, o que não foi possível. O «ferry-boat» «raspara» o costado do «Cabo de San Roque», arrancando-lhe a escada metálica do portaló.

Estabeleceu-se panico entre os passageiros dos dois barcos, ouvindo-se a bordo do navio espanhol aflitivos gritos de «homem ao mar!» Caira ao rio o carpinteiro Enrique Requero Renteria.

Ágil e decidido, logo um dos passageiros do «Ribatejense», correndo graves perigos, se lançou á água para salvar o Espanhol. A ansiedade aumentou pois os dois homens deixaram de ser avistados no meio do nevoeiro.

Falámos hoje com esse homem abnegado que arriscou a vida para salvar a do semelhante desconhecido: o motorista Rodrigo Salgado Mendes, residente na Estrada da Banática, Pátio do Roberto (Porto Brandão).

Encontrámo-lo, na Agência Marítima Transatlantica, esta manhã, ainda não refeito do esforço dispendido—. Vi tudo—começou por nos dizer —. Ouvi gritar e lancei-me á água. Nadei durante alguns metros e perdi de vista os dois navios. Momentos depois, encontrei o tripulante espanhol e enfiel-lhe a bóia que, do «Ribatejense», me haviam lançado. Nadei e, entretanto, descobri, de novo, o «ferry-boat», que manobrava á nossa procura! —

Prosseguiu, com o ar modesto dos heróis obscuros:

—Estava já exausto, tanto mais que me sentia enregelado e estava completamente vestido e calçado. Dois outros passageiros do «Ribatejense» auxiliaram-me, então, pois mergulharam e, com o seu auxílio, foi possível içar o espanhol para bordo. A nosso lado surgiu, depois, um «gasolina» da «Shel» que o conduziu para o pontão de Belém, onde foi desembarcado, dali seguindo para o Hospital de São José. Lá o fui encontrar, mais tarde, em estado grave, e recebi, também, tratamento.

E teve este comentário, em voz triste:

—Coitado do homem! Estava em dia aziago, pois ainda foi vítima de um outro desastre. Sei ainda que o «Táxi» que o conduzia para o hospital chocou, na Avenida 24 de Julho, com uma árvore, embora sem consequências de maior, pelo que teve de ser transferido para outro automóvel.

O Rodrigo Mendes ficou com o fato e os sapatos completamente inutilizados, assim como quase toda a sua documentação. O casaco desapareceu-lhe, arrastado pela corrente.

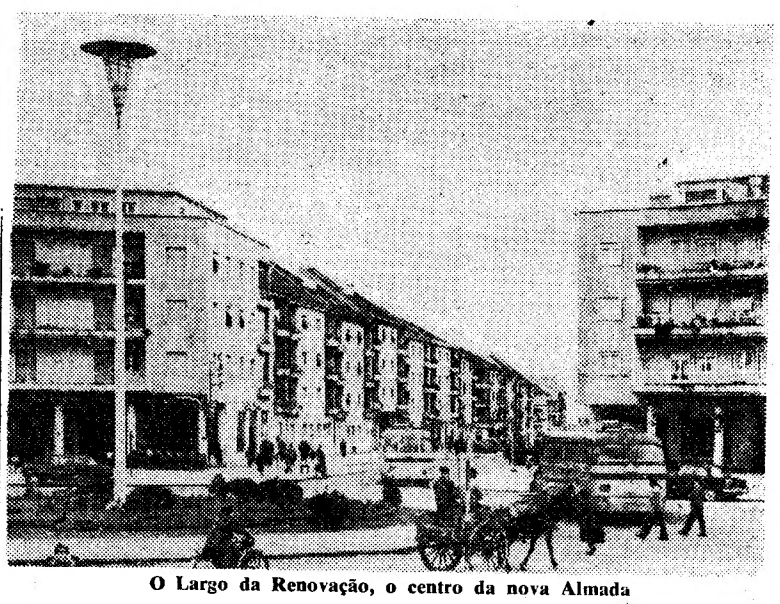
—Olhe eu sei nadar alguma coisa! — disse-nos, já á despedida —. Bastantes vezes pensei que, um dia, me podia ver metido num caso destes. E pensava que decisão tomaria, embora me sentisse receoso comigo mesmo. Afinal, fui impelido como uma mola para a água. Não podia deixar morrer um ser humano como eu. «Fiz por ele o que faria pelos três filhos que lá tenho em casa!».

E lá foi, modesto e simples, com o jubilo na consciência por haver procedido como um homem fraterno e dedicado ao semelhante, para o cais de Alcantara, onde o camião que conduz estava a carregar.

*

Aos sinais de socorro dirigiram-se para junto dos dois barcos, além do «gasolina» da «Shell» outras embarcações. O «Ribatejense», que sofreu algumas avarias prosseguiu nas carreiras entre as duas margens, embora com a proa um tanto amachucada. O «Cabo de San Roque» prosseguiu, ontem mesmo na viagem, rumo á América do Sul. Entretanto, no banco do Hospital de São José continua internado o tripulante espanhol, que ao ser arrastado na quela, sofreu ferimentos na cabeça.

Os prejuizos resultantes da colisão não são de monta. Uma bicicleta de um dos passageiros do «ferry-boat» ficou amachucada.



O Largo da Renovação, o centro da nova Almada

O problema do trânsito entre Almada e a Costa da Caparica

O aumento extraordinário, sempre crescente, do transito na estrada de Almada á Costa da Caparica, que, na época de Verão, se reveste de uma acuidade premente, criou uma série de problemas que requerem a máxima atenção para as soluções inadiáveis. Há anos, quando Almada começava a entrar no período de intenso progresso que trouxe as notáveis transformações hoje patentes em todo o importante concelho, foi aberta, a artéria agora designada por Avenida D. Nuno Alvares Pereira, a qual se dizia ser o início da futura auto-estrada para a Caparica. Não foi, contudo, além da vila de Almada, onde se ergueu uma vedação com ripas de madeira. Nesse trajecto, aberto ao transito intenso, só por milagre, por assim dizer, não se têm registado mais desastres, pois ali existem verdadeiras «ratoeiras» que podem levar ao acidente os motoristas mais moderados.

Foi, porém, escolhido, pouco depois, com agrado geral, novo traçado para aquela via de comunicações, a partir da Cova da Piedade, cuja construção urgente se impõe para satisfazer as necessidades presentes, pois o transito não pode continuar a ser feito apenas por aquela perigosa e estreita estrada que, além de não dar o escoamento do transito com a facilidade desejada, é também um tormento para todos os que necessitam de a utilizar.

Basta referirmos, para se aquilatar da amplitude do problema, que, no Verão, há muitos dias em que, num percurso de 10 quilómetros, transitam para cima de 50 camionetas de passageiros!

E' este, realmente, um problema que urge rápida e ponderada solução.

Novos dirigentes dos Bombeiros Voluntários

Foram eleitos os novos corpos gerentes da benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Almada, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — Srs. João Luís da Cruz, presidente; dr. Herculano Pires, Damásio Mendes Esteves e Fernando Canas Pereira.

Direcção — Srs. dr. Mário Pires Bento, presidente; Romeu Martins, Feliciano Baptista, Celestino Augusto Casaca, Alfredo Guerreiro Antunes, primeiro comandante José Brás, segundo comandante Julio José Ferraz, António Coelho dos Santos, Mário dos Santos Cartaxo e João Guerreiro Neto.

Conselho fiscal — Srs. António de Moura e Silva, presidente; capitão Luís Nunes Carvalho da Silva e Francisco de Almeida Valente.

A CIDADE

Pelos hospitais

MORTE SUBITA — Acometido de doença subita, faleceu na sua residência, Rua D. Luís de Noronha, 24, a serviçal Maria Joaquina Pereira, de 50 anos, cujo cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

INTOXICADOS COM DOCE — Receberam tratamento no Hospital de São José, o sr. Custódio Rodrigues Portinha, de 64 anos, comerciante; sua esposa, sr.ª D. Rosália Marques Portinha, de 54, e a filha D. Maria Helena Marques Portinha, de 35 anos, residente na Rua da Metade, 22, 2.º, que se sentiram indispostos, apresentando sintomas de intoxicação alimentar, após terem comido lampreia doce. As duas senhoras ficaram internadas naquele hospital.

QUEDA DESASTROSA — Recolheu ao mesmo hospital, Benta Carrasco Mendes, de 9 anos, de Santo Aleixo (Moura), que ali caiu de um burro e ficou muito contusa.

ALVEJADO A TIRO — Deu entrada no referido hospital, António Silva, de 43 anos, rameiro, de Sarilhos Pequenos (Moita), que ali durante uma desordem, foi alvejado com um tiro de espingarda numaperna.

Quem achou?

No passado dia 31, cerca das 19 horas, num táxi, desde a Praça Filipe da Mata á Rua Rodrigues Sampaio, 182, perdeu-se uma pasta de plástico, contendo um passaporte e documentação pertencente a David Duarte da Camara Lumelino. Pede-se, a quem o achou, o favor de informar para os telefones 638533 ou 23266.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados em Lisboa e entregues ontem na P. S. P. (Governo Civil): duas notas do Banco de Portugal, uma echarpe, uma pasta de cabedal., rodas e uma moleta para viatura automóvel, cadernetas militares de Armando de Oliveira e Domingos Augusto, cédula pessoal, de Mário João da Silva Barbosa, bilhetes de identidade de Serafim da Costa Rocha e de António de Ascenção Verguinha, uma carta dirigida a António Ferro Velho Baldaião, um saco de plástico, contendo artigos para senhora, óculos graduados, uma pregadeira confeccionada com uma moeda antiga; uma carteira, com cartão em nome de João de Jesus Andrade, uma pasta com loiça e outros artigos, um casaco próprio para criança, um chapéu de chuva para homem, dois pares e uma luva, dois lenços de seda, para cabeça, de senhora, uma boina á espanhola, um sapato e uma bota de criança, dois porta-moedas, uma mala de senhora, com dinheiro, uma argola com chaves e outras desirmanadas.

DÃO-SE 300$00

A quem indicar paradeiro Cadela pequena castanha, raça basset, nome Geraldina, fugida ontem Avenida República, 25, 1.º.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA NO

«TERRAÇO DAS ESTRELAS»

LAURA MELLEC
CANÇONETISTA FRANCESA
MAITE GALAN
CASTIÇA BAILARINA ESPANHOLA
FERNANDO MONTENEGRO
CANTOS DO FOLCLORE SUL-AMERICANO
(Maiores 17 anos)

AMANHA: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo 25$00

Ano Novo!
Nova Esperança!

Que a humanidade encontre neste novo ano o caminho da verdade; e que, num mutuo e leal entendimento, possa obter a satisfação das suas justas necessidades, gozando uma nova era de paz... é o que sinceramente deseja A MARIAZINHA — Casa de Cafés — que sauda todos os seus dedicados clientes e amigos
R. Barros Queiroz, 28 — Lisboa-2
Av. Rio de Janeiro, 25-B (Frente à Igreja) — Lisboa-5

Albano Garcez, L.da
fundada em 1910
Armazenistas de: drogas, tintas, produtos químicos e grande variedade em insecticidas «ANALISITE CEZAL», continua a receber as prezadas ordens dos seus dedicados clientes
Rua do Comércio, 12 e 14
Telefone 26498
LISBOA

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN
SIMPLES OU COM SODA

GLYCOL
O IDEAL DA PELE
Produtos V. A. P. Portugal
O unico preparado que realiza a máxima beleza dando á pele o raro encanto da mocidade
A' venda nas boas casas da especialidade e principais farmácias
Depositários gerais:
VENTURA D'ALMEIDA & PENA
Rua do Guarda-Mor, 20, 3.º, E. — Lisboa — Telefone 664972
Enviamos encomendas pelo correio á cobrança
Remetemos amostras contra 5$50 em selos do correio

Clínica Dentária Santa Joana
RUA BRAAMCAMP 88 1. ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: **DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA**
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS
DIAS UTEIS — das 9 à Meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

SC Hoje e amanhã! no VARIEDADES

HOJE

Em 2 Sessões Ás 20.30 e 22.45

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

DA GRANDE REVISTA POPULAR DO ANO

ISTO É DELAS

com

HERMÍNIA — COSTINHA
COLÉ — LILIAN e NURIA
À FRENTE DUM ELENCO COLOSSAL

AMANHÃ

DOMINGO

Às 16 HORAS

ULTIMO ESPECTÁCULO À TARDE!

Espect. p.ª Ad.

Ad. M/17 anos

Costinha no «Fado censurado»

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — Ás 21 e 30 — «Diálogos das Carmelitas».
MARIA VITORIA — Às 20 e 30 e 22 e 45 — «Tudo na Lua».
VARIEDADES — Às 20 e 30 e 22 e 45 — «Isto é delas».
A B C — Às 20 e 30 e 22 e 45 — «Delírio em Lisboa».
MONUMENTAL — Às 21 e 45 — «O Santo e a porca».
AVENIDA — Às 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
TRINDADE — Às 21 e 45 — «12 homens fechados».
CAPITOLIO — Às 21 e 45 — «Moral em concordata».
COLISEU — Ás 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Lua de mel».
S. LUÍS — «O corsário Lafitte».
S. JORGE — «Passagem para Hong-Kong».
IMPÉRIO — «Quase nos teus braços».
EDEN — «A Miuda».
POLITEAMA — «Rio bravo».
MONUMENTAL — «A bela adormecida».
ODEON — «A vedeta imaginária».
ALVALADE — «O corsário Lafitte».
CONDES — «O maior circo do Mundo».
ROMA — «Europa de noite».
AVIS — «A bailarina e o bom Deus».
RESTELO — «Romance em Capri».
JARDIM — «Sublime tentação».
IDEAL — «O caso das meias assassinas».
PROMOTORA — «O adeus ás armas»

TRINDADE

Hoje, ás 21,30 — (17 anos)

O Teatro está aquecido

UM ESPECTACULO DE VERDADEIRO TEATRO MODERNO

12 HOMENS FECHADOS

de REGINALD ROSE, tradução de LUÍS GALHARDO (Filho)
A abrir o espectáculo — A FARSA de GARCIA LORCA
AMOR DE D. PERLIMPIM

Amanhã às 16 h. • Ultima matinée (4 anos)

DESPEDIDA DA FAMOSA COMPANHIA DE

MARIONNETTES

de JACQUES CHESNAIS

OS COMEDIANTES DE PAU

UM PROGRAMA MARAVILHOSO PARA PEQUENOS E GRANDES
As crianças até 10 anos acompanhadas têm entrada grátis

SANDRO apresenta

Maria Della Costa

NA GRANDE INTERPRETAÇÃO DA COMÉDIA
DE **ABÍLIO PEREIRA DE ALMEIDA**

Moral em Concordata

A PEÇA CAMPEÃ DAS BILHETEIRAS DO BRASIL!

SÒMENTE ALGUNS DIAS

Hoje e Amanhã — Devido ao grande sucesso SHOW com danças e musicas brasileiras após o espectáculo!

Amanhã, «matinée» com surpresas, ás 16 h.
À noite ás 21.45

Teatro CAPITÓLIO

Esp. M/ 17 anos

ATENÇÃO: Por tratar-se de reposição, os preços foram rebaixados nesta peça.

D. QUIXOTE BAR

Hoje e amanhã: Baile desde as 18 h.
COM
TOBÉ E O SEU CONJUNTO
(LE SEUL CAVEAU A' LISBONNE)
Ambiente selecto — Nova gerência
R. da Trindade, 9 — Adultos (M. 17 anos)

No Teatro Monumental

Gentilmente cedido pela Empresa Proprietária e por VASCO MORGADO e LAURA ALVES

Segunda-feira ás 16 horas
Para adultos maiores de 17 anos

UM ESPECTACULO EM BENEFICIO DO LAR DA CRIANÇA SURDA

I PARTE

Brunilde Judice

na interpretação de uma peça de Alice Ogando «O TERROR»

Os Rapazes do Ritmo
Manos Alexandres

Orquestra Privativa do Tágide, com o animador *Martin*, gentilmente cedida pelo TÁGIDE e

BIBI FERREIRA

II PARTE

ERICO BRAGA

recitará versos de Cardoso dos Santos e ainda a colaboração de

BERTA LORAN
COLÉ
LILIAN FERNANDES
JOÃO VILLARET
ARTUR AGOSTINHO

e a colaboração especial, do expoente máximo da Canção Nacional

MAIRIA TERESA DE NORONHA

acompanhada por Raul Nery. Bilhetes aos preços normais de teatro encontrando-se á venda nas bilheteiras. ERICO BRAGA dirigirá o espectáculo

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

Todas as noites, ás 21 e 45, e aos sábados em tarde popular a preços reduzidos (12 anos)

UM ÊXITO

Diálogos das Carmelitas

Brilhante interpretação de um grande elenco
(Maiores de 17 anos)

Brevemente: á tarde, «Teatro por novos, para novos»

Depois do jantar
visite as nossas montras
CASA MAX
193-A — R. D. Estefania — 193-F

SÃO LUIZ

TEM A HONRA DE ANUNCIAR

de colaboração com ERICO BRAGA e PRODUCTIONS THEATRALES GEORGES HERBERT

O maior acontecimento teatral da temporada

FESTIVAL DE TEATRO PARISIENSE

COM ALGUMAS DAS MAIORES VEDETAS DA CENA EUROPEIA

PIERRE BRASSEUR • EDWIGE FEUILLÈRE • PIERRE BLANCHAR • DANIÈLE DELORME • JACQUES DUMESNIL (da Comédie Française) **• PIERRE DUX**
YVES VINCENT • YVES ROBERT

6 COMPANHIAS DIFERENTES ★ 6 PEÇAS

12 ESPECTÁCULOS

(INTERCALADOS ENTRE JANEIRO E MAIO)

Cada peça será apenas representada duas vezes: **á NOITE** (estreia) e no dia seguinte **ÀS 6 DA TARDE**

15 e 16 de JANEIRO:
JACQUES DUMESNIL
em
Un Homme Comme Les Autres
De **ARMAND SALACROU**
Encenação de
JACQUES DUMESNIL

5 e 6 de FEVEREIRO:
PIERRE BLANCHAR em
LES POSSÉDÉS
De **ALBERT CAMUS**
Segundo o romance de
Dostoiewski
Encenação de
ALBERT CAMUS

25 e 26 de FEVEREIRO:
DANIÈLE DELORME e YVES ROBERT em
LA BAGATELLE
De **MARCEL ACHARD**
Encenação de JEAN MEYER

11 e 12 de MARÇO:
EDWIGE FEUILLÈRE e YVES VINCENT em
LUCY CROWN
De **JEAN PIERRE AUMONT**
Segundo o romance de
Irwin Shaw
Encenação de
PIERRE DUX

29 e 30 de ABRIL:
PIERRE BRASSEUR em
UN ANGE PASSE
De **PIERRE BRASSEUR**
Encenação do autor

6 e 7 de MAIO:
PIERRE DUX em
PATATE
De **MARCEL ACHARD**
Encenação de PIERRE DUX

Todas as peças são apresentadas nas suas versões integrais

AS COMPANHIAS QUE VIRÃO A LISBOA SÃO PRECISAMENTE AS MESMAS QUE CRIARAM E REPRESENTARAM ESTAS PEÇAS EM PARIS, DURANTE MESES E EM CERTOS CASOS DURANTE ANOS

INDICAÇÕES IMPORTANTES

De amanhã, 3 a 7 de JANEIRO, das 11 ás 14 h. e das 19 ás 22 horas: ESTARÁ ABERTA A ASSINATURA PARA A SÉRIE DE 6 PEÇAS (com 10% de redução sobre o preço da tabela)

De 8 de JANEIRO em diante, todos os dias, das 13 ás 22 h.: SERÃO POSTOS À VENDA OS BILHETES AVULSOS PARA TODOS OS ESPECTÁCULOS

AS ESTREIAS REALIZAR-SE-ÃO SEMPRE À NOITE — O ESPECTÁCULO SERÁ SEMPRE REPETIDO NO DIA SEGUINTE, ÀS 6 HORAS DA TARDE

TODOS OS ESPECTÁCULOS SÃO PARA ADULTOS (Maiores de 17 anos)

PENSÃO MONUMENTAL Casa recomendada serviço de bom hotel
COMPLETAMENTE REMODELADA R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

A COLUMBIA TEM O PRAZER DE ANUNCIAR A SEGUNDA FASE DAS SUAS ESTREIAS, APRESENTANDO NOS PRINCIPAIS CINEMAS DE LISBOA UM ESCOLHIDO NÚMERO DE GRANDES PRODUÇÕES

TIVOLI	Politeama	EDEN		ROMA	S. Luiz e Alvalade	Império
«O RATO QUE RUGE»	«KASIM, O BANDIDO»	«HEROIS DE CORDURA»		«HEROIS DE CORDURA»	UM GRANDE FILME COM BRIGITTE BARDOT E JACQUES CHARRIER	«ANATOMIA DE UM CRIME»
M/ 12 ANOS	M/ 17 ANOS	M/ 17 ANOS		M/ 17 ANOS		M/ 17 ANOS
	«O SOBE E DESCE»					
	M/ 12 ANOS					

MARIA VITORIA

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»

Às 20.30 e 22.45 — (Adultos M/ 17 anos)

BIBI FERREIRA

BARROSO LOPES

SALVADOR

Apresenta na sua

ULTIMA FASE

de triunfais representações

A POPULARÍSSIMA REVISTA

TUDO NA LUA

HUMBERTO MADEIRA

ATENÇÃO, PORTO !

BREVEMENTE no Cine-Teatro «ÁGUIA D'OURO» a grande revista «TUDO NA LUA»

com BIBI FERREIRA

ANTÓNIO SILVA

BARROSO LOPES—HUMBERTO MADEIRA—MARIA DOMINGAS—MARIA JOSÉ DA GUIA—ÓSCAR ACÚRCIO

TIVOLI

Nos dias 11 e 12 de Janeiro, ás 18.30 horas

DOIS UNICOS RECITAIS

DE

MARCEL MARCEAU

COM

PIERRE VERRY e ALEXANDRO

PROGRAMA DO DIA 11: A marcha contra o vento — A Escada — Luta de Tracção — Os Jogadores de Xadrez — O Escultor — O Prestidigitador — O Saltimbanco — O Jardim Publico — Adolescência, Maturidade, Velhice e Morte.

BIP domador — BIP patinador — BIP musico ambulante BIP numa soirée mundana — BIP e a borboleta — BIP David e Golias — BIP fabricante de máscaras.

PROGRAMA DO DIA 12: O Colador de Cartazes — A Feira — O Jogador de Dados — Os Irmãos Siameses — O Apache — Auto-stop — O Adelo — O Pequeno Café — Jardim Publico

BIP pintor — BIP vendedor de porcelanas — BIP em viagem por mar — BIP no baile — BIP fabricante de máscaras.

BILHETEIRA

OS DIAS 5 E 6 SAO RESERVADOS AOS SRS. ASSINANTES DOS ESPECTÁCULOS DE ARTE DO TIVOLI. NOS DIAS 7 E SEGUINTES: VENDA AVULSO

(Maiores de 12 anos)

DOÇARIA CASEIRA

UMA PEGA 6$50 — CAFÉ DE BALÃO

NO **BAR RIBATEJO** — PRAÇA DO AREEIRO, 11 D

SÃO JORGE

TODOS OS DIAS ÀS 15,15 - 18,15 - 21,30

...E O ÊXITO CONTINUA!

2ª SEMANA

UMA PRODUÇÃO DE LEWIS GILBERT

NÃO DEIXE DE VER...

Passagem para Hong-Kong

...O MAIS ESPECTACULAR!

CURT JURGENS

ORSON WELLES

SYLVIA SYMS

JEREMY SPENSER · NOEL PURCELL

Argumento de VERNON HARRIS e LEWIS GILBERT

Produção de GEORGE MAYNARD

Realização de LEWIS GILBERT

UM EXCLUSIVO AJAROFILME

EASTMANCOLOR

CINEMASCOPE

O MELHOR PONTO DE REUNIÃO Pasapoga

Telef. 23584

ADULTOS (Maiores 17 anos)

UM ELENCO APLAUDIDO COM VIBRANTE ENTUSIASMO

A EXTRAORDINÁRIA ATRACÇÃO ITALIANA

LES DONATI

UM NOVO ESTILO DE BAILADOS EM MIMICA ACROBÁTICA

EM NOTÁVEIS DANÇAS REGIONAIS PORTUGUESAS

CONSTANTE E O SEU CONJUNTO

E, AINDA, OUTRAS BRILHANTES ATRACÇÕES

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA com os cantores ANTÓNIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO

SÃO LUIZ

Telefone 27172

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21,30 (M/12 anos)

A aventura de Jean Lafitte que defendeu a independência da Luisiania com os seus homens

O CORSÁRIO LAFITTE

com **Yul Brynner, Charlton Heston e Claire Bloom**

EDEN

Telefone 20768

15.30 - 18.30 e 21.45 (M/12 anos)

3.ª SEMANA

A MIUDA

c/ Romy Schneider

Um espectáculo cheio de graça e encanto.

ALVALADE

Telefone 763080

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.00 (M/12 anos)

2.ª SEMANA

A heroica e generosa aventura de **Jean Lafitte** o ultimo dos corsários

O CORSÁRIO LAFITTE

com **Yul Brynner, Charlton Heston e Claire Bloom**

CONDES

Telefone 22523

18.15 (p. r.) e 21.30 (M/6 anos)

3.ª SEMANA

O fabuloso espectáculo em Cinemascope e Technicolor

O MAIOR CIRCO DO MUNDO

Victor Mature — Rhonda Fleming — Kathryn Grant — G. Roland

ODEON

Telefone 26283

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

Mick Micheyl e Charles Aznavour em

A VEDETA IMAGINÁRIA

Um romance de amor vivido nas caves e bastidores de Paris.

LIDO

Telefone 48560

21.00 (M/12 anos)

O GRANDE INDUSTRIAL AS RAPARIGAS DE IMMENHOF

TIVOLI

Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/17 anos)

3.ª SEMANA

O maravilhoso filme em Tecnirama e tecnicolor

LUA DE MEL

com os célebres bailarinos **António e Ludmilla Tcherina**

Os admiráveis bailados: **«O Amor Bruxo» e «Os Amantes de Teruel».**

Amanhã ás 11 h. da manhã, ses. clás. **«Brincadeiras proibidas»** — (M/12 anos).

POLITEAMA

Telefone 26305

15.15 - 18.15 e 21,30

2.ª semana triunfal com Lotações esgotadas

Um filme grandioso e apaixonante

RIO BRAVO

com **John Wayne, Dean Martin, Richy Nelson e Angie Dickinson**

Technicolor — (Maiores 12 anos)

AVIS

Telefone 47163

15.30 - 18.30 e 21.45 (M/12 anos)

2.ª SEMANA

Um filme encantador

A BAILARINA E O BOM DEUS

com **Vera Cecova e Vittorio de Sica**

RESTELO

Telefone 610375

21.15 (M/12 anos)

A encantadora comédia em Technirama

ROMANCE EM CAPRI

com o saudoso Mário Lanza

ROYAL

Telefone 845037

21.00 (M/17 anos)

OLHOS NEGROS VIVIA COM ELA O PECADO

TERRASSE

Telefone 20917

21.00 (M/12 anos)

OS DEZ MANDAMENTOS

CASINO ESTORIL

21.00 (M/17 anos)

OS DEZ MANDAMENTOS

com Daniel Gelin

IMPERIO

Telefone 55134/5

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

Sophia Loren e Cary Grant

num filme feliz, aberto á alegria do coração

QUASE NOS TEUS BRAÇOS

— Technicolor —

Amanhã ás 11 h., ses. clás. **«O Ballet de Moscovo»** — (M/12 anos).

SÃO JORGE

BALCÃO 54154

PLATEIA 54157

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

CURT JURGENS ORSON WELLES SYLVIA SYMS em

PASSAGEM PARA HONG-KONG

Cinemascope — Eastmancolor

O mais sensacional!

A Empresa deste cinema deseja a todos um Feliz Ano Novo e muitas prosperidades.

ROMA

Telefone 727778

15.30 e 21.45 (M/17 anos)

A mais espectacular parada de estrelas do «music-hall» internacional

EUROPA DE NOITE

com **Domenico Modugno, Carmen Sevilha** e muitos outros astros

A's 18.30 (M/6 anos) **«O amor e uma cabana».**

MONUMENTAL

Telefone 55131

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/6 anos)

A ultima maravilha de **Walt Disney**

A BELA ADORMECIDA

em Ecran Super Technirama 70

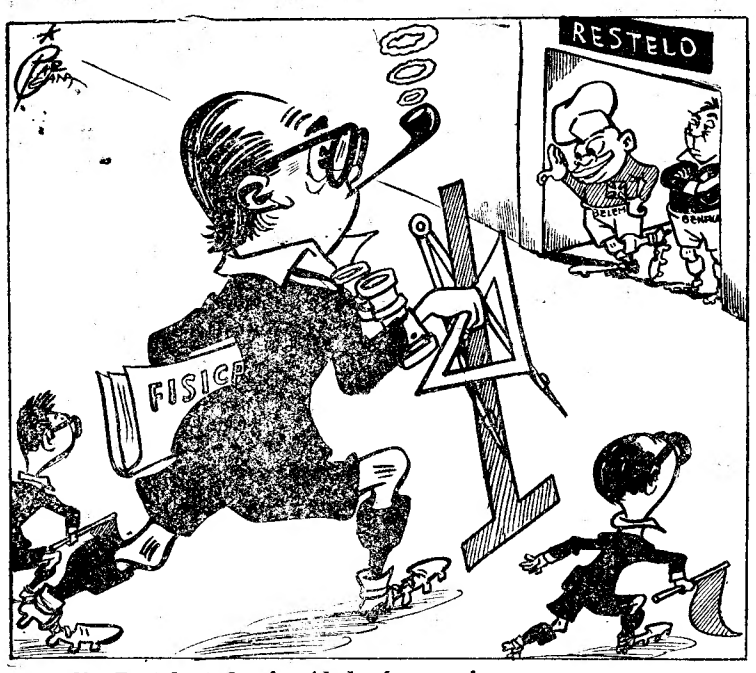
CINEMA IDEAL

Telefone 24194

21.00 (M/17 anos)

O CASO DAS MEIAS ASSASSINAS

CALYPSO A FEITICEIRA



— No Restelo todo o cuidado é pouco!...

DESPORTOS

MANUEL FARIA (4.º)

na «Corrida de S. Silvestre» teve actuação meritória

SÃO PAULO, 2. — Mais de meio milhão de pessoas assistiu nesta cidade á célebre «Corrida de São Silvestre», na sua 35.ª edição, que foi ganha pela segunda vez consecutiva, pelo argentino Suarez, que igualou, assim o «record» de Mihalic e Faria. O atleta lusitano classificou-se em 4.º lugar, depois do canadiano Kyle e do inglês Hyman. O tempo conseguido pelo argentino — 21 m. 55,2 s. — é inferior ao tempo obtido pelo português Faria, em 1957 — 21 m. 37,4 s. As marcas do Canadiano — 22 h. 2 s. — e do Inglês — 22 m. 15,9 s.— também são inferiores á marca de Faria, no ano passado.

É interessante realçar que atrás de Faria, ficaram o belga Gaston Follants, o francês Ameur, o jugoslavo Subotic, o americano Mills, o argentino Sandoval e o brasileiro João Alves, que virá a Lisboa quando dos Jogos Luso-Brasileiros.

Os lugares que o Português conquistou nesta competição durante as cinco vezes que participou foram: 14.º (1953); 1.º (1956); 1.º (1957); 2.º (1959 e 4.º (1960).

Manuel Faria, explicando as razões de ter ficado em 4.º lugar, disse que tinha calculado mal a força dos adversários e quando, nos ultimos momentos, tentou ultrapassá-los ao «sprint» não o pôde fazer suficientemente rápido para tomar a cabeça.

De qualquer modo, a classificação do Português deve considerar-se digna, porquanto noutras posições inferiores ficaram campeões de nomeada.

Bispo e Mendes disputam a bola

SPORTING, 3 — ATLÉTICO, 0

Uma vitória apenas...

Boa quantidade de publico acudiu ontem, á tarde, ao Estádio «José Alvalade» para presenciar o jogo (antecipado) da 13.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão e que terminou com a vitória do Sporting, por 3-0, uma vitória certa, mas que careceu de qualquer luzimento de ordem técnica. Os 90 minutos de um modo geral suportaram-se com estoicismo perante a onda de monotonia que se inoculou no próprio jogo e nos atletas. Uma decepção em toda a linha, dado que nenhum dos adversários logrou alcandorar-se a plano aceitável tão deficientes foram as produções globais. Duas ou três excepções não destroem a impressão geral — domínio insistente do grupo «leonino» com poucos remates e réplica animosa dos Alcantarenses que raras vezes importunaram Octávio de Sá.

O Sporting colocou-se em vencedor, aos 13 minutos, por sinal, na urdidura de um lance prático e rápido em que colaboraram Faustino. Fernando e Diego. Ramin ainda saiu da baliza para evitar o remate do interior «leonino», mas este, mais veloz, calmamente, bateu o guarda-redes visitante.

O golo teve o condão de fazer «adormecer» o andamento do Sporting, não obstante a pressão ofensiva — sempre desligada e inoperante.

O Atlético, que acusou boa organização defensiva, aceitou o domínio do adversário e sómente, aos 27 minutos, obrigou Sá á primeira intervenção, a sério.

O estilo sportinguista, sem utilizar a manobra larga e com deficiências no entendimento, contribuiu para monotonizar a disputa dos lances, dado que os Alcantarenses também não logravam impôr uma toada propícia a despertar a apatia que se generalizara.

No segundo tempo, Diego e Seminário trocaram de lugares em virtude do primeiro acusar os efeitos de uma distensão e, aos 5 minutos, Albano foi vítima do mesmo percalço.

Exeptuando duas descidas, de recorte individual, do Atlético, iniciadas e concluidas por Tito (Sá defendeu bem) e Albano (a bola passou ao lado do poste), o Sporting continuou a dispor da bola, actuando completamente despreocupado no sector defensivo, embora o ataque se esforçasse em consolidar a vantagem de um golo. Finalmente, foi graças a uma grande penalidade, mal repetida, que Fernando tranquilizou a equipa, obtendo o 2.º tento. Iam decorridos 29 minutos.

A partir de então, os visitados delinearam alguns lances mais consentaneos com o valor das suas unidades e, aos 33 minutos, Seminário, serenamente, enfiou a 3.ª bola, concluindo um admirável esforço de Fernando. Na jogada colaborou Pérides.

*

Apesar da irregularidade da produção do seu jogo, arrastada e pessoalista, o Sporting fez, no entanto, o suficiente para justificar o triunfo. Sómente o ataque não atingiu o seu rendimento normal, dado que á defesa e aos médios se não apresentaram problemas complexos.

Figuras a distinguir: Lucio, Mendes, Julio, Sá e Fernando.

O Atlético limitou-se a suportar o assédio «leonino» e a ripostar em golpes desordenados nas poucas vezes que adregou atacar. Todo o compartimento defensivo esteve em evidência, merecendo, porém, uma citação especial Ramin e germano. tação especial Ramin e Germano. partida com autoridade e de modo satisfatório. — F. SORO.

*

As equipas alinharam:

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Julio, Lucio e Mendes; Pérides, Faustino, Fernando, Diego e Seminário.

ATLÉTICO — Ramin; F. Ferreira e Nunes; Coelho, Germano e Orlando; Angeja, Brandão, Albano, Bispo e Tito.

O «NACIONAL» DA 1 DIVISÃO

O encontro Belenenses-Benfica

remate condigno da primeira volta

Termina amanhã a primeira volta do «Nacional» da 1.ª Divisão e termina com um jogo de grande cartel em que são adversários dois clubes a que uma rivalidade antiga costuma criar uma disposição especial. O embate, de longe o principal da jornada, oferece ainda a aliciante perspectiva de se avaliar o grau de resistência do Benfica que ainda não foi derrotado no torneio e, ainda atrai pela circunstancia do Belenenses não desejar ver os «encarnados» aumentarem o avanço de pontos.

Eis o programa dos jogos:

Belenenses-Benfica
F. C. Porto-C. U. F.
Académica-V. Guimarães
Leixões-Sporting da Covilhã
V. Setubal-Boavista
Sporting de Braga-Lusitano

O encontro do Restelo — a lotação está já esgotada desde o princípio da semana — é daqueles que valem quase por um campeonato. As posições dos dois antagonistas na tabela classificativa pressupõe uma série de conjecturas, qual delas a mais falível em face dos imponderáveis do jogo. Os «azuis», separados por cinco pontos, pretendem anular a diferença e, assim, alimentarem a esperança de continuarem integrados no lote dos que aspiram ao 1.º lugar. Em contrapartida, os «encarnados» pensam em desembaraçar-se, quanto antes, de perseguidores perigosos.

Desafio predestinado a proporcionar um bom espectáculo desde que reine a harmonia e compostura de atitudes.

Vaticínio dificílimo de formular, embora o empate pareça encaixar-se, sem esforço, na diversidade de prognósticos.

Na jornada avulta o despique de Coimbra, onde os Vimaranenses figuram como visitantes. Os Minhotos, bem classificados, não quererão perder o terreno conquistado anteriormente com brilho, mas os estudantes possuem capacidade para contrariar o talento do antagonista. Um empate apresenta-se o resultado mais viável.

Nos restantes jogos, a previsão da vitória dos visitados — F. C. Porto, Leixões,. Vitória de Setubal e Sporting de Braga — parece ser a que reune maior numero de votos.

Recorda-se a classificação actual: 1.º, Sporting, 22 pontos; 2.º, Benfica, 21; 3.º, V. Guimarães, 17; 4.º, Belenenses, 16; 5.º, Spt. da Covilhã, 14; 6.º, Académica, 13; 7.º, F. C. Porto, 12; 8.º, Leixões, 10; 9.º, Atlético, Lusitano, C. U. F. e V. Setubal, 9; 13.º, Spt. de Braga; e 14.º, Boavista, 8.

O Sporting e o Atlético têem um jogo a mais:

F. C. PORTO, 1 — FIRST VIENA, 2

A docilidade dos portuenses

permitiu a vitória dos austríacos

Desolador é o adjectivo que primeiro ocorre para se exprimir, numa ideia geral, o encontro do Estádio das Antas. Os Austríacos não aliciaram a atenção dos desportistas nortenhos que pensaram sempre numa vitória fácil para os campeões nacionais.

Depois, o estado do tempo afastou o publico, desenrolando-se o jogo perante meia duzia de curiosos obstinados, reunidos em família sob a cobertura da bancada central.

Não perdeu grande coisa quem não foi ás Antas. Exibindo um futebol demasiado vulgar, os Austríacos não mostraram nada de novo. Retiraram vencedores é certo, mas depois de provar a autenticidade de um real e desgostante declínio do jogo austríaco.

Por seu turno, os Portuenses não fizeram da partida questão de honra, e salvo raras ocasiões de empertigamento, entregaram-se a uma manobra inconsequente, morna no entusiasmo e na inspiração. A relativa debilidade dos Vienenses deu no entanto, oportunidade, mesmo assim, á criação de uma mão cheia de oportunidades de golo que os avançados «azuis e brancos» desaproveitou por três motivos: Falta de decisão no remate, eficácia do guarda-redes visitante e certa falta de sorte.

Tentando a sua «chance» em contra-ataques, forjados na base de sequência simples com o aproveitamento das faculdades atléticas dos avançados, os visitantes acabaram por ganhar a partida. Dois dos seus componentes sobressairam da vulgaridade do conjunto, contribuindo de maneira directa para o resultado: o guarda-redes e o interior-direito, aquele, impedindo a concretização dos avanços portuenses, o ultimo marcando os dois golos.

O First fez uma unica substituição enquanto o Porto utilizou nada menos de dezassete elementos. De todos o melhor foi o argentino Montaño, seguindo-se Humaitá, Virgílio e Pedroto. — *M. Dias*

HOJE, À NOITE

HOMENAGEM — O Sporting leva a efeito um jantar de homenagem ao seu jogador de futebol, David Julio, que recentemente obteve a naturalização portuguesa.

REUNIÃO — O Conselho Técnico da F. P. F. reune-se para apreciar o protesto do Leixões relativo ao jogo com o Sporting, da Taça de Portugal.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Torneio Nacional de corta-mato para aspirantes, disputa-se, no Porto, nos terrenos da Senhora da Hora, ás 11 horas.

BASQUETEBOL—Disputam-se os jogos em atraso do campeonato da 3.ª Divisão da A. B. L.: *Série A* — Ávila-Pedrouços, na Boa Hora, ás 10 h. *Série B* — Lisgás-Combatentes (1.ª e 2.ª) em Santo Antão, ás 9 e 30 e 10 e 30 e Física-Campolide, em T. Vedras, ás 11 horas.

CICLISMO — O Campeonato Nacional de corta-mato ciclopedestre realiza-se ás 9 horas, no Porto—Lugar da Costa, Pinhais da Cabreira, Fonte da Costa e Lugar da Costa.

DESPORTO CORPORATIVO — Prosseguem os campeonatos nacionais (distritais de Lisboa, de basquetebol e futebol) realizando-se encontros nos campos do Porto de Lisboa (basquetebol) e de Alvalade, Belém.

RAGUEBI—Prossegue o Campeonato Nacional de Raguebi, com os seguintes encontros: C. D. U. L.-Agronomia, no E. Universitário ás 11 h.; Direito-Belenenses, no E. Nacional, ás 11 h. e Sporting-Internacional, em Alvalade, ás 10 h.

Os dois primeiros encontros são precedidos dos jogos de reservas, a contar para o respectivo campeonato.

TIRO A CHUMBO — No «stand» do Lumiar, a partir das 15 h. prosseguem os torneios do C. P. T. C.

«FAIA», NA CUF

O Barreirense recebe 150 contos pela transferência

O popular jogador João Julio de Almeida e Silva (Faia) foi, definitivamente, cedido ao Grupo Desportivo da C. U. F. A respectiva transferência importou em 150 mil escudos, importancia que reverte a favor do Barreirense, cuja direcção no comunicado, que afixou ontem na séde, classifica a decisão de «tarefa ingrata e difícil».

Esclarece-se que o jogador desde o princípio da época abandonara os treinos e depois fora admitido como funcionário da empresa C. U. F.

PROVAS DA A. F. L.

Os jogos de amanhã

Prosseguem amanhã os torneios da A. F. L. estando marcados os seguintes torneios:

Camp. da 1.ª Divisão — Sintrense-Vilafranquense, no campo Manuel Soares Barreto, ás 15 e 30 h.; F. Benfica-Casa Pia, no campo Francisco Lázaro, ás 15 horas; Sacavenense-Alhandra, no campo de Sacavém, ás 15 horas; Vitória-Alverca, no campo do Vitória, ás 15 h.

Camp. da 2.ª Divisão — Odivelas-Palmense, no campo Diogo José Gomes, ás 15 e 30 horas; Ericeirense-Fanhões, no campo Henrique Tomás Frade, ás 15 horas; Charneca-Amadora, no campo Chão do Loureiro, ás 15 horas; União Povoense-Santa Iria, no campo do Telhar, ás 15 h oras; iValonga-Castelo, no campo de Vialonga, ás 15 horas.

Camp. da 3.ª Divisão—Série A— B. Inglaterra-Cascalheira, no campo José Ramos; Carçavelos-Algés, no

(Continua na 11.ª página)

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Peniche e Barreirense devem continuar à frente

Sofrida terceira interrupção, o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão retoma amanhã o seu curso, para nos oferecer a ultima jornada da 1.ª volta.

Com a prova em meio e as possibilidades dos concorrentes mais ou menos definidas, nem por isso o interesse pela competição deixa de se manifestar concludentemente.

Na Zona Norte realizam-se os seguintes jogos:

Marinhense (10)-U. Coimbra, (7)
Peniche (19)-Vila Real (10)
Espinho (9)-Beira Mar (15)
Sanjoanense (13)-Oliveirense (11)
Acad. Viseu (8)-Vianense (10)
Chaves (14)-Caldas (13)
Torriense (11)-Salgueiros (17)

Na Zona Sul, teremos:

Barreirense, (21)-F. C. Serpa (10)
Farense (13)-Almada (8)
Montijo (11)-Olivais (12)
Lusitano (13)-Estoril (7)
Arroios (4)-Oriental (19)
Beja (10)-Portimonense (16)
Juventude (8)-Olhanense (16).

Entre parentesis indica-se a pontuação de cada uma das equipas.

Os cinco mil contos da Lotaria do Fim do Ano

Horas de alegria em Almeirim

quando os felizes contemplados com a "Taluda"

jornaleiros, comerciantes, proprietários e até senhoras

receberam os muitos milhares de escudos que lhes couberam

Os cinco mil contos da «taluda» do Fim do Ano foram para Almeirim!

Esta foi a novidade da Lotaria que se soube anteontem no País, pouco depois de ter «andado a roda». E era verdade; mais de uma centena de pessoas da risonha vila ribatejana e de povoações das redondezas, entre as quais Alpiarça, tinham comprado as cem «cautelas» com o numero 12.248, certo na Barbearia Central, do sr. José Carvalho e para ali enviado regularmente pela Casa da Sorte.

Soubemos que ontem, de manhã, os cinco mil contos da lotaria do Fim do Ano iam ser entregues aos felizardos — gente de trabalho, comerciantes, proprietários e até algumas senhoras — que em Almeirim esperavam nervosamente pelo dinheiro com que a sorte os bafejara. Era a reportagem de um grande acontecimento que não se podia perder e, por isso, acompanhámos os dois automóveis que iam levar a felicidade a Almeirim. Saíram de Lisboa dois automóveis; no primeiro os funcionários da Casa da Sorte srs. Avelino Magalhães e Ernesto Palha da Silva, que iam proceder á operação; e Amaro Francisco portador da pasta com as cinco mil notas, novinhas em folha, de conto de reis; no segundo viajavam funcionários da Santa Casa da Misericórdia que, apenas por curiosidade, iam assistir ás ruidosas manifestações de alegria que, forçosamente, se iriam produzir.

Foi na própria barbearia do sr. José Carvalho que se procedeu ás formalidades — simples aliás —

Esta senhora apresentou-se a receber os cem contos com que foi premiada na extracção do fim do ano, acompanhada de seu pai

da entrega dos prémios. O primeiro a receber foi o próprio proprietário, que guardou para si 216 contos e distribuiu com os seus «sócios» em várias «cautelas», o restante que lhe coubera: 166 contos para o sr. Isidro José Calado, proprietário, outro tanto para o sr. José Maria Russo, guarda-livros; 25 contos para o seu empregado Isidro Calado Sousa e quantia igual para o seu ex-empregado António Serôdio de Almeida.

Depois foram entrando no estabelecimento os outros felizardos que se aglomeravam á porta e ansiosamente aguardavam a sua vez. O sr. Francisco Freitas Carriço, que é barbeiro em Fazenda de Almeirim, recebeu cem contos; e o mesmo receberam os srs. Ulisses Pinto Ferreira, caixa do Grémio da Lavoura; Manuel Baptista, lavrador em Raposa; e Manuel Proa Gabino, proprietário; o jornaleiro José Apolinário; o sr. Renato André, construtor civil, que nos disse que ia ampliar as suas actividades; e o sr. Adelino Teixeira, serralheiro, que nos afirmou «ir pagar o que deve e orientar bem a vidinha com o que lhe sobejar...».

Bom pronuncio para a nova Junta de Freguesia

Também recebeu cem contos o sr. João de Oliveira Carvalho, de 39 anos, que é o novo presidente da Junta de Freguesia eleita há pouco. E não faltou quem logo dissesse que a sorte do seu presidente era de óptimo augurio para a nova Junta que vai entrar em funções.

Em breve conversa que entretivemos com o sr. João de Oliveira Carvalho, que é do Cartaxo mas reside há 16 anos em Almeirim, onde é funcionário da Junta dos Vinhos, ouvimos-lhe dizer que mandará construir uma casa, mas tem que dar dez contos ao seu filhinho João António, de 5 anos, que é seu «sócio» na lotaria.

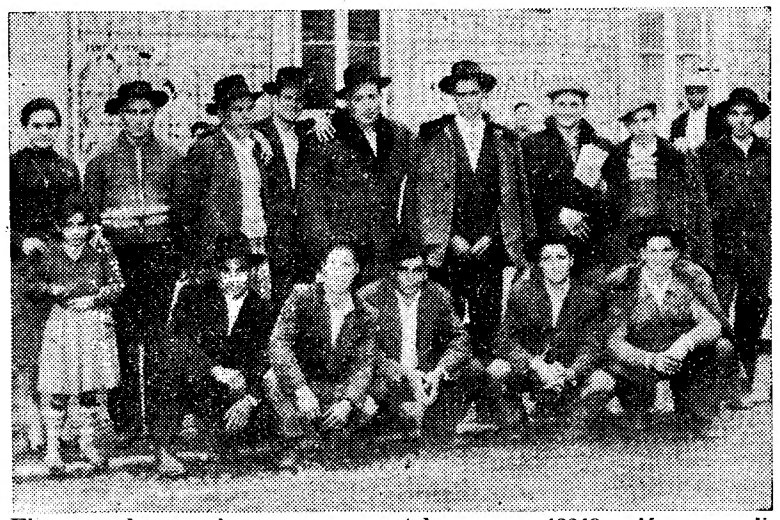
Algumas senhoras foram, também, bafejadas pela lotaria da Santa Casa da Misericórdia, entre as quais, D. Gertrudes Ferreira, esposa do sr. Manuel Coutinho Andários; D. Maria Emília Borges Rodrigues, esposa do sr. José da Conceição Rodrigues, regente agrícola; D. Albertina Maurício Serôdio, casada com o sr. Manuel Rosário Bandeira, ferrador; D. Conceição do Sal Pereira; e D. Ilda André Moreira Pimenta, casada com o sr. Silvestre Peixoto Pimenta.

Terna manifestação de amor familiar

Uma das figuras populares de Almeirim, é o sr. Luís Nunes, de 59 anos, modesto empregado camarário, pois é o guarda das sentinas publicas e, também, quando dispõe de tempo, engraxador. Pois o sr. Luís Nunes apareceu ontem, de fato domingueiro, que não escondia a sua condição modesta, mas feliz, para receber os cem contos que lhe couberam.

Era feliz, porque ia fazer a felicidade da sua família; de sua mãe que conta 80 anos e das suas filhas casadas, com homens honrados, trabalhadores, mas pobres. A estes três entes queridos que eu ainda tenho — disse-nos com a maior simplicidade — posso agora dar-lhes muita alegria e alguma ventura.

O desfilar de pessoas de quem a sorte se lembrou continuava perante os nossos olhos. Agora eram os srs. Manuel Carlos de Oliveira, industrial de padaria e Albino João Gonçalves, funcionário da Hidro-Eléctrica do Alto Alentejo, «sócios» numa cautela; depois o sr. Amador Figueiredo Simões, gerente do Grémio da Lavoura, portador de uma «cautela»; a seguir o sr. Adelino Teixeira, serralheiro, que nos declarou que depois de pagar o que deve vai, com o que lhe sobejar, orientar bem a «vidinha»; e os srs. Manuel Moita Leonor, grande comerciante da região e Adelino Novais Branco, proprietário do jornal «O Almeirinense», duas pessoas bemquistas na terra e que gozam de grande estima dos seus conterraneos.



Eis o rancho que jogou numa «cautela» com o 12248 e já com o dinheiro que lhes pertence, na mão do companheiro que o foi receber

O azar não está sempre atrás da porta...

Caso bem comovente, o do sr. Manuel Pereira Sapateiro Fidalgo. Proprietário de umas terras, várias contrariedades forçaram-no a hipotecá-las. Bacorejava-lhe, porém, o coração, de que a lotaria da Santa Casa da Misericórdia haveria um dia de resolver os seus problemas — e não se enganou.

Jogava há muito o Manuel Fidalgo com o 12.248. Era uma fé e ainda na lotaria do Natal gastara todo o dinheiro que havia no seu lar triste, no «jogo» a que se apegava para endireitar a vida. Nada. E, para cumulo da fatalidade, não pôde ir buscar a sua «cautela» para a lotaria do Fim do Ano.

Quando o Fidalgo soube que a «taluda» tinha saído no 12.248, chorou de desespero. Era o cumulo da fatalidade, pois desta vez não a tinha.

Mas o sr. José Carvalho é amigo do seu amigo e guardou a «cautela» do Fidalgo. Pagá-la-ia quando pudesse. Bonito gesto de um honrado comerciante. O Manuel Fidalgo recebeu ontem, de manhã, os cem contos que o vão salvar, pois pode pagar as hipotecas e safar as suas propriedades de irem á praça dentro de dias, para pagar uma pequena dívida.

Voltou ontem a rir-se o Manuel Fidalgo; voltou a haver sol e feli-

Alguns dos felizes contemplados aguardam a sua vez de receber a sua parte na «taluda» do Fim do Ano

cidade no seu lar que já não é pobre.

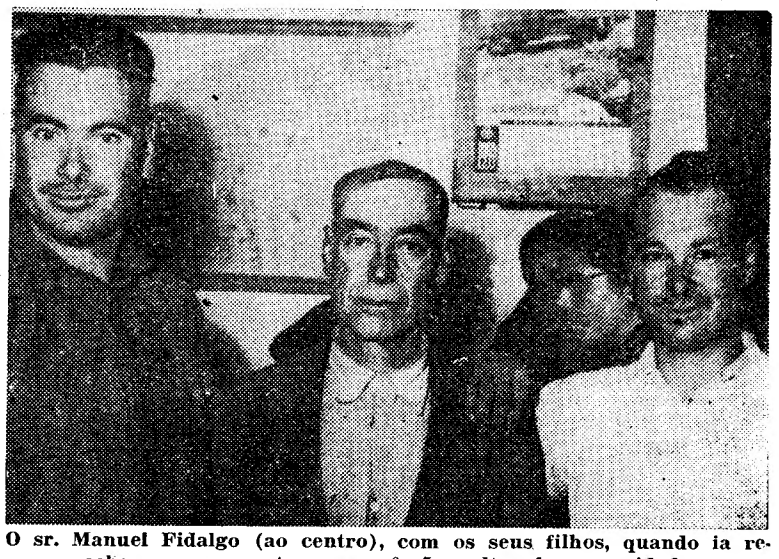
Treze homens felizes que são agradecidos

Lá para as bandas de Fazendas de Almeirim, um punhado grande de trabalhadores, moireja o pão de cada dia. Um do rancho lembrou-se de comprar uma cautela para a lotaria do Fim do Ano. Foram treze, que se reuniram para ir á procura da sorte: o João Castelo Reguinga, mais os irmãos Virgílio e Manuel Guedes, o Joaquim Lino, o Manuel Serambeque, o António da Costa, mais o José Monsanto, o António Tomé, o Manuel Emídio, e ainda o José Fidalgo dos Santos, o João Rodrigues Fonseca, o José Justino e o José Serôdio Santiago. Faltava-lhes, contudo, o dinheiro e foi então o companheiro, António Fulgêncio quem lho emprestou, mas sem entrar na «sociedade».

Pois ontem de manhã lá apareceram os treze — afinal o numero dá sorte — para receber sete contos e quinhentos cada um e todos ofereceram depois, mil e trezentos escudos ao companheiro que lhes proporcionara todo aquele dinheiro.

É tudo gente sã e amiga do patrão, que também o é deles e, por isso, os treze jornaleiros resolveram não receber a féria desta semana, oferecendo os dias que já haviam trabalhado.

O sr. José Carvalho, proprietário da Barbearia Central, onde foi vendido o 12248, acaba de receber do funcionário da Casa da Sorte a sua «sorte grande»



O sr. Manuel Fidalgo (ao centro), com os seus filhos, quando ia receber os cem contos que o farão voltar á prosperidade

Os filhos, a grande preocupação

Mas não acabam aqui as histórias enternecedoras da «taluda» da lotaria do Fim do Ano que foi parar a Almeirim.

O proprietário da barbearia, com a pequena fortuna que recebeu vai alindar o seu estabelecimento, intensificar o negócio de lotarias e educar as suas duas filhinhas Maria Zulmira, de 8 anos e Ana Maria, de 3 anos.

Também o sr. José Veríssimo Galego, que jogou «a meias» numa cautela com seu primo José Veríssimo Galão, ambos proprietários de uma drogaria, destinará parte dos cinquenta contos que recebeu para a educação de sua filha que em breve irá para o liceu.

Houve, ainda, muito mais gente bafejada pela sorte. Era de autêntica romaria, a caminhada para a barbearia do sr. José Carvalho, onde os funcionários da Casa da Sorte, solícitamente, atendiam os portadores das cautelas. Também, lá apareceram, entre outros, o sr. Arnaldo da Silva Godinho, que tinha uma sociedade com o seu amigo João Maria Serôdio, que habita em Beja; os agricultores António Felício Alves e Manuel Gerardo Bento, também sócios numa «cautela»; e os primos, José Serralheiro Fulgêncio e Vítor Serralheiro, que receberam cinquenta contos cada um.

Esta foi a melhor lotaria do «Fim do Ano»

Concluída a nossa reportagem em Almeirim, faltam para a completar, alguns apontamentos de muito interesse, sobre as lotarias do «Fim do Ano».

O interesse pelas lotarias é sempre crescente, provam-no os numeros. E esta do «Fim do Ano», naturalmente, não foge á regra e que se demonstra fácilmente, tomando para exemplo os ultimos cinco anos.

Em 1955 foram emitidos 32.400 bilhetes, ao preço de 600$00 cada. Todos foram vendidos, sendo a «sorte grande» de três mil contos; em 1956, emitiram-se 33.200, a idêntico preço e para igual prémio que se esgotaram. Desde então o prémio maior passou a ser de cinco mil contos, sendo o preço de 900$00 cada bilhete. Em 1957 venderam-se 31.200, tantos quantos os emitidos; em 1958, 30.302, tendo sobrado 3.698, mas nesta ultima lotaria do «Fim do Ano» o aumento foi sensível, pois venderam-se 33.423 e apenas ficaram em «casa» 177 bilhetes.

Outro pormenor elucidativo do aumento da lotaria é o do capital realizado pela Santa Casa da Misericórdia: em 1955, 19.440.000$00; em 1956, 19.920.000$00; em 1957, 28.080.000$00; em 1958, 27.271.800$00; e finalmente em 1959, 30.080.700$00.

Com as lotarias do Natal, sempre a mais importante do ano, também os numeros afirmam o interesse do publico: em 1955 foram vendidos 33.000 bilhetes ao preço de 1.800$00; em 1956, 33.200 bilhetes, a idêntico preço; em 1957, 32.200 bilhetes, mas já a 2.100$00; em 1958, ao mesmo preço, 33.954 e no ano que terminou agora, 34.912, a 2.300$00. Nesta ultima lotaria dia do Natal houve de emitir mais 800 bilhetes tal foi a procura, verdadeiramente extraordinária.

Tágide
Telef. 35327/8
Lisbôa

CARMEN AMAYA
E O SEU ESPECTÁCULO
(MAIORES DE 17 ANOS)

Palm Beach
Telef. 080851/2
Cascais

O MAGO DE ROMA

profetiza para este ano...

ROMA, 2. — Vamos entrar «numa era de maior confiança e serenidade», profetizou para 1960 Lélio Alberto Fabriani, o mago de Roma, que usa para as suas previsões a «bola de cristal» e a astrologia. Prevê que Kruchtchev desaparecerá em 1960 da cena política, mas depois de ter dado uma «contribuição importante para a causa do desanuviamento». Nixon será eleito presidente dos Estados Unidos. O problema de Berlim não será resolvido. Continuarão os «ciumes sino-soviéticos». Entrementes, Farah Diba terá uma filha do xá.

O Vaticano terá na política internacional um papel relevante, «Veremos mesmo — profetizou — mudanças substanciais no vestuário do clero. O Catolicismo tornar-se-á menos dogmático e mais aberto ás correntes do pensamento humano».

Na Itália, cairá o Governo de Segni, em Abril ou Maio, sucedendo-lhe um «Governo balnear», quer dizer, que durará apenas a época de banhos, ao qual sucederá outro duradoiro e disciplinador. — (F. P.).

O subsecretário

da Educação

incitou a juventude

à paixão pela verdade

O subsecretário de Estado da Educação Nacional e comissário nacional da Mocidade Portuguesa, dr. Rebelo de Sousa, dirigiu ontem á juventude a sua habitual mensagem de Ano Novo, desta vez subordinada ao tema: «A Paixão da Verdade!».

Na sua mensagem, que a Emissora Nacional transmitiú ás 14 horas, disse o dr. Rebelo de Sousa:

— No início do Novo Ano, falando a linguagem da Juventude, não lhe desejarei ano fácil, ano cómodo, ano feliz no significado corrente de sem esforço, sem contrariedades, sem nuvens, sem canseiras, sem trabalho. Ano feliz, sim amigos: mas ano de denodado combate, de labor intenso, de luta viril! De contrário, não vos desejaria ano novo, mas ano velho! Aos que, velhos e novos, se quedam pelo caminho, aos que se enebriam com as fáceis vitórias da glória ou do dinheiro, aos que se consolam com o terreno conquistado e deixam de conduzir mais alto e mais além a bandeira, aos que, numa palavra, estagnaram, resignaram, desistiram, — se é que não atraiçoaram — havemos de levar o nosso entusiasmo contagiante! Devemos gritar-lhes, aos que se perdem no transitório e mesquinho das vaidades feridas ou das ambições satisfeitas ou não, que outro é nosso rumo. Rumo de um mundo novo, rumo de um Portugal novo — onde esses, a persistirem assim, não terão lugar!

E terminou por afirmar:

— Paixão da Verdade — que é culto da Justiça e das leis que a regem, e que afasta, inexorávelmente, arbítrios, caprichos, favoritismos e empenhos, para — na igualdade que não é indiscriminação — dar tão sómente a cada um o que lhe pertença, na directa razão dos méritos de cada um.

O cardeal-patriarca acaricia uma criança que os pais levaram á recepção no Patriarcado

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Os cumprimentos ao Chefe do Estado no Palácio de Belém

(Continuação da 1.ª página)

recebeu aquelas individualidades no palácio nacional de Belém, onde, ás 11 horas, chegou o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, acompanhado do seu secretário, padre José Maria. Sua eminência foi recebido pelos srs. dr. Luís Pereira Coutinho, secretário da Presidência da Republica; brigadeiro Teixeira Pinto, chefe da Casa Militar do Presidente; comandante Guilherme Tomás, ajudante de campo; e capitão Soares Cunha, secretário particular. Na sala do conselho de Estado, aguardava-o o sr. almirante Américo Tomás, a quem saudou e formulou votos de feliz ano novo em seu nome pessoal e no do clero do Patriarcado de Lisboa.

Depois, o Chefe do Estado e o sr. caredal-patriarca conversaram a sós, durante cerca de meia hora, no gabinete do Presidente.

Os cumprimentos do Governo

Ás 11 e 30, chegou á Presidência da Republica o sr. prof. dr. Oliveira Salazar, que foi recebido pelos elementos das casas civil e militar do Chefe do Estado, já referidos. No momento em que o presidente do Conselho se dirigia para a sala do Conselho de Estado, saía desta o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, acompanhado do sr. almirante Américo Tomás. Os fotógrafos da Imprensa e os operadores da Televisão aproveitaram a oportunidade para fixar um facto que o protocolo não previa. Após breve troca de saudações, entre o Chefe do Governo e o sr. cardeal-patriarca, o purpurado retirou-se.

O sr. prof. dr. Oliveira Salazar exprimiu então, ao Chefe do Estado, em seu nome e no do Governo, os votos de felicidade e prosperidade para o ano novo.

A seguir, e na presença do chefe do Governo, o sr. almirante Américo Tomás recebeu os cumprimentos dos srs. conselheiro Albino dos Reis, dr. Luís Supico Pinto, conselheiro Cruz Alvura e brigadeiro França Borges, respectivamente, presidentes da Assembleia Nacional, Camara Corporativa, Supremo Tribunal de Justiça e Camara Municipal de Lisboa.

Quando aquelas quatro ultimas individualidades se retiraram, o Chefe do Estado e o sr. Presidente do Conselho passaram para o gabinete do sr. almirante Américo Tomás, onde se mantiveram a conversar até depois do meio-dia.

Durante a manhã e de tarde, estiveram na Presidência da Republica, a deixar cartões e a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado, muitas individualidades oficiais e particulares.

OS CUMPRIMENTOS DOS PRESIDENTES: O Presidente da Republica recebe, em Belém, os presidentes do Conselho, da Assembleia Nacional, da Camara Corporativa, do Supremo Tribunal de Justiça e do Município de Lisboa.

Durante mais de cinco horas

o cardeal-patriarca recebeu

cumprimentos de Ano Novo

Comemorando a entrada do novo ano, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa deu ontem recepção, no palácio do Campo de Santana, cujas salas se encheram de centenas de pessoas. A recepção efectuou-se na sala do trono, onde as individualidades eram introduzidas pelos reverendos cónegos dr. Honorato Monteiro e Filipe Cardoso e beneficiado José Maria Rodrigues. O eminente purpurado começou a receber as primeiras individualidades pouco depois das 14 horas e, já depois das 18 ainda havia pessoas no salão de visitas, aguardando a vez de serem recebidas. A primeira individualidade que o sr. cardeal-patriarca recebeu foi o chefe da Casa Militar do Chefe do Estado, brigadeiro Teixeira Pinto, que em nome do sr. Presidente da Republica apresentou pessoalmente cumprimentos ao sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, retribuindo assim os cumprimentos que o eminente purpurado, ás 11 horas, fora apresentar ao Chefe do Estado, no palácio de Belém.

Depois, deu entrada na sala do trono o sr. duque de Palmela, que se fazia acompanhar de pessoas de sua família.

Logo a seguir o sr. cardeal-patriarca recebeu os condes das Alcáçovas e família. Ainda antes da hora marcada para o começo da recepção — 14 e 30 — foram recebidas, como de costume, as direcções da Acção Católica e das Juventu-

(Continua na 13.ª página)

Palavras amigas para os soldados de Portugal

Junta Distrital de Lisboa

Na sede da Junta Distrital de Lisboa, na Rua Pascoal de Melo efectuou-se a transmissão de poderes dos antigos aos novos elementos que constituem a Junta Distrital de Lisboa, que agora é presidida pelo sr. eng.º Francisco dos Anjos Ribeiro Ferreira e constituida pelos srs. dr. José Carlos Ferreira, vice-presidente e Daniel da Silva Carvalho, dr. João Ferreira de Oliveira e Adolfo José Almeida e Silva, vogais efectivos, e dr. Sebastião Caetano Fragoso e eng.º Eduardo Mendes Barbosa e José Pedro de Saldanha Oliveira e Sousa, vogais suplentes.

Presidiu á sessão o governador civil de Lisboa, sr. dr. Osório Vaz, que depois de verificar a legitimidade dos poderes dos novos membros da Junta Distrital de Lisboa — segundo determina a lei — conferirá a posse.

TRÊS LINHAS

O «Diário do Governo» publica o Decreto que regula a cobrança das receitas e fixa as despesas do Estado para o corrente ano económico.

///

O sr. Luís Augusto Nest Arnout Pombeiro foi nomeado secretário do sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional.

///

Foi extinto o Ninho dos Pequeninos, de Barrancos, cujos bens e valores reverterão para a Casa do Povo local.

Portugal e a Fra

encontram-se lad

segundo afirmou o embaixador

na recepção do Ano N

A colónia francesa apresentou ontem os seus cumprimentos de Ano Novo ao embaixador de França em Lisboa, que recebeu os numerosos visitantes na companhia de sua esposa, a condessa Bernard de Menthon, o conselheiro da Embaixada, o consul da França e demais colaboradores.

Em nome da colónia, falou o sr. Albert Neuvy, presidente do Coté dos Agrupamentos Franceses em Portugal.

Em resposta, o embaixador da França agradeceu e retribuiu os votos de felicidade, e, abordando as actividades francesas em Portugal, anunciou que a escola francesa do Porto será, em breve, uma realidade, graças á ajuda moral e material dada por um membro da colónia francesa em Portugal, o sr. Marius Latour.

A terminar, o embaixador da França endereçou a Portugal a seguinte saudação: «A amizade tão profunda que une os dois países, baseada em tantas afinidades e laços do espírito e do coração, vê-a ainda mais r lidariedade e político. Se f tar um novo to, bastaria l centes debate ral das Naçõ e Portugal se lado a lado e com o outro»

O transito em Lisboa

Terminam hoje, ás 20 horas, as disposições transitórias tomadas pela Camara Municipal de Lisboa para facilitar o transito na capital, na quadra do Natal e no Fim do Ano. Com elas se procurou descongestionar a Baixa e não prejudicar o andamento dos peões.

Em virtude do êxito conseguido e, aproveitando a experiência adquirida nestes dias, a Camara resolveu manter em vigor parte dessas disposições. De carácter provisório passam a ser definitivas. São elas as relativas á Avenida da Liberdade e aos largos de D. João da Camara e do Jardim do Regedor.

Por isso, os condutores de automóveis não poderão mais virar á esquerda na Avenida da Liberdade. É proibido. Terão de seguir á direita para tomarem a sua direcção na transversal seguinte, a não ser que prefiram dar a volta nos Restauradores ou no Marquês de Pombal.

Continua também a proibição no acesso ao Largo de D. João da Camara pelo Largo do Jardim do Regedor.

Novo rel

do Supremo

Foi nomead premo Tribu nistro da De desembargado to, sr. dr. F pes Moreira, juiz conselhei Mesquita, que idade.

CIDLA
TESOURARIA

PARA EFEITO DAS CONFERÊNCIAS DE BALANÇO, ENCONTRA-SE ENCERRADA AO PÚBLICO A TESOURARIA DA CIDLA NOS DIAS 4 E 5 DE JANEIRO.

e a França

...tram-se lado a lado

...u o embaixador da França

...o do Ano Novo

...presentou ...nentos de ...de Fran... ...eu os nu... ...companhia ...a Bernard ...ro da Em... ...ança e de...

...alou o sr. ...te do Co... ...Franceses

...ixador da ...tribuiu os ...abordando ...em Portu... ...a francesa ...uma rea... ...oral e ma... ...bro da co... ...ugal, o sr.

...ixador da ...ugal a se... ...nizade tão ...ois países, ...ades e la... ...ação, vê-a

...Lisboa

...horas, as ...tomadas ...de Lisboa ...na capital, ...o Fim do ...ou descon... ...prejudicar

...conseguido ...iência ad... ...amara re... ...parte des... ...er provisó... ...tivas. São ...ida da Li... ...D. João da ...egedor.

...s de auto... ...is virar á ...Liberdade. ...guir á di... ...a direcção ...a não ser ...a nos Res... ...s de Pom...

...olbição no ...ão da Ca... ...ardim do

ainda mais reforçada pela sua solidariedade e cooperação no plano político. Se fosse preciso apresentar um novo testemunho desse facto, bastaria lembrar que, nos secentes debates na Assembleia Geral das Nações Unidas, a França e Portugal se encontraram sempre lado a lado e votaram sempre um com o outro».

Novo relator
do Supremo Tribunal Militar

Foi nomeado juiz relator do Supremo Tribunal Militar, pelo ministro da Defesa Nacional, o juiz desembargador da Relação do Porto, sr. dr. Francisco António Lopes Moreira, em substituição do juiz conselheiro António de Abreu Mesquita, que atingiu o limite de idade.

Os novos vereadores
reuniram-se pela primeira vez

- **Foi proposta colaboração com as Juntas de Freguesia**
- **Propõe-se a solução do problema dos parques desportivos**

Efectuou-se hoje a primeira reunião publica dos novos vereadores da Camara Municipal de Lisboa.

Presidiu o brigadeiro França Borges, que tinha a seu lado o vice-presidente, sr. Aníbal David; e estavam presentes todos os membros da nova vereação, os directores dos serviços e os chefes das repartições e das secções.

Antes da ordem do dia, o presidente deu as boas-vindas aos novos vereadores, afirmando que poderão contar com a sua leal e franca colaboração e com a compreensão de todos os alvitres e de todas as aspirações dos munícipes, de que eles se fizerem intérpretes. E prestou homenagem á dedicação e aos serviços da vereação que terminou o seu mandato.

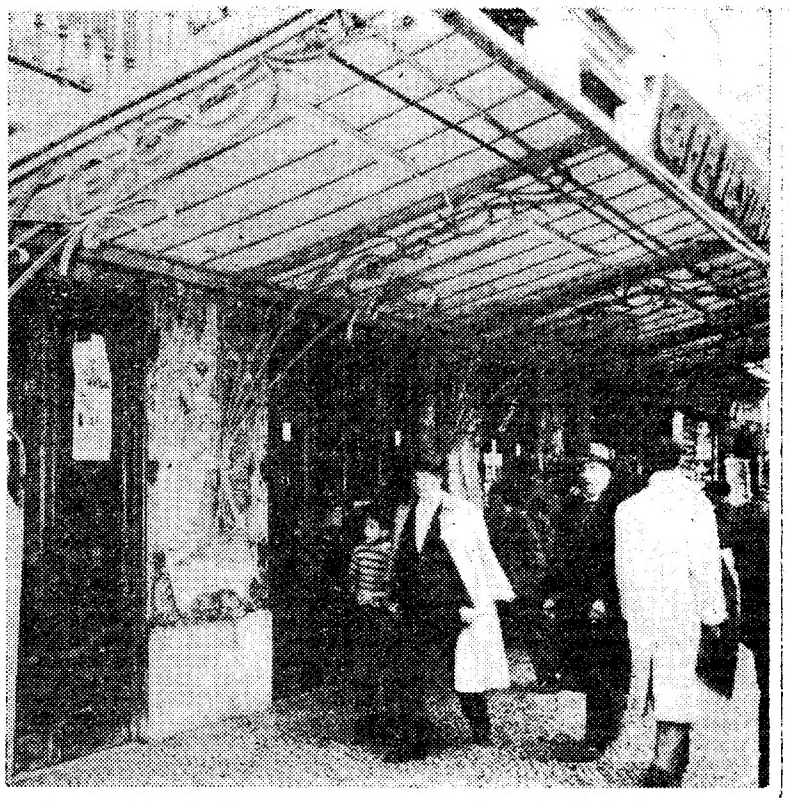
Em nome dos novos vereadores, o nosso camarada da Imprensa João Coito agradeceu as saudações do presidente a quem chamou «o maior defensor dos interesses da cidade», afirmando que pode contar com a total e leal colaboração de todos.

O arquitecto Vasco de Morais Palmeiro (Regaleira) fez votos para que haja uma maior e mais estreita colaboração entre o Município de Lisboa e as Juntas de Freguesia, efectuando-se frequentes visitas dos vereadores, em companhia dos membros daqueles organismos, para se tomar conhecimento das principais aspirações dos munícipes; protestou contra a verdadeira anarquia que existe, em matéria estética e arquitectónica, sem respeito pelas nossas tradições artísticas nem pela nossa sensibilidade, tanto na capital, como nos concelhos limítrofes, pedindo que se estabeleçam normas e que o Município de Lisboa se entenda com os desses concelhos, sobre tal matéria.

O sr. Francisco Cabral Moncada de Carvalho Casal Ribeiro, depois

(Continua na 10.ª página)

O momento em que usava da palavra o eng. Alves da Silva



Predominam a solidão e a nostalgia no local onde existiu o característico Café Royal, cujo fim coincidiu com o de 1959...

Artistas e escritores
reuniram-se no encerramento
do velho Café Royal

O tradicional pitoresco do Cais do Sodré tem agora menos pitoresco. A velha e movimentada praça, centro de reunião de escritores e surrealistas, marítimos e contrabandistas, sofre de melancolia. O Café Royal, de Columbano, Pessoa e Gago Coutinho, já não existe. A característica esplanada onde, ao sol, se misturavam artistas, marinheiros, políticos e turistas, já não se espraia pelo passeio, servindo de moldura ás imagens da Lisboa da «bela época» gravadas nos azulejos da fachada...

Dentro de pouco tempo as portas do edifício voltarão a abrir-se. Mas, em vez de um atraente centro de cavaqueira, do teatro de tantas coisas grandes do espírito, surgirão o rumor das máquinas de somar e calcular de mais um estabelecimento bancários. Os «cafés» cedem o seu lugar aos bancos.

Em romagem de saudade, solidarizaram-se, nos derradeiros momentos do «Royal» os seus mais arreigados frequentadores. No dia 28 encerrara-se a ultima exposição ali organizada, uma do pintor António Domingues. Depois, num encontro organizado, reuniram-se Ferreira de Castro, Mário Domingues, Lopes Graça e o seu orfeão da Academia dos Amadores de Musica, Rogério Paulo e esposa, Romeu Correia, o escritor teatral brasileiro Gianfrancesco Guarnieri, autor de «Gimba», e esposa, Cipriano Dourado, Paulo Guilherme, Cesarini de Vasconcelos e muitas outras figuras bem conhecidas da vida lisboeta.

O movimento no interior do velho «café» restringe-se agora á elaboração do inventário, com vista ao leilão que ali se deverá realizar na terça-feira. Entretanto, o Cais do Sodré parece menos Cais do Sodré...

Recenseamento eleitoral

Começa hoje, em todo o território português, o prazo do recenseamento eleitoral para os deputados á Assembleia Nacional. Em todas as freguesias haverá comissões de recenseamento perante os quais os cidadãos portugueses, maiores, que tenham direito a voto, podem requerer a sua inscrição nos cadernos eleitorais.

O prazo termina no dia 15 de Março próximo.

Para os pedidos de inscrição nos cadernos de eleitores das juntas de freguesia o prazo começa em 1 de Fevereiro e prolonga-se até 15 de Março.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era moderado predominando de Sudoeste, o céu estava encoberto e caiam chuviscos em algumas regiões, por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre o Algarve.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 13°; Coimbra e Faro, 15°; Lisboa, 14°; Portalegre, 11°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS ÁS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 14°,5; na água do mar, 13°,7.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: Máxima, 15°,5; mínima, 13°,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 13°,4; mínima, 7°,3.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.). DE AMANHÃ — Céu muito nublado, vento moderado de Sudoeste, chuviscos principalmente no Norte e nas regiões montanhosas.

OLIVA

Comemorando-se em 1960 o 35.º aniversário das Oficinas Metalúrgicas OLIVA, a Fábrica Portuguesa de Máquinas de Costura resolveu praticar apreciável redução de preços em todos os seus modelos, no desejo de assim corresponder à simpatia e ao acolhimento que o público sempre lhe tem dispensado.

OLIVA

MÁQUINA DE COSTURA DE PORTUGAL

INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA, FILHOS & CA., LDA.

S. JOÃO DA MADEIRA

OURO E PRATA

Compra e vende aos melhores preços

OURIVESARIA PIMENTA

R. Augusta, 253 — Telef. 24564

A GERENCIA DO

Restaurante Bar Fim do Mundo

Telefone 080200

e

Pastelaria Snack Bar Boca do Inferno

Telefone 081192

CASCAIS

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Novo Ano cheio de prosperidades.

ACIDENTES DE VIAÇÃO

Um morto e três feridos
no choque de dois carros
perto do Aeroporto da Portela

O primeiro dia do ano ficou trágicamente assinalado na estrada fatídica, onde tantos desastres se têm verificado: a estrada da Rotunda da Encarnação.

Pouco passava das 21 horas, perto daquela rotunda, parou um automóvel que vinha em direcção á cidade. O condutor foi arranjar a luz das traseiras que iluminava a matrícula. Quando estava agachado a fazer a reparação, veio outro automóvel, no mesmo sentido, em grande velocidade, que chocou com as traseiras do carro parado. Colheu o condutor e, depois, sem governo deu várias voltas sobre si mesmo, indo tombar quase desmantelado a alguns metros de distancia.

Acorreram outros automóveis que passavam. Os três ocupantes do carro causador do desastre, gravemente feridos, foram levados ao Hospital de S. José. O condutor poucos sinais dava de vida; uma automaca dos bombeiros de Sacavém levou-o a S. José, onde chegou já morto, sendo o cadáver removido para o Instituto de Medicina Legal. Trata-se de Mário Pontes, de 40 anos, motorista, residente na Rua da Arrábida, 51, r/c. Os seus dois amigos Mário Ramires Ferreira, de 29 anos, também motorista, morador na Vila Rocha, 19, 2.º, ás Escolas Gerais, e José Alexandre, de 27 anos, protésico dentário, morador na Rua de Santa Marta, 45, r/c., que o acompanhavam, o primeiro gravemente ferido na cabeça e com outras contusões pelo corpo, e o segundo ferido no rosto ficaram internados naquele hospital.

O condutor do carro parado, também foi levado para o Hospital de S. José, ficando internado com fractura exposta de uma das pernas. Trata-se do segundo sargento do Exército Fernando Vieira da Roda, de 30 anos, em serviço no quartel de Artilharia 4, em Leiria, e residente em Alqueidão da Serra, Porto de Mós, que dali viera, acompanhado da esposa e dos pais, visitar o seu irmão Manuel Vieira da Rosa, operário da Covina, residente na Póvoa de Santa Iria. Tinham passado o dia juntos e vinham de passeio á Baixa, ver as iluminações. Apesar do Manuel se encontrar junto do irmão nada sofreu. A restante família, que estava dentro do carro, também nada sofreu.

Os ocupantes do outro carro regressavam do Cartaxo onde tinham passado o dia.

Três feridos no Largo de Alcantara

No dia 31, á tarde, no Largo de Alcantara, chocaram dois automóveis, um dos quais foi atirado para cima do passeio, onde foi colher dois transeuntes, Arnaldo Coelho, de 52 anos, marítimo, residente na Rua da Costa, 142, e Albertina da Conceição, de 36 anos, residente na Rua Capitão Afonso Pala, 25. Foram transportados ao Hospital de S. José, onde a Conceição, muito ferida na cabeça, ficou internada. O condutor do carro que galgou o passeio, Adelino Rodrigues, de 31 anos, residente na Rua de Campolide, 6, sofreu forte pancada na cabeça, pelo que também foi levado áquele hospital, onde recebeu tratamento, não ficando internado, por a isso se ter recusado.

Avó e neta feridas no Terreiro do Paço

Na Praça do Comércio, foram anteontem á noite colhidos por um automóvel quando se dirigiam para a estação fluvial, para embarcarem para a Outra Banda, José Francisco Porto, de 61 anos, e sua mulher Rosa de Jesus Ferreira, da mesma idade, e a neta de ambos Maria Joaquina, de 10 anos, residentes na Rua Heliodoro Salgado, 8, 3.º, em Almada. Levados ao Hospital de S. José, receberam ali tratamento tendo ficado hospitalizadas, muito contusas, a avó e a neta.

Menor colhido em Odivelas

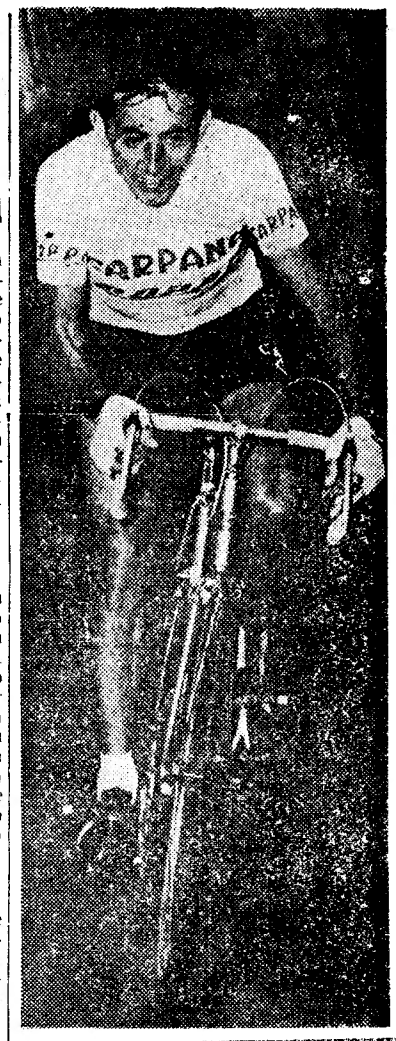
Vítor Manuel Alves Moreno, de 9 anos, Rua A, ao Bairro da Urmeira, lote 17, 1.º, foi colhido por um automóvel em Odivelas. Foi internado em S. José com vários ferimentos e contusões.

Fracturou uma perna

Maria Edite Lopes, de 18 anos, serviçal, Avenida do Aeroporto, 355, 4.º-B, dir.º foi colhida por um automóvel, naquela avenida, fracturando uma perna, pelo que teve de recolher ao Hospital de S. José.

Um automóvel despenhou-se por uma ribanceira

ALIJÓ, 2 — Um automóvel de praça, conduzido por António Augusto Fontinha, quando passava pelo lugar de Presandes, desta vila, derrapou e saiu do leito da estrada. Depois de dar três voltas, despenhou-se pela ribanceira, ficando muitos feridos o motorista e o passageiro, sr. João de Magalhães, os quais recolheram ao hospital.



MORREU FAUSTO COPPI
vitima de uma bronco-pneumonia

TORTONA, 2 — O grande ciclista, Fausto Coppi, expirou ás 7 e 45 horas no hospital desta cidade, onde estava a ser tratado de uma bronco-pneumonia desde ontem á tarde. O seu estado foi piorando gradualmente e depois de ter recebido, ás três horas da madrugada, a extrema-unção, ministrada pelo capelão do hospital. Fausto Coppi entrou em coma.

Resultaram infrutíferos todos os esforços feitos pelos mais eminentes médicos italianos para o salvar. — (F. P. e A. N. I.).

N. da R. — *O ciclismo mundial perde um dos seus mais extraordinários corredores de todos os tempos. Fausto Coppi, que foi considerado como «campionissimo», colecionou retumbantes vitórias, nas Voltas á Itália e França, e estabeleceu «records» de magnifico valor atlético em inumeras provas. Coppi e Bartali formaram um duo que manteve durante vários anos uma acesa rivalidade.*

O malogrado corredor exibiu-se, em Portugal, num festival de pista onde deixou vincada a sua excepcional classe.

Ficou também célebre pelo seu drama sentimental com a «dama de branco».

Rafael Geminiani atacado de violenta febre

CLERMONT-FERRAND, 2 — O ciclista francês Rafael Geminiani está de cama há oito dias, atacado de violenta febre. Sofre de dores nos rins, nas pernas e na garganta. Parece tratar-se de doença provocada por um virus. — (F. P.).

A sessão municipal

(Continuação da página central)

de cumprimentar o presidente, dissertou largamente sobre os problemas do transito e ocupou-se dos parques desportivos existentes na capital e que trazem para os respectivos clubes encargos pesadíssimos. Respondendo ás críticas aos elevados preços pagos por transferências de jogadores, disse que eles se justificam pela necessidade de ganhar jogos e campeonatos e de conseguir receitas, para pagar esses e outros encargos. Pediu á presidência que estude tão importante problema, de modo a libertar os clubes que tanto têm trabalhado pelos desportos de tão grandes responsabilidades financeiras. E terminou saudando a Imprensa.

O engenheiro Manuel Alves da Silva, depois de elogiar a obra já efectuada pelo presidente, pediu que lhe sejam fornecidos, além duma planta da cidade, todos os elementos referentes á Avenida da Liberdade, especialmente sobre o que tem impedido o seu prolongamento. E sugeriu que o problema do transito na Praça do Brasil seja estudado de novo.

O engenheiro Segismundo do Carmo da Camara de Saldanha sugeriu que se reate o costume da Exposição Nacional de Floricultura interrompido desde 1952; pediu que se dê destino rápido ao material que se encontra no estaleiro do Metropolitano, no Parque Eduardo VII; e criticou o abuso do numero de choupos na arborização da capital, por a sombra que proporcionam ser insignificantes.

O sr. Paulo Campos Elisiário pediu que lhe sejam fornecidos numeros referentes aos autos levantados pela Polícia Municipal, contra comerciantes retalhistas sob a acusação de especulação. E pediu ao presidente que sejam dadas áquela Polícia instruções no sentido de a sua acção ser mais orientadora e preventiva do que repressiva.

O sr. presidente informou de que: está concluído o regulamento do transito na parte baixa da cidade, que vai ser discutido; e está prevista a Exposição Nacional de Floricultura, em local ainda não determinado, no próximo mês de Junho.

Depois, o presidente propôs que a reunião publica mensal da Camara passe a fazer-se na primeira quarta-feira da segunda quinzena, em vez de ser á quinta, como até aqui. Em consequência disso, a próxima reunião efectuar-se-á no dia 20 do corrente, ás 10 e 30.

Mensagem do presidente do Município

Através do programa radiofónico «Voz da Cidade», transmitido ontem pela Emissora Nacional, o presidente do Municipio de Lisboa dirigiu uma mensagem de Ano Novo á população da capital

Atirou um tamanco á cabeça da sogra

OLIVEIRA DE AZEMEIS, 2.—Deu entrada no hospital desta vila para receber tratamento de profundo ferimento na cabeça, a sr.ª D. Amélia França Martins, esposa do sr. Ismael Martins, industrial de calçado, residente no lugar da Fontinha.

O ferimento foi produzido por um tamanco que a nora da sr.ª D. Amélia lhe atirou á cabeça.

A CHEIA DO TEJO

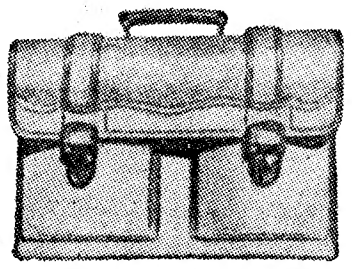
Por motivo da cheia do Tejo, está interrompido o transito nas Estradas Nacionais 3-2, entre a ponte de Reguengos e Valada, e 3-3, entre Santana e Porto de Muge.

Já se encontra restabelecido o transito no Dique dos Vinte.

TOMOU POSSE
a comissão executiva da Junta Distrital de Coimbra

COIMBRA, 2 *(Pelo telefone)*.— Na sede da Junta Distrital o governador civil, sr. eng.º Horácio de Moura, conferiu esta manhã a posse á respectiva comissão executiva, constituída pelos srs. dr. Bissaia Barreto, presidente; dr. José Santos Bessa, vice-presidente; dr. António Sutero, da Figueira da Foz; dr. Henrique Simões, de Poiares, e Eduardo Francisco Filipe, de Coimbra, vogais. O chefe do distrito usou da palavra para enaltecer a prestigiosa obra do sr. dr. Bissaia Barreto, referências a que este professor agradeceu.

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio *A. Comprido* — R. Madalena, 97

Vida social

EMBAIXADOR MARTIM FRANCISCO LAFAYETTE DE ANDRADA

Para ocupar o seu novo posto de embaixador na Guatemala, para que foi designado recentemente, seguiu no «Cabo de San Roque» o sr. embaixador Maritm Francisco Lafayette de Andrada, que até há pouco exerceu as funções de encarregado de Negócios do Brasil em Lisboa. Entre várias entidades que estiveram a despedir-se do diplomata, o sr. 1.º tenente Macedo Alvarruga representava o ministro da Marinha.

O embaixador Lafayette de Andrada deixa no nosso País, de que é um grande e devotado amigo, as melhores recordações.

CASAMENTO

Na igreja do Senhor Jesus dos Navegantes, em Paço de Arcos, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Amélia Romeu de Moreira Rato, filha de D. Ivone Freitas Romeu de Moreira Rato e do sr. eng. Joaquim da Silva Moreira Rato com o sr. Rolério Tible Martinez, filho da sr.ª D. Concepcion Martinez de Tible e do sr. Raimundo Tible Martinez. Foram padrinhos, por parte da noiva, sua avó, a sr.ª D. Amélia Moreira Rato e seu pai; e por parte do noivo seus pais.

Os noivos seguiram para o Norte em viagem de nupcias.

EMBAIXADOR DR. ANTÓNIO DE FARIA

Na avião da TAP vindo de Paris, chegou ontem a Lisboa, acompanhado de sua esposa, o embaixador sr. dr. António de Faria, representante permanente de Portugal no Conselho da N. A. T. O., com sede naquela cidade.

HOMENAGEM
em Viseu a um sacerdote e professor que conta 96 anos

VISEU, 2 — O cónego sr. dr. Isidoro Martins, professor aposentado do Liceu de Viseu, veneranda figura do Cabido capitular desta Diocese, vai fazer, nos primeiros dias de Abril próximo, 96 anos. Contudo todos os dias atravessa as ruas desta cidade, não falta aos seus deveres eclesiásticos e a sua lucidez, a sua rijeza, continuam a ajudá-lo a irradiar a simpatia de sempre.

Por tal motivo, numeroso grupo de seus antigos alunos e admiradores vai promover uma homenagem ao cidadão e ao sacerdote, que a merece a todos os títulos.

Incêndio na Covilhã
numa oficina de bobines

TORTOSENDO, 2 — No lugar da «Guarca» Bairro da Saudade, devido a curto-circuito na instalação eléctrica, manifestou-se incêndio num prédio pertencente á sr.ª D. Manuela de Morais, onde o sr. João Pedro Lagarto tem instalada uma oficina de confecção de bobines para a industria de lanifícios.

Os Bombeiros Voluntários da Covilhã, com o emprego de duas agulhetas, conseguiram apagar o fogo. No entanto, o telhado, bobines, máquinas e outros utensílios sofreram prejuizos, que segundo cálculo devem orçar por cerca de 50.000$00 e que só em parte estão cobertos pelo seguro.

Donativos a 100 pobres
em Sobral de Monte Agraço

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO, 2. — A Santa Casa da Misericórdia, desta vila, distribuiu roupas e géneros alimentícios a mais de cem pobres, sendo o seu provedor, sr. major D. António Braamcamp Sobral, filho da terra, homenageado numa grande manifestação popular, por este e por muitos outros actos da sua habitual benemerência.

+

YVAN DESCHAMPS

MISSA

Sufragando a sua alma e mandada celebrar pelos seus amigos, será rezada Missa de trigésimo dia na Capela de Nossa Senhora da Conceição (Calçada Bento da Rocha Cabral), amanhã, dia 3, ás 12.30 horas.

Abílio de Oliveira Pires (África)

CARDIGOS

Sua família participa que os seus restos mortais são trasladados, hoje dia 2, do navio Pátria, para a igreja de Arroios, de onde o funeral sairá, no domingo, pelas 8 horas, para o cemitério de Cardigos.

Caixa de Previdência do Pessoal da Marinha Mercante Nacional

ADMISSÃO DE CONTABILISTA

Torna-se publico que até 22 do corrente está aberto concurso para o provimento de uma vaga de contabilista de 2.ª classe, existente no quadro desta Instituição, a que sómente podem concorrer os indivíduos habilitados com o respectivo concurso.

Os requerimentos, feitos em papel comum, são remetidos para a sede da Caixa — Rua da Boavista, 81-3.º, em Lisboa —, e devem conter o nome completo, idade, morada, habilitações literárias, classificação obtida e indicação das entidades patronais onde tenham prestado serviço.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1960.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

VIDA ECONÓMICA

(Continuação da 1.ª página)

que tal acto impõe inexorávelmente, de uma viragem radical da nossa consciência económica, sacudindo uma vez por todas os hábitos enraizados, as rotinas confortáveis, os egoismos por tanto tempo aceites com singular complacência. Como afirmou o Secretário de Estado dr. Correia de Oliveira depois da assinatura da Convenção de Estocolmo — nessa data que será histórica de 30 de Dezembro de 1959 — o ingresso na Associação Europeia de Comércio Livre vai impor-nos pesadas obrigações de solidariedade económica e vai fazer-nos correr riscos «sempre inerentes ás alterações profundas e rápidas dos quadros tradicionais do pensamento e da acção». E mais adiante acrescentou que «a presença na Associação Europeia de Comércio Livre, que nos é imposta pelas características da conjuntura internacional e pelo interesse e dever de colaboração que temos na preparação do futuro da Europa, vai obrigar a profundas modificações da vida portuguesa».

Tudo isso são verdades que já ninguém pode ignorar. Preocupações idênticas manifestam os industriais ingleses de numerosos sectores, os agricultores dinamarqueses, os exportadores da Noruega, da Suíça e da Austria. E seria ilusão temerária de optimismo imaginar que os adiamentos — em que se solvem, afinal, as normas de excepção obtidas para o nosso País em Estocolmo — vão resolver por si mesmas seja o que for. A corajosa e inevitável adesão de Portugal é um acto de aparência diplomática sob o qual se desdobra uma teia imensa de obrigações virtuais a aceitar, a cumprir quanto antes, a promover na prática com energia de que nunca antes deu provas a nossa frágil estrutura económica. Por agora, o que se viu foi o agravamento drástico da pauta aduaneira, reforçando proteccionismos e assegurando receitas aos cofres do Estado, impondo aleatórios ascetismos em importações voluptuárias como as dos automóveis e prometendo facilidades conjunturais a iniciativas produtoras de que mal se conhecem ainda os delineamentos essenciais. Os legisladores que fixaram a nova pauta sabem muito bem, todavia, que não é legítimo alimentar sobre ela precárias ilusões. Instituiu-se uma armadura de efeitos imediatos. Mas o tempo passa depressa — e a armadura não será, dentro de alguns anos, mais do que um véu a dissipar-se como fumo sob o vento irresistível da abertura integral dos mercados.

Como já afirmava há dois anos e meio o industrial eng. Carlos Alves no 2.º Congresso da Industria Portuguesa, temos de reconhecer que não possuímos elementos bastantes para documentar plenamente a evolução e as possibilidades da estrutura económica nacional, tanto metropolitana como ultramarina. Os recursos de observação são escassos e incompletos. É um facto. E não bastou para o alterar substancialmente o esforço realizado na elaboração do 2.º Plano de Fomento, cuja equipa de estudos parece ter-se dispersado sem que lhe fosse possível, infelizmente, prosseguir o trabalho de decisivo interesse nacional a que deveria consagrar-se. É essa carência de conhecimento minucioso e amplo, como se declarou no referido Congresso, para que «se considere demasiado reduzido, em relação ao nosso País, o prazo de 15 anos fixado para a reconversão e adaptação a que há-de obrigar-nos a presença activa na Zona Europeia de Comércio Livre. O que se concebe para países evoluídos toma feição diferente em países de escasso desenvolvimento económico, como é o nosso. Temos de reconhecer corajosamente o atraso em que nos encontramos, a começar no conhecimento teórico e prático dos factores económicos nacionais, na análise, investigação, coordenação, técnica e rendimento das actividades existentes e das possibilidades vindouras».

A enérgica verdade destas palavras subsiste. Aos olhos da opinião corrente não se vê ainda a estrutura firme, decidida, vigorosa, que se prepare para defrontar os problemas cruciais da nossa participação na nova Europa que a Convenção de Estocolmo anuncia. Já existe o corpo de estudos e de fundamentação das decisões vitais que as circunstancias próximas — e cada vez mais próximas — vão exigir do nosso País? Está a preparar-se e a estruturar-se? É possível, é mesmo muito natural, dada a gravidade das obrigações e dos riscos a que aludiu com o seu conhecido desassombro o sr. dr. Correia de Oliveira. Mas se já há dois anos e meio se consideravam escassos os 15 anos de readaptação previstos para a discutida Zona, os 12 ou mesmo os 20 que resultam das salvaguardas de Estocolmo não são largos para a obra a realizar em face da concretizada Associação de Comércio Livre e de tudo o que há-de vir na sua esteira. As actividades económicas nacionais, como bem se demonstra no recente relatório da Associação Industrial Portuguesa, anseiam por conhecer em toda a sua estrutura e pormenor a política económica em que vai firmar-se a nossa participação na Europa nova. Como declarou o sr. secretário de Estado do Comércio, «o Governo criou e continuará a criar as condições internas e externas indispensáveis a esse novo e mais apressado e mais ritmado ou ordenado pulsar da vida portuguesa». O conhecimento dessas condições, na perspectiva mais larga do futuro económico nacional, é uma necessidade de que não devem querer nem poder abdicar as actividades vivas da nação nesta época decisiva.

FACTOS E PROBLEMAS

● Nos nove primeiros meses deste ano prestes a findar importou Angola 750 toneladas de pneus para veículos automóveis, incluindo 530 toneladas de pneus para pesados, 139 para ligeiros, 80 para tractores e outros e 2 para motos. Sobre o mesmo período do ano anterior o aumento total foi de 27 toneladas. Mas nos pneus para pesados esse aumento foi de 143 t. enquanto nos pneus para motos a diferença foi pequena e nos ligeiros houve até baixa de 25 t., o que também sucedeu nos pneus para tractores e outros que baixaram 40 toneladas.

Da Metrópole foram 656 toneladas e do estrangeiro 94, em relação respectivamente a 624 e a 48, importadas de Janeiro a Setembro de 1958. Assim a importação da Metrópole aumentou 32 toneladas e a do estrangeiro 46. O aumento do estrangeiro deu-se principalmente nos pneus para veículos pesados: 29 toneladas e nos pneus para tractores e outros: 16. No fornecimento metropolitano o aumento foi nos pneus pesados: 113 t. Nos ligeiros houve baixa: 26 t. e também a houve nos pneus para tractores e outros: 56.

A importação de camaras-de-ar foi nos 3 primeiros trimestres do ano de 77 t. ligeiramente superior á do mesmo período de 1958. Baixou o fornecimento da Metrópole de 68 para 64 toneladas e subiu o do estrangeiro: de 8 para 13.

Assim, a Metrópole, que de Janeiro a Setembro de 1958 forneceu 92,46 % dos pneus e camaras-de-ar importados por Angola, passou a fornecer-lhe, nos três primeiros trimestres deste ano, apenas 87,05 % enquanto o estrangeiro passou de 7,54 para 12,95 %. As diferenças deverão atribuir-se ás dificuldades das transferências de Angola para a Metrópole que hão-de ter influido, também, na baixa de outras importações angolanas dela originárias. O problema das transferências continua a afectar os intercambios do mundo português em casos objectivos como este.

● O mercado do crédito testemunha na sua evolução certas realidades económicas fundamentais, numa relacionação que não é dificil interpretar. O movimento geral de desconto de letras, que foi de 41 653 milhões de escudos, em Portugal metropolitano, no decurso de 1956, subiu para 51 747 em 1958 e atingiu no primeiro semestre de 1959 o total de 26 695. O protesto de letras evoluiu de 291 para 243 milhões de escudos naqueles dois anos completos e cifrou-se em 128 no primeiro semestre de 1959. O total de empréstimos hipotecários efectuados elevou-se de 1775 milhões de escudos para 2333 milhões nos mesmos anos e atingiu 1007 nos seis meses iniciais do actual. Os numeros reflectem a capacidade de autofinanciamento das actividades privadas, os seus problemas em evolução e as suas perspectivas tantas vezes pouco tranquilas.

● Possui Portugal, como se sabe, a maior área de exploração de pinhais entre todos os países da Europa; e os seus recursos neste domínio estão a progredir, graças a um esforço de repovoamento florestal que figura entre os aspectos mais positivos da vida portuguesa nas ultimas décadas. Os industriais de resinosos acentuam, nos seus depoimentos mais objectivos que «seria natural que tudo se fizesse para aproveitar regularmente esta imensa riqueza». E acrescentam que mesmo tomando por base, no presente, uma exportação anual de 60 mil toneladas, a produção poderia facilmente elevar-se a 100 mil toneladas anuais pelo aproveitamento racional e metódico da área de pinhais em idade de resinagem. Assim se verifica, segundo os técnicos da especialidade, a enorme riqueza que se está perdendo, sugerindo a promulgação de medidas especiais por quem pode promovê-las «á luz dos interesses mais relevantes da economia nacional».

● A produção açucareira no Ultramar português precisa de receber mais forte impulso, não só em função dos interesses vitais de trabalho e de balança comercial das Províncias produtoras, como do abastecimento mais equilibrado e menos dispendioso do mercado metropolitano. Nos primeiros oito meses de 1959 recebemos de Angola 17 591 toneladas de açucar e de Moçambique 56 765. No mesmo período do ano anterior as quantidades recebidas para consumo metropolitano tinham atingido, respectivamente, 22 821 e 63 885 toneladas. Em contrapartida, foi necessário importar do Brasil 10 551 toneladas, em vez de 2364. Assim se verifica, á luz da mais recente experiência, a impossibilidade em que se encontra Angola de corresponder ás crescentes necessidades do mercado metropolitano. O seu consumo interno de açucar vai em aumento. Aumenta também o das nossas províncias ocidentais. E o da Metrópole cresce em maior proporção ainda.

Nas exportações da província ocupou o açucar, em 1958, o sétimo lugar em valor. Podia e devia ter ocupado outra melhor posição. Como a Moçambique sucede. Enquanto esta exporta anualmente muito mais de 300 mil contos de açucar, Angola não chega a exportar cem mil.

Felizmente que uma nova e ampla organização açucareira se propõe resolver o problema em Angola. Há que auxiliar e estimular, por todas as formas o seu esforço. Exige-o a situação cambial de Angola. E impõe-no a situação económica das outras províncias ultramarinas ocidentais e da Metrópole que, ou têm de pagar açucar importado do estrangeiro ou têm de pensar em produzi-lo, se Angola continua a não poder corresponder ás possibilidades que se lhe oferecem no mercado da Metrópole. Os terrenos do Cuanza que parecem óptimos para a cultura da cana aguardam aproveitamento para poderem suprir a insuficiência de Angola na pro

AVIÕES A JACTO no aeroporto de Lisboa

Vindo de Boston, aterrou esta manhã no aeroporto de Lisboa um avião a jacto Boeing 707 da T. W. A., que percorreu os 5.428 quilómetros, que separam as duas cidades em 5 horas e 46 minutos.

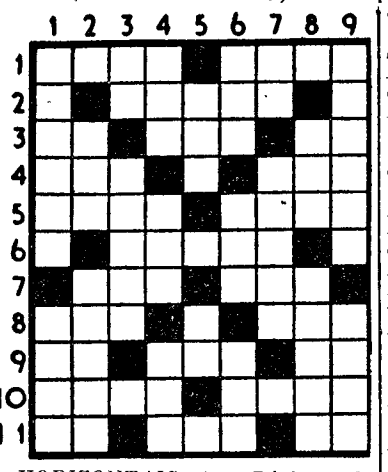
Com o piloto S. G. Granger, que comanda o avião, vêm mais 10 tripulantes, entre pilotos, navegadores, mecanicos, comissários e assistentes.

No avião, que pode transportar 134 passageiros, viajam 15 funcionários superiores da Companhia que durante o dia esclarecerão todo o pessoal de terra sobre os modernos processos de assistência técnica a estas aeronaves.

Depois da P. A. A., que há meses trouxe ao aeroporto de Lisboa o primeiro avião daquele tipo; da B. O. A. C., que trouxe um dos Comets IV; e do Caravelle, cabe agora a vez á T. W. A., esperando-se que no decorrer deste ano outras companhias realizem voos experimentais, enquanto não se concluem os trabalhos das pistas, já iniciados.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1821
(COM PROVÉRBIO)



HORIZONTAIS: 1 — Pé formado por quatro sílabas uma longa e três breves diversamente combina-

Desportos

(Continuação da 6.ª pagina)

campo da Quinta Nova; Alto da Eira-Linda a-Velha, no Estádio Pina Manique (treinos); Bom Sucesso-Oeiras, no campo António Estêvão Simões Alves.

SÉRIE B — Queluz-Mucifalense, no campo Marquês de Pombal; Montelavarense-1.º de Dezembro, no campo do Vimal; Belas-Cacém, no campo Eduardo Ferreira Pinto Basto; Lourel-Vila Verde, no campo Arménio Fernando Luís.

SÉRIE C — Camarate-Caneças, no campo da Quinta dos Barros; Tojal-P. Frielas, no campo da Meia Laranja; Povoense A. C.-Castanheira, no campo da Amiteira; Loures-Zambujalense, no campo da Areeira; Bucelenses-P. Loures, no campo Julio Camilo Alves.

Camp. juniores 1.ª Div. (2.ª fase) — Série A — Vilafranquense-Atlético, no campo de Vila Franca de Xira, ás 10 e 30 h.; Belenenses-Benfica, no Estádio do Restelo, ás 10 horas.

Série B — Estoril-Casa Pia, no campo da Amoreira, ás 10 e 45 h.; Oriental-Sporting, no campo Eng.º Carlos Salema, ás 10 e 30 horas.

Camp. juniores 2.ª Div.—Série A— Mirantense-Vitória, no campo Álvaro Gaspar, ás 10 e 30 h.; Tarujense-St.ª Catarina, no Estádio Pina Manique (treinos), ás 9 e 30 h. *Série B* — Carcavelos-Sintrense, no campo da Quinta Nova; Amadora-Cascais, no campo do Estrela; Cacém-Fut. Benfica, no campo Marquês de Pombal, todos ás 10 e 30 horas. *Série C* — União Povoense-Camarate, no campo do Telhal; Alverca-Sacavenense, no campo do Alverca; D. Olivais-Odivelas, no campo Alfredo Marques Augusto, todos ás 10 e 30 horas.

Vitória do Olivais sobre o Operário

Aproveitando o feriado nacional, defrontaram-se ontem, á tarde, no campo «Alfredo Marques Augusto» o Desportivo dos Olivais e o Operário em jogo a contar para o Distrital da 1.ª Divisão. O Olivais ganhou por 5-1, com 1-0 ao intervalo.

Para o campeonato da 3.ª Divisão registaram-se os seguintes resultados: Pinheiro de Loures, 3-Castanheira 5 e Caneças, 3-Frielas, 1.

Em juniores, o Operário derrotou o Cascalheira por 4-0.

Louvor à abnegação de dois médicos

O enfermeiro-mor dos Hospitais Civis de Lisboa, sr. dr. Mário Carmona, louvou, em ordem de serviço, pelo seu acto de abnegação e humanitarismo, os srs. drs. António José de Barros Veloso, interno do Internato Intermédio, e Arnaldo de Seixas Nogueira de Lemos, do Internato Geral, que deram sangue, em transfusões directas, a uma criança que foi socorrida no banco hospitalar, vítima de um acidente na Avenida Infante D. Henrique, a que o nosso jornal se referiu oportunamente.

Novo membro do Conselho do Comércio Retalhista

COVILHÃ, 2 — Foi eleito para fazer parte do Conselho da Secção do Comércio Retalhista Misto o jornalista e comerciante desta cidade sr. Joaquim Gonçalves de Carvalho, actual presidente da direcção do Grémio de Comércio dos concelhos de Covilhã, Belmonte e Penacova.

das. Delinei. 2 — Aquilo que. Colheita. 3 — Reis. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Antes de Cristo. 4 — Pronome relativo. Sapo do Amazonas. 5 — Olmeiro. Filas. 6 — Rebata. 7 — Fruta do conde. Nome de uma letra. 8 — Levante. Gemidos. 9 — No caso de. Oferecer. Escarnece. 10 — Atraiçoa. Poesias. 11 — O sono das crianças. Gasta. Apelido.

VERTICAIS: 1 — Em razão de. Esta coisa. 2 — Ponto cardeal. Afio. 3 — Artigo definido. Lança fora de si. 4 — Recusa. Olé. Distrito do Estado da India. 5 — Executei. Pronome reflexo. 6 — Grande. Nome de mulher. Rilhe. 7 — Seguia. Inunda. 8 — Pedra de altar. Serra de Portugal. 9 — Dispensa. Imposto de transmissão.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

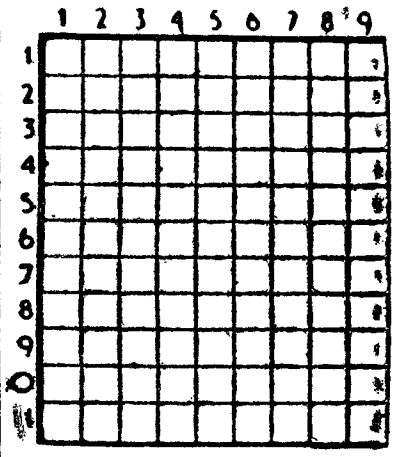
Solução do problema n.º 1820

HORIZONTAIS: 1 — PEDIR. Cal. 2 — Alial. Ata. 3 — Ibo. Acres. 4 — A. Onus. 5 — Vário. 6 — AVARENTO. 7 — Vaiada. Um. 8 — Al. De. É. 9 — Rifa. Meti. 10 — Ai. Na. Ró. 11 — Adorei.

VERTICAIS: 1 — Pai. CAVAR. 2 — Elba. Valia. 3 — Dio. Vai. Fia. 4 — Ia. Parada. 5 — Ria. Rede. NO. 6 — Coina. MAR. 7 — Carnot. Te. 8 — Ateu. Ou. Tri. 9 — Lasso. Meio.

(Provérbio: PEDIR A AVARENTO É CAVAR NO MAR).

Problema n.º 3869
(NOVA MODALIDADE)



HORIZONTAIS: 1 — Filme. Negra. 2 — Republica latina da América. 3 — Céu. Canção. 4 — Claridade. Em a. Porém. 5 — Preposição. Nota musical. Porém. 6—Acrescentei. Igual 7—Estrépito de desmoronamento. Prefixo de negação. 8—Campeão. Rio de Itália. Passada. 9 — Ramagem. O mais. 10 — Apanhava coisa atirada. 11 — Macia. Solitária.

VERTICAIS: 1 — Variedade de feijão. Ilha do arquipélago dos Açores. 2 — —Verseja. Letra grega. 3 — Pronome pessoal. Luto. Chefe etíope. 4 — Altar. Vi. Preposição. 5 — Caixão funerário. Cidade das mais belas da Europa. 6 — Procedia. Pronome pessoal. Pássaro. 7 — Rio do Norte de Portugal. Nociva. Parecer. 8 — Batráquio. Descorada. 9 — Serra de Portugal. Tigela vidrada.

Solução do problema n.º 3868

HORIZONTAIS: 1 — Suécia. Lá. 2 — Urca. Rias. 3 — Ada. Acode. 4 — Ré. Odol. 5 — Sus. Ago. 6 — Madeira. 7 — Dar. Roa. 8 — Orça. Rã. 9 — Utara. Cal. 10 — Riso. Alte. 11 — Em. Silves.

VERTICAIS: 1 — Suara. Doure. 2 — Urde. Martim. 3 — Eça. Sarças. 4 — Cá. Sud. Aros. 5 — Ser. 6 — Arco. Ion. Al. 7—Iodara. CLV. 8—Ladoga. Rate. 9—Aselo. Males.

ASSOCIAÇÃO dos Inquilinos

Efectuou-se sob a presidência do sr. José Antunes, secretariado pelos srs. Angelo Augusto Rocha e Domingos António Soeiro, a assembleia geral da cooperativa Associação dos Inquilinos Lisbonenses, na sua sede, no Largo do Intendente Pina Manique, 52, 1.º, dt.º.

Falaram os sócios António João Regueira, Alexandre Vieira, Adelino Augusto Ferreira, Manuel Baptista e Moisés da Silva Ramos, presidente da direcção.

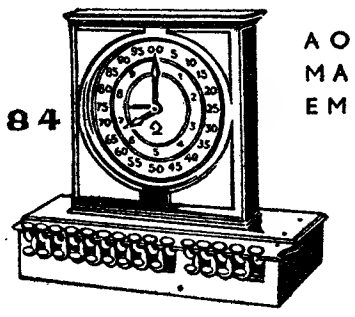
Procedeu-se á eleição dos corpos gerentes, tendo sido eleitos presidentes da assembleia geral e da direcção e do conselho fiscal, respectivamente, os srs. Henrique Carlos da Rocha Marques, José Antunes e António de Sousa Ribeiro Moreira e para a comissão de conciliação os srs. Alexandre Vieira e Francisco Bernardo e a sr.ª D. Georgina Augusta Gomes Monteiro.

O orçamento para o próximo ano foi aprovado por unanimidade, bem como uma proposta da direcção, respeitante ao reembolso de capital de alguns ex-sócios.

COMEMORANDO 75 ANOS DE ACTIVIDADE

AO SERVIÇO DO MUNDO INTEIRO

A *National* **OFERECE** *

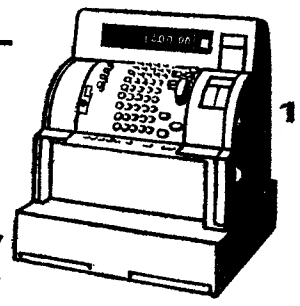


1884

AO POSSUIDOR DA REGISTADORA **NATIONAL** MAIS ANTIGA EM PORTUGAL QUE SE ENCONTRE EM FUNCIONAMENTO, UMA

NOVA E MODERNA REGISTADORA

National



1959

PARA TANTO, BASTARÁ DEVOLVER-NOS, ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1960, O CUPÃO DEVIDAMENTE PREENCHIDO JUNTAMENTE COM UMA CARTA, DE PREFERÊNCIA DACTILOGRAFADA, DIZENDO QUAIS AS VANTAGENS QUE A SUA REGISTADORA **NATIONAL** LHE TEM PROPORCIONADO.

A PRIMEIRA CAIXA REGISTADORA CONSTRUÍDA NO MUNDO FOI **NATIONAL**

CAIXAS REGISTADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE • SOMADORAS • SISTEMAS ELECTRÓNICOS

75 ANOS 1884·1959

THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY OF PORTUGAL

RUA AUGUSTA, 146 • LISBOA
RUA GUEDES DE AZEVEDO, 117 • PORTO
RUA FERREIRA BORGES, 79, 1.º-DTO. • COIMBRA

*RECORTE, PREENCHA E ENVIE-NOS ESTE CUPÃO

National

QUEM É O DONO DA MÁQUINA REGISTADORA MAIS ANTIGA EM FUNCIONAMENTO?

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

MODELO ..... N.º .....

TEM ..... ANOS AO MEU SERVIÇO

SOCIEDADE GERAL

S.G.

CARREIRAS	
METRÓPOLE ÁFRICA	**Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Via FUNCHAL)** N/M «ANA MAFALDA» — A 10/1/60. Carrega em Lisboa para CABO VERDE a 8/1/60 e para BISSAU a 7/1/60. Carga Frigorífica dia 9/1/60 até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes **Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU** N/M «CARTAXO» — A 15/1/60. Carrega em Lisboa a 12 e 13/1/60. Este navio escala préviamente LEIXÕES **Para: LEIXÕES, S. VICENTE, PRAIA, BISSAU (se convier), PRINCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO e MOÇÂMEDES** N/M «BRAGANÇA» — A 13/1/60. Carrega em Lisboa de 7 a 11/1/60. Passageiros de 1.ª classe
NORTE EUROPA ANGOLA	**Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES** N/M «ARRAIOLOS» — A carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS até 8/1/60. Em Lisboa só para MATADI a 14/1/60 N/M «AMBRIZETE» — A carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS de 16 a 29/1/60. Em Lisboa só para MATADI a 4/2/60
ANGOLA NORTE EUROPA	**Para: ANVERS, ROTERDÃO, HAMBURGO e BREMEN** N/M «ALCOBAÇA» — A carga nos PORTOS DE ANGOLA de 8 a 24/1/60 N/M «ANDULO» — A carga nos PORTOS DE ANGOLA de 10 a 27/1/60
ANVERS PORTUGAL	**Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA** UM NAVIO — A carga em ANVERS a 7 e 8/1/60 N/M «ÁFRICA OCIDENTAL» — A carga em ANVERS a 14 e 15/1/60

LISBOA — R. do Comércio, 39 — Telef. 26314/5 — Telegramas GERAL
PORTO — R. Sá da Bandeira, 82 — Telef. 27363 — Telegramas SABÕES

Gorros – Boinas
Cache-Cols
Angorá Italianos
TORRE EIFFEL
104—Rua do Carmo—106

Salsicharia Favorita, L.da

CHARCUTERIE – DELIKATESSEN

Rua do Ouro, 283 — Telefone 25232 — Lisboa

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

C. M. L.

Fornecimento de mil e quinhentas varas de castanho e mil varejões de castanho

Em 26-1-60, ás 11 horas, realiza-se na 2.ª Rep. da D. S. F., Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar, o concurso em epígrafe sendo a base de licitação de 45.000$00.

O depósito provisório, de 1.250$00 é efectuado na C. G. D. C. P., suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao Programa de Concurso-Tipo publicado no D. M. n.º 7.186 de 17-3-959.

O concorrente deve enviar a proposta pelo correio em carta registada ou pelo Serviço de Correios «exprès», para a 2.ª Rep. da D. S. F. da C. M. L., Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar, de modo a ser recebida até á hora marcada para a realização do concurso e o envelope deverá indicar claramente o concurso a que se refere.

As condições estão patentes na 2.ª Rep. da D. S. F., Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas.

Lisboa, 29-12-959.

O Presidente — *António Vitorino França Borges.*

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DO PESSOAL DA INDÚSTRIA DE CERÂMICA

Avenida Almirante Reis, 260, 1.º LISBOA — 1

Em harmonia com o disposto na Base XLI do Despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, de 18 de Fevereiro de 1959, faz-se saber que está aberto concurso, nesta Instituição, pelo prazo de 20 dias, para o preenchimento de vagas de *contabilista de 2.ª classe* existentes no respectivo quadro do pessoal.

Os candidatos deverão ter obtido aprovação no concurso de admissão oportunamente efectuado na Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1959.

A DIRECÇÃO

AMIGOS DE SILVES

SILVES, 2. — (Pelo telefone). — O Grupo dos Amigos de Silves, promove, pela sua comissão cultural, a que preside o dr. José Formosinho Mealha, uma conferência sobre «A arte e a escola», que será proferida pelo aluno finalista da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa João Manuel Rocha de Sousa seguindo-se a exibição de filmes coloridos, elucidativos do assunto, cedidos pelos Serviços Culturais da Embaixada dos Estados Unidos em Portugal. Esta conferência está marcada para amanhã, ás 17 e 30, Sociedade Gomes Vilarinho, e para ela são convidados especialmente, além do presidente da Camara Municipal e do prior da Sé, o director, professores e alunos da Escola Industrial e Comercial desta cidade.

A mesma comissão vai colaborar com a Camara, quando das comemorações henriquinas, na organização de uma exposição sobre «O Infante D. Henrique e Silves», para a qual já conta com a muito valiosa colaboração do dr. Alberto Iria, ilustre director do Arquivo Histórico Ultramarino.

OS LOBOS descem da serra

OLIVEIRA DO HOSPITAL, 2. — Andam aterrados os proprietários e guardadores de rebanhos deste concelho e vizinhos. É que os lobos, acicatados pela fome, estão a descer da serra da Estrela para a região, e assaltam os rebanhos. Tem havido grandes prejuizos nas cabeças de gado devoradas ou mortas pelas feras.

Novos dirigentes

da Voz do Operário

Hoje, ás 21 e 30, na sede da benemérita Sociedade a Voz do Operário, efectua-se a cerimónia da posse dos corpos gerentes para 1960. O acto solene é publico.

Para os nossos pobres

Do nosso estimado leitor, sr. António M. Miguel, recebemos a importancia de 20$00 para os pobres do «Diário de Lisboa», em nome dos quais agradecemos.

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- O empresário Vasco Morgado está a organizar uma nova companhia de comédia, que actuará no Teatro Avenida. Do elenco farão parte os artistas Brunilde Judice Maria Paula, Alves da Costa e Artur Semedo.
- Intitulam-se «Como nasce uma canção» e «Evolução do Cinema», os dois finais de acto da revista «Quem sabe, sabe», em ensaios no Teatro A B C.
- Recomeçam no dia 4 de Janeiro, no Teatro Monumental, os ensaios da peça musicada «Margarida da rua».
- Um grupo de artistas profissionais e amadores está a ensaiar, na Academia de Santo Amaro, a comédia «A tia Engrácia».
- No Teatro Variedades, estão a decorrer os ensaios de remodelação da revista «Isto é delas», com vista á sua representação no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.
- No domingo próximo devem concluir-se as representações das revistas «Tudo na Lua», «Isto é delas» e «Delírio em Lisboa», respectivamente, em cena nos Teatros Maria Vitória, Variedades e ABC.
- E' provável, que a companhia do empresário Giuseppe Bastos, depois da temporada que está a realizar em Lourenço Marques, siga novamente para Luanda, onde estreará nova revista.
- A empresa do Teatro ABC, só alugará a sua casa de espectáculos, no caso de se concretizar a ida a Africa da sua companhia de revistas.

Primeiras exibições

«Europa á noite», no Roma

Em anteestreia, o moderno e confortável Roma apresentou anteontem, no decorrer de uma entusiástica sessão de passsagem de ano um filme que está a suscitar larga curiosidade, «Europa á noite», que embora incompleto, nos dá um panorama sugestivo do ambiente fascinante dos principais cabarés de Roma, Madrid, Paris e Londres e de outros centros de diversão. Através da sucessão curiosa e trepidante de imagens, pode admirar-se, e aplaudir-se, interpretações de famosos «astros», como Domenico Modugno, Henri Salvador, os «Platters», Carmen Sevilha, Roland D'Arnell, Alba Arnova e muitos mais.

Sem se deslocar do seu assento, durante mais de uma hora, o espectador vê desfilar, num conjunto esfusiante de cor, ritmo e alegria, alguns dos mais atraentes e caros espectáculos de «music-hall» da Europa nocturna. — *Visor 14.*

«A vedeta imaginária», no Odeon

Um filme brilhante, movimentado e fresco, com Karuja Orico, um belo sorriso do Brasil, e Charles Aznavour, um nome conhecido da canção francesa, estreou-se ontem no Odeon, para agrado do publico. No ambiente exótico das «caves» de Paris desenrola-se uma acção que é das mais desconcertantes e divertidas. O filme é assinado por Stany Cordier e foi rodado em franscópio e eastmancolor. — L.

No Teatro ABC

Despedida da revista «Delírio em Lisboa»

Em ultimas representações, a revista «Delírio em Lisboa» sai do cartaz do Teatro A B C, amanhã, por motivo de compromissos tomados, mas acaba com o mesmo interesse que suscitou no publico desde a estreia. Figura á cabeça do valioso elenco Berta Loran, José Viana, Raul Solnado, Carlos Coelho, no «compére»; Daniel Garcia, Manuela Maria, Conceição Gomes, Paulo Rodrigues e nele se incluem atracções Max e Helena Tavares, e ainda a colaboração de Hortense Luz, «Delírio em Lisboa», foi sem duvida, a continuação dos melhores sucessos do A B C.

Amanhã e domingo ultimos espectáculos ás 16 horas. Domingo, ultimo dia, ás 20 e 30 e 22 e 15.

As saudações do Ano Novo

A mensagem do Chefe do Estado

(Continuação da 1.ª página)

ram, também, a necessidade de o Chefe do Estado conviver com todos aqueles que temporàriamente representa, para mutuamente melhor se conhecerem e apreciarem.

No plano internacional, e como se previra, não foi de tranquilidade o ambiente mundial em que se viveu. E' certo parecer agora a paz em menor risco de ser quebrada, talvez por maior temor geral á guerra. Mas esta só poderá, na realidade, ser evitada, se o Ocidente firmemente preferir a garantia da sua força, a promessas sem penhor que valha. E o desanuviamento real ou aparente dos ultimos meses, em nada contribuiu para melhorar o clima internacional criado, contra o qual muitos intimamente se revoltam, mas sem coragem de exteriormente modificarem o curso dos acontecimentos. Na situação especial e quase ímpar em que nos encontramos, cônscios da força dos nossos iguais direitos em todo o território nacional, precisamos de estar permanentemente atentos e unidos. E a união de todos os Portugueses, sempre evidentemente desejável, é agora mais indispensável do que nunca, sendo prejudicial tudo quanto a possa quebrar e só benéfico o que a possa fortalecer cada vez mais.

No ano que hoje começa, daremos mais um passo na execução do II Plano de Fomento, sendo de esperar o aceleramento do seu ritmo, para que mais rápidamente se eleve o nível de vida da nossa gente e ela possa usufruir o lar a que tem incontestável direito. Seria essa a melhor forma de marcar o ano de 1960, em que ocorrem dois centenários: o sexto do nascimento do Condestável D. Nuno Álvares Pereira e o quinto da morte do Infante D. Henrique, dois dos vultos mais salientes da história lusíada. As projectadas comemorações relativas á acção do Infante e ás repercussões dessa acção no curso da História Universal, absorverão as especiais atenções de todo o Mundo Português e proporcionarão a vinda a Portugal de representações de velhas e novas nações, numa homenagem geral ao propulsor das descobertas marítimas dos séculos quinze e dezasseis. Entre todas avultará a esperada presença do Chefe do Estado da grande nação irmã, que ajudará a fazer as honras da casa lusitana, pois os Brasileiros, tanto como os Portugueses, orgulham-se de descenderem dos maravilhosos descobridores do mundo moderno. Mas a figura do Condestável não será certamente esquecida, dado que a D. Nuno Álvares Pereira se ficou devendo, em certo passo da nossa história, a vivência da própria Nação.

O ano de 1960 aparenta vir a ser, para os Portugueses de todo o Mundo e através de orgulho sem par de se sentirem lusíadas, um ano propício a cimentar a fraternidade que a todos patrioticamente deve consagrar. Deus leve a todos os lares, onde palpitem corações portugueses, a tranquila felicidade que o Chefe do Estado, indistintamente e por igual, a todos deseja.

A recepção no Patriarcado

(Continuação da página central)

des Católicas. Depois, estiveram no Paço Patriarcal ou enviaram cartões de saudação, entre outras individualidades, os srs. ministros da Defesa, Exército, Justiça, Finanças e Obras Publicas; dr. José Gomes Branco, por si e representando o sr. ministro da Educação Nacional; secretário de Estado da Agricultura, subsecretários de Estado da Industria(Educação Nacional, Aeronáutica, Tesouro e Fomento Ultramarino; embaixador da Bélgica, Professores Costa Sacadura, Vítor Fontes, Lino Neto, Soares Martinez, eng.º André Navarro e Cordeiro Ramos; conselheiros Beça Aragão, Trigo de Negreiros, Lourenço Vasco e Ponces de Oliveira Pires; almirante Nuno de Brion, generais Correia Leal, Luís Domingues, Monteiro do Amaral, Valente de Carvalho, Silva Domingues, Aníbal Vaz, D. Miguel Pereira Coutinho, Peixoto e Cunha e D. Luís da Costa Macedo (Mesquitela); brigadeiro Raul Pereira de Castro, drs. Carreiro de Freitas, Rodrigues de Matos, Carlos Santos, João Simões de Almeida, João Bastos, Azeredo Perdigão, João Couto, João do Amaral, Bento da Costa, Proença de Figueiredo, Pinto Ferreira, Jorge de Melo e Braga Paixão; comodoro Henrique Tenreiro, condes das Devesas, de Penha Garcia, dos Arcos, de Almada e de Lancastre; visconde de Santarém, marqueses de Abrantes e de Rio Maior; engenheiros José Frederico Ulrich, Carlos Alves, Duarte Abecassis, Soares Ribeiro, José Tomás Oom, Henrique Chaves, Trigo de Morais e Rui Sá Carneiro; tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto, Francisco Pinto Balsemão, coronel Oscar de Freitas, comandante Guilherme Reis Tomás, comendador Pais Ferreira, etc.

Também esteve presente o sr. D. Luís Pereira Coutinho, com os seus dez filhos entre os quais o sr. dr. Luís Pereira Coutinho, secretário da Presidência da Republica, e mais família, ao todo 17 membros.

Passaram ainda pelos salões do Patriarcado, os comissários nacionais adjuntos da M. P. e a comissária nacional da M. P. F., e senhoras da direcção da Obra das Mães pela Educação Nacional.

Estiveram também presentes membros da comissão executiva da União Nacional, direcções de vários organismos da Acção Católica de ambos os sexos, muitos eclesiásticos, Confrarias e Irmandades, Superiores de várias Ordens e Congregações, Conferências de S. Vicente de Paulo, direcção e comandos dos Bombeiros Voluntários, Lisbonenses, da Cruz de Malta, etc.

IMPRENSA

«A Comarca de Arganil»

Entrou no 60.º ano de publicação «A Comarca de Arganil», que tem como director o sr. João Castanheira Nunes, a quem, bem como aos seus colaboradores, felicitamos, desejando longa vida e prosperidades para aquele conhecido orgão da Imprensa regional.

«Democracia do Sul»

Festejou o seu aniversário a «Democracia do Sul», que se publica em Evora, sob a direcção do sr. dr. João Leitão da Silva. As nossas felicitações e desejos de próspero futuro.

O VOO DAS AVES

TORRÃO, 2 — Foi apanhada, pelo sr. José do Rosário Caneiras, residente nesta vila, uma gaivota que trazia numa perna uma anilha com a seguinte inscrição: «N. Museum CSR — Praha — E-142394».

RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
Adultos (Maiores 17 anos)
Musica de baile por VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TÍPICO: CEIAS FADOS E GUITARRADAS

HOJE
AS ACTRACÇÕES DE MAIOR ÊXITO ACTUAL
O famoso dueto favorito do publico
LES VILLALTAS
A ARREBATADORA PARELHA DE BAILE
QUINTEROS ESPAÑA
A EXTRAORDINÁRIA VEDETA DE BAILE
LOLITA CALVO
ANA MARIA E SEU BALLET

Brevemente EM ESTREIA
AS FORMOSAS VEDETAS DE BAILE
DOLORES PATON
E
CARMEN POYATO

FONTORIA
O ESPECTÁCULO MAIS CASTIÇO DOS DANCINGS DE LISBOA
TODA A COR SEVILHANA NO DANCING FONTORIA
BALLET ADOLFO EL SEVILHANO
(ADULTOS)

ABC
EMP. TEATRAL ABC
Tel. 366745

José Miguel apresenta
Hoje ás 20.30 e 22.45
e amanhã ás 16, 20.30 e 22.45 horas
ULTIMOS ESPECTÁCULOS DA REVISTA
DELÍRIO em LISBOA
Segunda-feira, 4, no MONTIJO
Terça-feira, 5, Cine-Teatro São José em CASCAIS

Brevemente: a nova revista QUEM SABE, SABE... de Aníbal Nazaré e António Cruz
P/Adultos M. 17 anos

BEBA BARRITOS VERMUTE COM GIN GELADINHO

MONUMENTAL
LISBOA agora DIVERTE-SE...

(PARA MAIORES 12 ANOS)
— HOJE —
À NOITE ás 21.45 h.
AMANHÃ
À TARDE ÀS 16 H.
com a extraordinária companhia brasileira
TEATRO CACILDA BECKER
na comédia de ARIANO SUASSUNA
O SANTO E A PORCA
— PREÇOS NORMAIS —

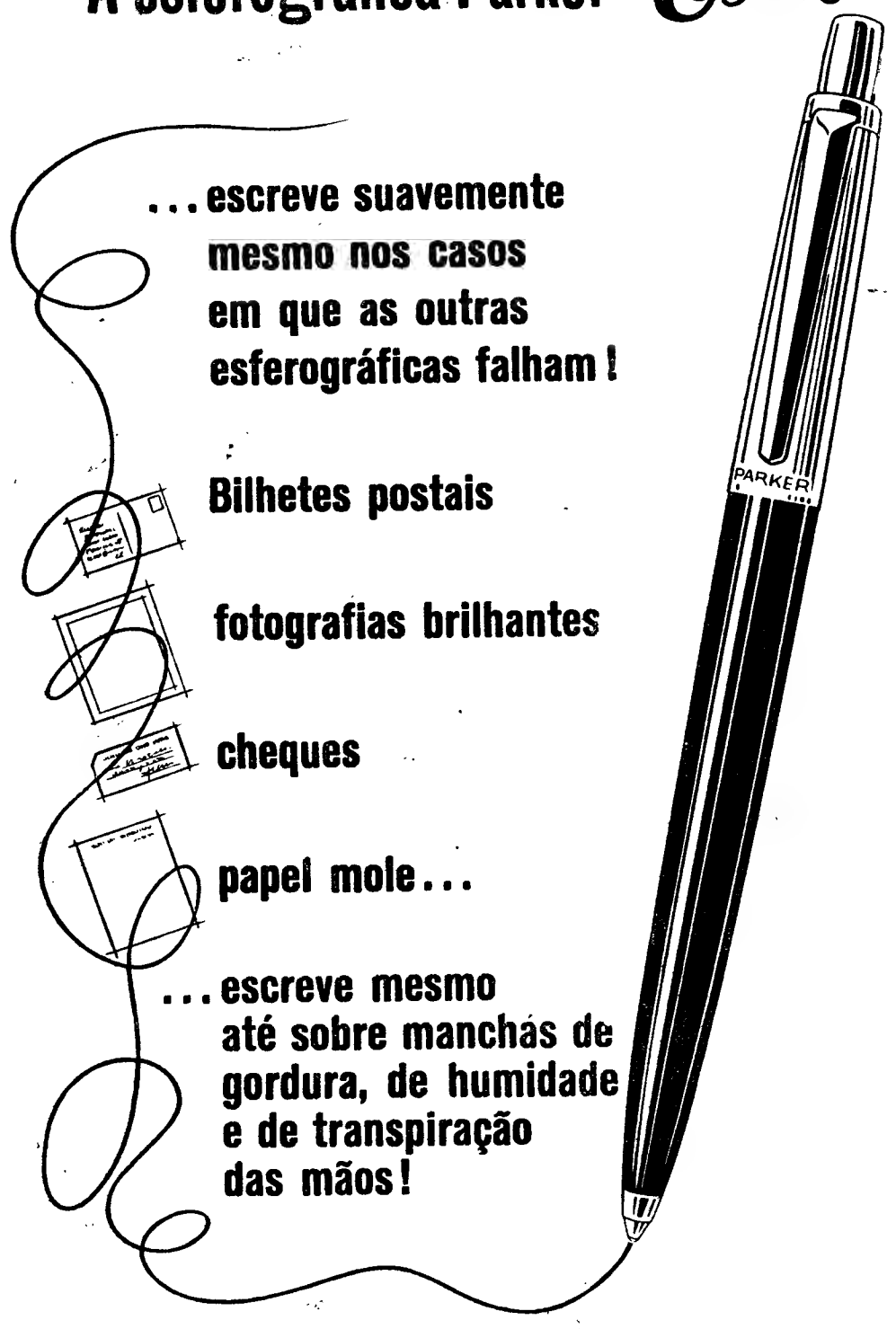
MONUMENTAL
AMANHÃ ás 18.30 h.
TEATRO para CRIANÇAS
MAIORES DE 4 anos
A peça de Ricardo Alberty
O Soldadinho Medroso
ULTIMO DIA
Entrada gratuita ás crianças até aos 7 anos

Preços reduzidos: Plateia, 15$; 3.º balcão frente, 5$00

AVENIDA
HOJE ÀS 21.45 H.
AMANHÃ À TARDE ÀS 16 H.

(ADULTOS M/17 ANOS)
8.ª Semana de Gargalhada
A FARSA DE CLAUDE MAGNIER
com IRENE ISIDRO
A MALA DA BERNARDETTE
— OSCAR —
HENRIQUE SANTANA
HENRIQUE SANTOS
nos principais papeis
RIR! RIR! RIR! RIR! RIR! RIR! RIR!

A esferográfica Parker T-Ball



A diferença reside na qualidade Parker

Este tipo de funcionamento superior custa-lhe apenas um pouco mais, mas o serviço que lhe presta é incomparàvelmente maior! A ponta T-BALL exclusiva da Parker tem uma textura e uma porosidade que asseguram uma escrita suave e precisa.

Seja qual for o género de escrita ou a superfície sobre que se escreva... a ponta porosa da Parker T-BALL é sempre a melhor! E isso porque essa textura .. adere firme e suavemente a todos os tipos de papel... não resvalando ao escrever sobre superfícies difíceis tal como acontece com qualquer outra esferográfica e mantendo sempre a mesma cor de tinta. A ponta porosa da T-BALL permite também que a tinta penetre no interior da própria esfera movendo-se em todos os sentidos, assegurando assim um fornecimento contínuo de tinta o que permite uma escrita imediata logo que toque no papel.

A esferográfica Parker T-Ball

UM PRODUTO DE THE PARKER PEN COMPANY

Distribuidores exclusivos para Portugal:

VIALGA, Representações SARL — Av. António Augusto de Aguiar, 90-7.º—Tel. 733254—Lisboa

Ad No. 9-8742

PEDIDO DE EMPREGO

Chefe de família, com 49 anos, honesto e trabalhador, deseja qualquer emprego. Agradece resposta à R. Ferreira Lapa, 21-3.º.

Em ALCANENA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Prof. José Mendes Leal

Prof. J. Mendes Leal

Com 68 anos de idade, faleceu ontem, na sua residência, na Avenida Praia da Vitória, 18, 1.º esq.º, o sr. prof. eng.º José Mendes Leal, cuja figura fica ligada á história do nosso progresso fabril, pelo entusiástico interesse que dedicou ao estudo dos problemas da industria nacional e pela contribuição sempre valiosa que deu para a sua solução, de acordo com os interesses gerais da Nação.

Catedrático muito sabedor do Instituto Superior Técnico, onde se jubilara já, por motivos de saude, fez parte do oCnselho Superior de Industria, do Conselho Superior de Viação e do Conselho Superior de Educação Publica, e era consultor técnico da Associação Industrial Portuguesa e engenheiro assistente da Fábrica Portugal.

O extinto, que possuia uma grande cultura e gozava de gerais simpatias, pelas suas qualidades pessoais, era natural de Coimbra. Casado com a sr.ª D. Margarida Maria Tenreiro Sarzedas Mendes Leal, era irmão das sr.as D. Maria Joana Mendes Leal, D. Maria Luísa Mendes Leal e dos srs. dr. Augusto Mendes Leal e engenheiro João Mendes Leal.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realizou-se hoje, pelas 9 horas, da Avenida Praia da Vitória n.º 18-1.º esq.º, em autocarro funebre para jazigo no cemitério de Torrozelo — Ceia.

Francisco Alves da Luz

Faleceu, ontem, o sr. Francisco Alves da Luz, de 70 anos, natural de Barão de São Miguel — Vila do Bispo, casado com a sr.ª D. Maria José Correia, pai das sr.as D. Maria Rosado Alves e Rita Correia Alves da Luz e dos srs. Francisco da Encarnação Alves, José Leal da Luz e João Vicente Correia da Luz.

O funeral, a cargo da Agência Magno, saiu esta tarde, do Instituto de Oncologia para o cemitério de Benfica.

José Afonso Henriques Munhá

Faleceu o sr. José Afonso Henriques Munhá, de 37 anos, natural de Santa Maria, Óbidos, comerciante, que era casado com a sr.ª D. Maria Ferreira Urbano Munhá. O funeral, a cargo da Agência Ricardo Henriques, realiza-se amanhã, pelas 15 e 30, da igreja da Amadora para o cemitério local.

Raul José Roussado dos Santos

Faleceu o sr. Raul José Roussado dos Santos, de 66 anos, viuvo, natural de Lisboa, funcionário da Junta Nacional dos Vinhos.

O funeral, a cargo da Agência Barata, sai amanhã, ás 10 horas, da Rua Ribeiro Sanches, 67, r/c, para o talhão dos combatentes da Grande Guerra, no cemitério do Alto de São João.

D. Maria da Glória Marques Ferreira

Faleceu a sr.ª D. Maria da Glória Marques Ferreira, de 88 anos, viuva, natural de Lisboa, mãe da sr.ª D. Carmen Marques Ferreira Pinhão, sogra do sr. Manuel António Pinhão Junior, professores das Escolas Oficiais do Bairro da Encarnação, e avó do sr. Manuel Ferreira Pinhão, cadete da Academia Militar.

O funeral, a cargo da Agência Barata, sai amanhã, ás 11 horas, da igreja de Santo Eugénio, no Bairro da Encarnação, para o cemitério dos Olivais.

D. Maria Emília Duarte Ferreira Marques

MEALHADA, 2.—Na sua residência, faleceu a sr.ª D. Maria Emília Duarte Ferreira Marques, de 41 anos, natural desta vila. A extinta era casada com o sr. Manuel Ferreira Marques, funcionário do Grémio da Lavoura local e correspondente do nosso jornal, nesta vila, mãe da sr.ª D. Judite Duarte Marques, funcionária administrativa neste concelho, irmã da sr.ª D. Lucia Duarte Ferreira de Matos e tia da professora primária a sr.ª D. Amélia Ribeiro de Matos e do sr. António Dias Ferreira da Silva, funcionário do Banco Português do Atlantico, da Figueira da Foz.

Ao nosso correspondente apresentamos sentidas condolências.

D. Maria Carolina Gomes

COVILHÃ, 2 — Em S. Domingos, próximo da Aldeia de Carvalho, faleceu a sr.ª D. Maria Carolina Gomes, de 88 anos, viuva, mãe dos srs. José Durão Gomes, comerciante, António Durão Gomes, sr.as D. Maria e D. Rosa Durão Gomes e sogra da sr.ª D. Celeste Morgado Durão Gomes.

Hubert Joseph Jeunehomme

SETUBAL, 2 — Faleceu o sr. Hubert Joseph Jeunehomme, de 80 anos, viuvo, industrial, sócio da firma «Sociedade Luso-Belga» de construções metálicas, natural de Liège (Bélgica), há muitos anos residente nesta cidade.

Era sogro do sr. dr. Joaquim Augusto de Barros, intendente da Pecuária deste distrito.

Serafim Cascais

SEIXAS DO MINHO, 2 — Faleceu o sr. Serafim Cascais, viuvo, de 78 anos.

FUNERAIS

D. Maria Pereira Cardoso

ARMAMAR, 2.—Realizou-se, com grande acompanhamento, para o cemitério de São Lázaro, o funeral da sr.ª D. Maria Pereira Cardoso, mais conhecida por D. Maria Santos, de 90 anos, casada com o sr. Hermano Sebastião Pinto. Foi casada, em segundas nupcias, com o sr. Pereira Cardoso, médico militar e deputado; e depois com o tenente Manuel dos Santos Barreira, antigo presidente da Camara Municipal deste concelho, combatente da Grande Guerra e conhecido desportista na cidade do Porto.

Era possuidora de avultada fortuna e não deixou filhos.

Deodato da Conceição Correia

ÉVORA, 2 — Com grande acompanhamento, realizou-se o funeral do sr. Deodato da Conceição Correia, de 71 anos, casado, comerciante e funcionário da Intendência Pecuária desta cidade.

SUFRÁGIOS

Daniel Antunes dos Santos

Amanhã, ás 10 horas, na igreja da Graça, celebra-se missa de sufrágio, por alma do sr. Daniel Antunes dos Santos, mandada dizer por sua viuva.

AMADORA

José Afonso Henriques Munhá

FALECEU

Maria Ferreira Urbano Munhá, Joaquim Ramos Munhá, Luiza de Jesus Henriques Munhá, José Manuel Urbano Munhá, Carlos Manuel Urbano Munhá, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade que foi Deus servido em chamar á Sua Divina Presença o seu muito e sempre chorado marido, filho, pai e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15,30 da Igreja da Amadora, para o cemitério local.

RICARDO HENRIQUES

Telefone 27684

Mário Pontes

FALECEU

Maria Ivone Gomes Pontes e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido e parente e que o funeral se realiza em dia e hora a determinar da Igreja de S. Isabel, para o cemitério do Alto de São João.

AGENCIA RODRIGUES

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

S. A. R. L.

CAPITAL — 1 milhão de contos
SEDE — Rua Braamcamp, 5, Lisboa
TELEFONES — 734191/8, 734936 e 734939

ABERTURA AO PÚBLICO

No dia 4 de Janeiro inicia a sua actividade o BANCO DE FOMENTO NACIONAL, instituição que se destina fundamentalmente a financiar empreendimentos e a orientar os investimentos do sector privado, tanto na Metrópole como no Ultramar.

O Banco tem por especial objecto as seguintes operações:

— a concessão de crédito industrial, agrícola e pecuário na Metrópole e no Ultramar;

— a concessão de crédito predial no Ultramar;

— a participação no capital de empresas constituídas ou a constituir;

— a subscrição ou compra de obrigações emitidas por empresas privadas;

— a prestação de garantias ou cauções que assegurem o cumprimento de obrigações assumidas para os fins visados pelas modalidades de crédito legalmente autorizadas ao Banco.

Além disso, o Banco de Fomento Nacional realizará outras operações já previstas nos Estatutos ou a considerar e propôr ao Governo pelo conselho geral do Banco.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1959

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 2 de Janeiro de 1930:

«Completa depois de amanhã meio século de existência o nosso prezado colega «O Século». Cinquenta anos de vida de um jornal é sucesso que ao jornalismo não pode passar indiferente. As «bodas de ouro de um órgão da Imprensa, envolvendo a história de meio século de vida nacional, dão pretexto, aos que têm memória fiel, para um mundo de recordações, de exemplos, de estímulos, de saudades».

EFEMÉRIDES

No dia 2 de Janeiro de 1924 entraram os Japoneses em Manila.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Rádio rural; 21, Noticiário; 23 e 45, Noticiário; 0, Fecho.

Programa «A» — A's 19, Trechos em piano; 19 e 15, Emissão infantil; 19 e 45, A Orquestra de Melachrino; 20, Jornal sonoro; 20 e 15 Musica de «jazz»; 20 e 30, Album musical; 21 e 15, Canções de Itália; 21 e 30, Ritmos sul-americanos; 21 e 45, Serão para trabalhadores, organizado pela E. N. e pela F. N. A. T. No intervalo, instrumentistas; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Noticiário; 0, Encerramento.

Programa «B» — A s 19, Temas portugueses; 19 e 10, «Septimino», de Beethoven, pela Associação de Musica de Camara da Orquestra Filarmónica de Berlim; 19 e 50, Noticiário regional; 20, 8.º programa do Festival «Setembro Musical de Montreux»; 21 e 20, Concerto, pelo Coro Harmonia, dirigido pelo prof. Verner; 21 e 45, Tempo de poesia; 22, Ciclo Sonata; 22 e 20, Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45, Que quer ouvir?

RÁDIO CLUBE — A's 18, Teatro de brincar; 18 e 45, Ritmos de baile; 19, Orquestras e canções; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Solistas; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 50, Curso de língua inglesa; 22, Imagens por musica; 22 e 15, Brasil; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Cançonetas; 23, Concerto, programa de divulgação; 23 e 45, Noticiário; 2, Fecho.

RENASCENÇA — 18 e 15, Musica seleccionada; 18 e 30, Terço e benção; 19 e 5, Boletim religioso; 19 e 10, Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25, Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20 e 15, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, As ultimas novidades; 21 e 30, Fados; 21 e 45, Rádio rural; 22 e 5, Quando o telefone toca; 22 e 45, Noticiário; 23, A 23.ª hora; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 20 e 30, abertura; 20 e 32, telejornal (1.ª edição); 20 e 50, programa juvenil; 21 e 45, Portugal de Além-Mar; 22 e 20, «A Gôndola»; 22 e 40, tele-desporto; e 22 e 55, telejornal (2.ª edição).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO I—Marques—E. de Benfica, 648, T. 780096; Sousa—Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B — Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B—junto á Avenida Brasil—Tel. 765262; Europa — Estrada da Portela, 5-A (a Alvalade—Pote de Água Tel. 710131; Universitária—Rua 0, 29-D—Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria) T. 778953; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B/C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; **Fátima—Avenida de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima) Tel. 763107;** Sá da Bandeira — Avenida Duque de Ávila, 203-B — Tel. 41961; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A — próximo da «Maternidade» e do Avis Hotel» — Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45578; Contemporanea—Rua Conde de Redondo, 26-30, Tel. 45048; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Salter — Rua de Xabregas, 63-65 — Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira) Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Telefone 843381; Fonseca — Rua Carvalho Araujo, 46-B/C. Tel. 841708; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C—T. 862333; Rosa & Viegas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras) Tel. 680627; D. João V —Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca—Rua 4 de Infantaria, 28-A — Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, T. 671667; Lapa (Da) — Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM. 3. T. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Remísio—Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A — Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Lealdade — Rua do Olival, 226, T. 663441; Combro (Do) — Calçadá do Combro, 78, Tel. 26059; S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25318; Bastos Andrade—Calçada de Santo André, 107-111, Tel. 860450; Americana — Calçada de Santana, 3, Tel. 863984; Capuchos (Dos)—Rua Luciano Cordeiro, 2-A — Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Azevedo, Irmão & Veiga — Rua da Misericórdia, 24, Tel. 23540 — A.—; Avelar — Rua Augusta, 225 — Tel. 23977.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 2—18 e 14 (3m,91). Dia 3—6 e 36 (4m,09); 19 e 6 (3m,74). Dia 4 — 7 e 26 (3m,83); 20 e 2 (3m,55).

BAIXA MAR

Dia 2—23 e 42 (0m,92). Dia 3—12 e 29 (0m,92). Dia 4—0 e 40 (1m,23); 13 e 21 (1m,24).

A semana do contribuinte

Código da sisa e do imposto sobre as sucessões e doações

(Continuação)

— Do pagamento em prestações semestrais

O imposto sobre as sucessões e doações será pago em prestações, vencendo-se a primeira *no mês seguinte* áquele em que tiver terminado o prazo referido no § 2.º do artigo 87.º (*oito dias* a contar da notificação da liquidação definitiva), e cada uma das restantes seis meses depois do vencimento da anterior.

O imposto será dividido
em 12 prestações se não exceder 20.000$00,
em 10, se exceder 20.000$00 e não ultrapassar 100.000$00,
em 8, se exceder 50.000$00 e não ultrapassar 100.000$00,
e em 6, se exceder 100.000$00.

O contribuinte, porém, ou as pessoas notificadas em sua vez, podem requerer o aumento até *quatro* do numero das prestações, cobrando-se, em tal caso juro correspondente a 4 por cento ao ano sobre as importancias que forem sendo pagas a menos em relação ás prestações normais, até o reembolso de cada uma daquelas.

O montante dos juros acrescerá ás prestações e será calculado no acto do seu pagamento.

O imposto respeitante á transmissão de mobiliários (*) só poderá ser dividido em prestações mediante caução em títulos de dívida publica ou outros papéis de crédito com cotação nas Bolsas de Lisboa ou Porto, tomados pelo seu valor real com margem não inferior a 20 por cento para depreciação, ou por meio de hipoteca sobre bens livres de encargos, ou de fiança de pessoa idónea

— Artigo 120.º e §§ 1.º e 2.º

Agenda do Leitor

Contribuições Gerais do Estado

Reclamar, no prazo de 90 dias a contar do dia imediato ao da abertura dos cofres para a sua cobrança, a anulação por qualquer erro havido nos lançamentos.

Contribuição Predial

— Cólocação de escritos
— Prédios devolutos

eVrificar se estão colocados escritos em todos os prédios de que se obtiver do arrendatário declaração de que se considera despedido ou equivalente.

— Artigo 970.º do Código de Processo Civil.

(*) Mobílias, dinheiro, jóias, e mais objectos de uso pessoal ou doméstico.

Houve distúrbios na passagem do ano

em diversas capitais da Europa

e assinalaram-se muitos casos de morte

PARIS, 2 — A capital francesa saudou a chegada de 1960 com um clamor ensurdecedor, em que sobressaíam o badalar dos sinos das igrejas e o som dos «klaxons». Os motoristas desforraram se, buzinando alegremente, porque, uma vez no ano, podem fazê-lo sem receio de multa.

Os lugares de diversão, as esplanadas dos cafés ao longo dos «boulevards», os cinemas e as «boîtes» munidas de pista de «bowling» — o jogo norte-americano que dá agora o tom entre a alta sociedade francesa — registaram uma noite de enchentes e venderam grandes quantidades de champanhe e ostras. Todavia, não se dançou nà via publica, como nos anos anteriores. — (A.N.I.).

ciparam 150 «sputniks», «traças lunares», «marcianos» e, até, uma «partícula de raios delta».

O primeiro-ministro Harold Mac Millan passou a noite no seu gabinete de trabalho, no numero 10 da Downing Street. — (A.N.I.).

«K» confia na conferência Leste-Oeste

MOSCOVO, 2 — Na recepção anual do Kremlin, pelo Ano Novo, o chefe do Governo soviético pronunciou um brinde em que deu a entender que estaria na disposição de reduzir unilateralmente os efectivos militares russos, caso o Ocidente não aceitasse o seu plano de desarmamento. Sublinhou, no entanto, o potencial soviético em mísseis e armas nucleares, afirmando que será ainda aumentado.

Na mensagem de Ano Novo «K» lembrou que a conferência Leste-Oeste se realiza em 16 de Maio, dizendo que a U. R. S. S. conta que se tomarão nela decisões adequadas para encontrar os caminhos que levem a acordo quanto ao desarmamento e outros problemas urgentes da política internacional. — (A.N.I. e F.P.).

Desordens na Haia

HAIA, 2 — Pouco depois da meia-noite de ontem, grupos desordeiros principiaram a incendiar as árvores de Natal nas ruas da cidade, tentando impedir ao mesmo tempo que os bombeiros extinguissem os incêndios. A Polícia interveio com os seus novos carros, semelhantes a tanques mas munidos de grandes mangueiras, e varreu as ruas de Haia á agulheta.

Em consequência dessa «limpeza» estão hospitalizadas cerca de 300 pessoas, 30 das quais em estado grave.

A Polícia informa que prendeu já 8 pessoas. Esta tarde, a ordem estava completamente restabelecida. — (A.N.I.).

«Quase motim» em Copenhague

COPENHAGUE, 2 — Os habitantes de Copenhague festejaram a ultima noite do ano de uma maneira tão movimentada e barulhenta, que a Polícia a classificou de «quase motim». — (F. P.).

26 mortos na capital do México

MÉXICO, 2 — Os habitantes da capital do México festejaram alegremente, como de costume, a passagem do ano. Apesar das precauções tomadas pelas autoridades, houve muitas imprudências. Na madrugada de 1 de Janeiro registaram-se nove mortos em acidentes de circulação na cidade e dezassete pessoas morreram em consequência de congestões alcoólicas. — (F. P.).

Acto criminoso de um Negro

LONDRES, 2. — Num «bar» de Sheffield (Yorkshire), no momento em que a assistência cantava uma canção em coro, um Negro entrou no estabelecimento e foi convidado a associar-se á alegria dos clientes. Sem nada dizer, sacou uma pistola do bolso e fez fogo sobre a assistência, matando três homens e ferindo gravemente dois. O assassino foi preso pouco depois. — (F. P.).

175 mortos na América

CHICAGO, 2. — A's nove horas (T. M. G.), o numero de mortes já registadas em acidentes de viação relacionados com os feriados do Ano Novo era de 175, afirmando o Conselho Nacional de Segurança que, a manter-se este ritmo até ao fim-da-semana, será estabelecido um doloroso «record» — (A. N. I.).

O CÃO

não quis falar...

DRIGHLINGTON (Inglaterra), 2 — A senhora Kai Ounswoth resolveu organizar uma demonstração publica em que apresentou á Imprensa e a outros cépticos o seu «Corky» — o cão que fala correntemente.

O bicho é que não parece ter gostado de tanta publicidade. Amuou e apenas disse: «Sou um tipo esperto».

A dona ralhou, ameaçou, pediu, suplicou, cantou-lhe, disse-lhe palavras ternas, mas «Corky» encerrou a sessão, repetindo apenas: «Sou um tipo esperto». — (A. N. I.).

DEMITIU-SE

o Governo do Laos

VIENCIANE, 2. — O Governo laociano apresentou a demissão colectiva, em consequência de divergências quanto á interpretação da lei eleitoral no Conselho de Ministros de 28 de Dezembro — anunciou um comunicado da Presidência do Conselho.

Phuoi Sananikone, primeiro-ministro, entregou ao rei a demissão do seu Governo. — (F. P.).

LONDRES, 2. — Um informador do Foreing Office confirmou hoje que o Governo britanico recebeu um relatório da sua embaixada em Vienciane referente á mudança de Governo no Laos. Uada confirma que tenha havido golpe de Estado do Exército. — (F. P.).

Os aliados ocidentais

decidiram que a conferência

Leste-Oeste

não será uma "reunião breve"

LONDRES, 2.—Os aliados ocidentais resolveram abandonar os primitivos planos para que a conferência Leste-Oeste, em Maio próximo, fosse uma «breve reunião»— declararam hoje círculos autorizados britanicos. Em vez disso, esperam que venha a durar pelo menos oito a dez dias, talvez mais.

Ao fazer esta alteração, o Ocidente parece ter cedido aos desejos do chefe do Governo russo, que pretendia uma conferência com tempo suficiente para completa discussão de questões tais com o desarmamento, os problemas de Berlim e da Alemanha, e as relações entre o Leste o Oeste.

O primeiro convite do Ocidente á Russia para uma conferência de alto nível foi enviado, em 22 de Dezembro, com a ideia d e uma reunião «breve», que durasse quatro ou cinco dias, no máximo. Foi proposta a data de 27 de Abril, embora o Ocidente soubesse perfeitamente que «K» teria de estar de regresso em Moscovo a tempo de assistir ás comemorações anuais do 1.' de Maio.

A contrapoposta de Kruchtchev, recebida na véspera do Natal, não deixou duvida alguma de que o chefe do Governo russo tinha em mente uma conferência mais demorada, mesmo que o não tivesse dito com tantas palavras.

«K» sugeriu uma reunião em 21 de Abril ou em 4 de Maio. A primeira data, segundo declararam os círculos britanicos, foi uma clara indicação de que o dirigente russo estava disposto a sentar-se a uma mesa com os seus colegas ocidentais, durante oito ou dez dias.

Não foi especificado qualquer limite de tempo na subsequente proposta do Ocidente, sugerindo a data de 16 de Maio e que «K» aceitou imediatamente. Mas, os mesmos círculos britanicos disesram que oito a dez dias parece agora ser a duração provável

O primeiro-ministro britanico declarou ontem, numa entrevista concedida ao «Daily Express», de Londres, que, em sua opinião, a reunião no mais alto nível durará «cerca de oito dias».

MacMillan tem insistido para que seja aprovada a sua ideia de uma «cadeia contínua de reuniões no mais alto nível», em vez de uma unica grande conferência, destinada a solucionar, de um só golpe, a guerra fria.

Na entrevista concedida ao «Daily Express», o primeiro-ministro inglês voltou a propor que se efectue uma reunião de tal natureza, em cada oito ou nove meses.

Entidades oficiais ingleses disseram que o argumento de MacMillan se fundamenta na ideia de que, se uma conferência unica se malograsse, poderia ser um desastre, ao passo que haveria muito maiores probabilidades de uma solução parcelada, dos problemas entre o Leste e o Oeste, numa série de conferências. Afirma-se que o presidente Eisenhower oncordou com tal argumento. O presidente de Gaulle ambém a aceitou, durante as conversações ocidentais, de alto nível, em Paris, embora com muito menor convicção.—(A. N. I.).

5000 TURISTAS NO FUNCHAL

FUNCHAL, 2 — A' noite de São Silvestre, nesta cidade, assistiram cerca de cinco mil Portugueses e estrangeiros, vindos especialmente á Madeira para os festejos da passagem do ano. A cidade, vistosamente iluminada e ornamentada, registou movimento excepcional. Os festejos decorreram com a maior animação, sob uma temperatura amena, entre os 15 e os 22 graus. — (A. N. I.).

Palavras severas do presidente Kubitschek de Oliveira

RIO DE JANEIRO, 2 — Chegou a hora em que já não se justifica qualquer tolerancia para com os promotores da desordem — declarou o presidente Kubitschek de Oliveira, na mensagem de Ano Novo que dirigiu á nação brasileira, por intermédio da Rádio.

O texto foi lido pelo ministro da Justiça, Armando Falcão, em virtude de se encontrar constipado o chefe do Estado. Sobre a política externa, o presidente disse que o seu Governo continuará coerente com a linha política que adoptou até agora, muito especialmente no tocante ao prosseguimento da operação pan-americana — (A.N.I.).

Ike teve uma festa íntima

AUGUSTA, (GEÓRGIA), 2 — O presidente Eisenhower festejou em família a chegada do Novo Ano, numa festa íntima a que assistiram, além da esposa, um grupo restrito de amigos. O presidente, que hoje conferencia com os seus conselheiros acerca da comunicação sobre o orçamento que deve apresentar ao Congresso, no dia 18, regressa em breve á Casa Branca, antes de reabrirem as actividades parlamentares, na próxima quarta-feira. — (A.N.I.).

MacMillan entrou o ano a trabalhar

LONDRES, 2 — Apitos, «klaxons», sinos e o «Auld Lang Syne» saudaram em toda a Inglaterra o Ano Novo. Só em Birmingham, palco de um sangrento crime, a semana passada, o entusiasmo foi menos pronunciado, por intenção da vítima.

Em Londres, amigos, parentes e até desconhecidos abraçavam-se e beijavam-se na rua e nas salas de diversões, desejando-se mutuamente um 1960 muito feliz. Na Escócia, cumpriu-se de novo a tradição do «Hogmanay»: se a primeira pessoa que cruzar o limiar de uma casa, depois do Ano Novo, for um homem de cabelos escuros levando um pedaço de carvão na mão, os residentes dessa casa terão um ano feliz.

Quatro mil pessoas compareceram no baile realizado no Albert Hall. Numa cave de Chelsea, celebrou-se uma «festa espacial», em que partiu uma conferência mais demorada, mesmo que o não tivesse dito com tantas palavras.

«K» sugeriu uma reunião em 21 de Abril ou em 4 de Maio. A primeira data, segundo declararam os círculos britanicos, foi uma clara indicação de que o dirigente russo estava disposto a sentar-se a uma mesa com os seus colegas ocidentais, durante oito ou dez dias.

Não foi especificado qualquer limite de tempo na subsequente proposta do Ocidente, sugerindo a data de 16 de Maio e que «K» aceitou imediatamente. Mas, os mesmos círculos britanicos disesram que oito a dez dias parece agora ser a duração provável

O primeiro-ministro britanico declarou ontem, numa entrevista concedida ao «Daily Express», de Londres, que, em sua opinião, a reunião no mais alto nível durará «cerca de oito dias».

MacMillan tem insistido para que seja aprovada a sua ideia de uma «cadeia contínua de reuniões no mais alto nível», em vez de uma unica grande conferência, destinada a solucionar, de um só golpe, a guerra fria.

Na entrevista concedida ao «Daily Express», o primeiro-ministro inglês voltou a propor que se efectue uma reunião de tal natureza, em cada oito ou nove meses.

Entidades oficiais ingleses disseram que o argumento de MacMillan se fundamenta na ideia de que, se uma conferência unica se malograsse, poderia ser um desastre, ao passo que haveria muito maiores probabilidades de uma solução parcelada, dos problemas entre o Leste e o Oeste, numa série de conferências. Afirma-se que o presidente Eisenhower oncordou com tal argumento. O presidente de Gaulle ambém a aceitou, durante as conversações ocidentais, de alto nível, em Paris, embora com muito menor convicção.—(A. N. I.).

Coincidência feliz

na noite de S. Silvestre

TRENTO (Itália), 2. — A rolha de uma garrafa de champanhe, ao saltar á meia-noite, na entrada do Ano Novo, trouxe boa sorte aos proprietários de uma fábrica de automóveis desta cidade.

A rolha partiu um vidro de uma das janelas dos escritórios da fábrica, e a empregada Rosetta Frentini, de 25 anos, que correu a examinar os estragos produzidos pela rolha, viu, horrorizada, que a fábrica estava ameaçada por um incêndio repentino, que deflagrara num armazém próximo.

Rosetta chamou imediatamente os bombeiros, que conseguiram extinguir o fogo antes que este se propagasse á fábrica.

Os proprietários da fábrica de automóveis ofereceram á rapariga 100 garrafas de champanhe. — (A. N. I.).

Os petardos fizeram vítimas na Itália

ROMA, 2 — Morreram duas pessoas e ficaram feridas cerca de uma centena por explosões de petardos e bombas, costume tradicional dos Italianos, na festa do Ano Novo. Em Nápoles, uma mulher de 57 anos sucumbiu a uma crise cardíaca, após a explosão de um grande petardo na rua. Na mesma cidade, um homem de 30 anos foi morto pelo rebentamento de uma grande bomba de papel. Ainda em Nápoles, ficaram feridas 32 pessoas. Em Roma, houve 26 feridos, um dos quais gravemente. Grande numero de pessoas foi vítima de atentados á mão armada. Na residência do marquês Filippo Alliata foram roubados muitos objectos de valor, e quadros de mestres pintores. — (F. P.).

Os Camarões franceses

adquiriram soberania plena

e há tranquilidade no país

YAOUNDE, 2. — Á meia-noite de ontem, cem tiros de canhão marcaram a independência dos Camarões e o fim da tutela francesa.

A bandeira nacional francesa, que drapejava, há mais de 40 anos, no Palácio do Governo de Yaounde, foi arriada, simbólicamente, durante uma breve cerimónia a que assistiram o primeiro-ministro dos Camarões, Ahidjo; o ministro de Estado francês, Louis Jacquinot; e o ministro das Obras Publicas e dos Transportes francês, Robert Buron.

Os Camarões são o primeiro território da África sob tutela ou autoridade francesas que adquire a plena soberania. Ao contrário da Guiné, porém, não quebrou com a antiga potência administrante e as relações que vai manter com a França são absolutamente comparáveis ás que se instauraram entre Ghana e a Grã-Bretanha.

A ascenção dos Camarões á independência eleva de nove para dez o numero de países independentes da África e vai modificar a relação numérica entre a África negra e a África árabe, a favor da primeira.

O chefe do Governo é Hamadou Ahidjo que, no campo afro-asiático, faz figura de moderado. Está em luta com a oposição violenta dos extremistas da União das Populações dos Camarões (U. P. S.). Este partido revolucionário dirige há meses uma luta clandestina contra o presente Governo, luta que originou por diversas vezes acontecimentos sangrentos, dos quais os ultimos datam de há quarenta e oito horas sómente.

Para remediar a esta precária situação e para provar o caracter democrático do seu Governo, Ahidjo comprometeu-se a redigir uma nova Constituição, que deverá ser aprovada no começo do ano por referendo, e a proceder a eleições gerais em Março. Esforça-se, por outro lado, em apertar os laços com os seus amigos de África, tais como William Tubman, presidente da Libéria.

A independência dos Camarões traz ao país tantas inquietações como esperanças, o que traduz a atmosfera em que se dão as cerimónias actuais. As informações a este respeito, não vêm, de resto, senão difícilmente e com atrasos de transmissão apreciáveis.

As ultimas notícias informam que a U. R. S. S. reconheceu o novo Estado. — (F. P.).

*

PARIS, 2. — De origem oficial francesa, sabe-se que foi completamente restabelecida a serenidade em Douala (Camarões) depois dos incidentes sangrentos.

Não houve quaisquer incidentes em Yaounde, onde as precauções policiais foram reforçadas. — (F. Presse).

A CONFERÊNCIA económica ocidental

efectuar-se-á em Janeiro

PARIS, 2. — A conferência ocidental sobre assuntos económicos, decidida na recente conferência de alto nível ocidental, realiza-se em Paris em 12 e 13 de Janeiro — anuncia-se oficialmente nesta capital. — (A. N. I.).

Alívio rápido da AZIA

Um excesso de ácido no estômago causa dores e outros incómodos. A Magnésia «Bisurada» dá-lhe alívio rápido. Neutraliza o ácido em poucos minutos, acalma as membranas inflamadas das paredes do estômago e faz com que este volte a funcionar normalmente. À venda em pó e comprimidos.

Magnésia BISURADA

BEBA BARRITOS VERMUTE INDIVIDUAL

GAMBRINUS

Cumprimenta os seus amigos e clientes e comunica-lhes que para efeito de balanço está amanhã encerrado, reabrindo segunda-feira, dia 4.

VÁ AMANHÃ AO

Restaurante «IMPERIAL» do Carregado

PRATO DA CASA: «Ensopado de Enguias» (diferente de tudo)
Lombo de Porco á Imperial (outra delícia) — (todas as salas aquecidas). TELEFONE 21

Quais são os seus votos para 1960 ?

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 77 Diario de Lisbôa

QUE A RESIGNAÇÃO DE LUGAR Á INTREPIDEZ E Á CORAGEM, DE MANEIRA A ESTARMOS Á ALTURA DA ÉPOCA EM QUE VIVEMOS
—ALVES REDOL

Um novo ano vai iniciar-se. Um ano novo de trabalho, de estudo e de luta. Mas também um novo ano de amor e de confiança na vida. Em cada ano que começa renova-se no nosso coração uma esperança já cansada mas que reverdece sempre como os rebentos na Primavera.

Um novo ano não é nem o princípio nem o fim do que quer que seja: E', bem o sabemos, um novo elo duma caminhada que vem de longe e se projecta para a frente. Mas é, sem duvida, o momento em que todos nós, mesmo insensívelmente, escolhemos para dar um balanço do que fizemos e do que não fizemos. E' o momento, digamos, de fazer o ponto na nossa jornada e ver se o rumo que levamos está certo ou errado.

E' ainda o momento em que todos pensamos qual o desejo mais sentido que gostaríamos de ver realizado no ano que se segue. Por isso o Magazine quis registar neste primeiro numero do ano os votos para 1960 dum conjunto de figuras destacadas nos vários campos de actividade da vida nacional. E é extraordinàriamente agradável verificar que a Paz, o Entendimento entre os homens, a Tolerancia e o desejo de Coragem para marchar em frente para melhores dias é o desejo comum que liga fraternalmente todos os nossos entrevistados. Que esta admirável unanimidade de pensamento num objectivo tão nobre seja sinal de que o próximo ano será um ano frutuoso de bens humanos. São esses, também, os nossos votos ferverosos.

O escritor Alves Redol :

— Que a resignação dê lugar á intrepidez e á coragem, de maneira a estarmos á altura da época surpreendente que vivemos.

Que a lucidez bata á porta dos pobres de espírito, daqueles que desejam travar a marcha do homem para as estrelas. E com isto não me refiro só ás trelas do Céu, mas ás que cada um de nós tem dentro de si e á sua volta.

O actor Raul Solnado :

— Duma maneira geral desejo

(Continua na 3.ª página)

ANO NOVO

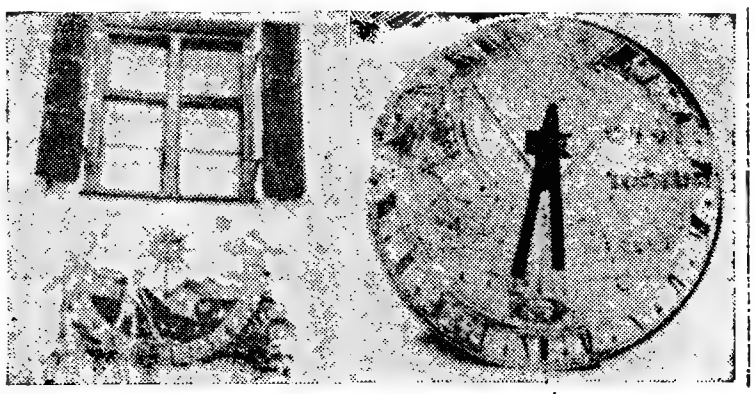
por JOÃO CAMPOS

Mais um ano e menos um ano, como dizia filosóficamente um velho carcereiro aos presos que guardava. Mais um ano de prisão, que significava menos um ano a cumprir. Neste princípio de Ano Novo também me apetece dizer com ele: mais um ano passado e menos um ano a passar.

O tempo ultrapassa-nos, nada o detém. E nada também mais difícil de definir que o tempo. Infinito, breve ou longo, inexorável, todas as nossas definições de tempo são arbitrárias pois que tempo é, essencialmente, abstracção. Podemos medi-lo ou dividi-lo tanto em muito grandes como em infinitamente pequenas fracções. Que distancia enorme entre a eternidade e o segundo.

Já não há tanta razão para ficarmos admirados entre o tempo que vai do relógio solar ao relógio falante. Cinco mil anos é muito? Enorme se considerarmos o facto á escala humana, mas é imponderável se o situarmos na sinceridade dos séculos.

Ao personificarem o tempo os antigos representavam-no na figura de um velho alado, de foice e ampulheta. As asas significavam a rapidez, a foice a sua força destruidora e a ampulheta a passagem contínua dos anos. Os Gregos chamaram-lhe Kronos (donde fomos buscar as palavras cronologia, crónica, etc.) e representavam-no devorando os dias na figura de seus filhos. A latinos identificavam-no com Saturno (o chamado período Saturniano é aquele em que os continentes tomaram forma actual). E se modernamente conseguirmos meios técnicos que nos permitem cortar o tempo com exactidão, não é menos verdade que já na antiguidade se conseguiu estabelecer calendários o que significa a existência de observações prévias.



De facto, pode-se afirmar com segurança no ano de 4241 antes da era cristã os Egípcios tinham já o seu calendário. Dividiram os dias em dois períodos de 12 horas (o dia e a noite) e o ano em 12 meses com três estações: lavra, sementeiras e colheitas.

Também os nossos antepassados tiveram os seus calendários. Quem alguma vez passou pela Bretanha viu decerto vários alinhamentos de pedras que não são outra coisa que calendários solares pré-históricos.

Entre os Romanos foi Julio César que criou o chamado calendário Ju-

(Continua na página seguinte)

ANO NOVO

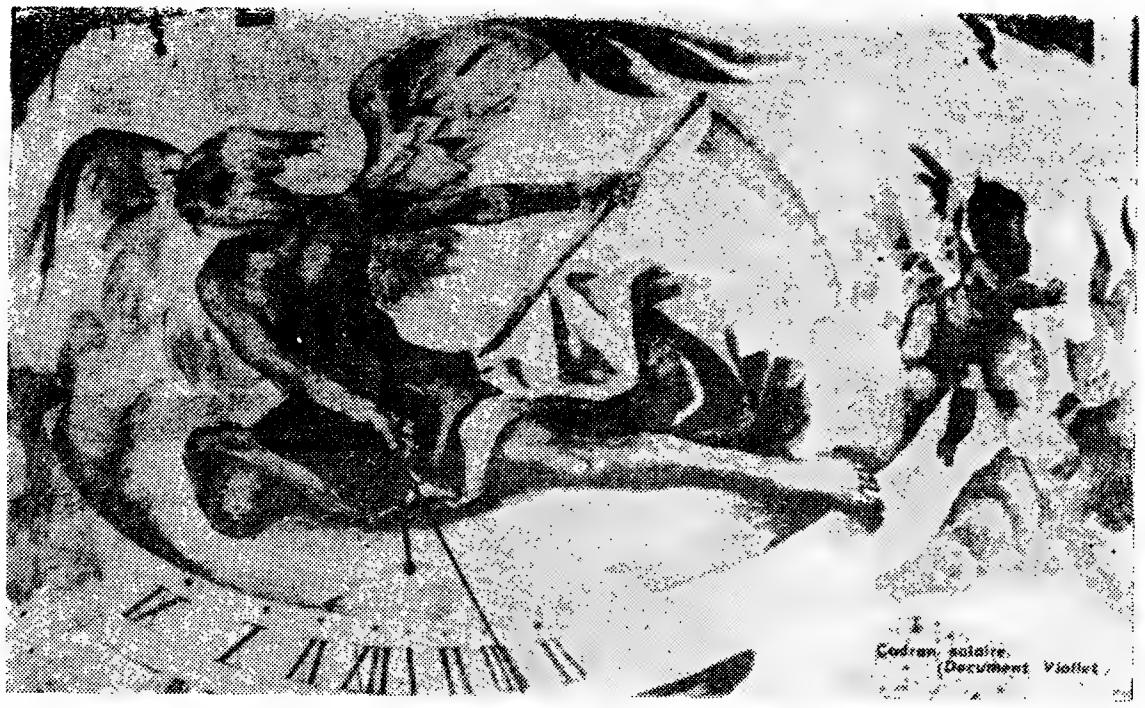
Ao começar este Novo Ano — o Ano Bom — Magazine não vai fazer concorrência aos horóscopos, mas considera seu dever revelar aos Leitores a ideia que, antecipada e justificadamente, tem àcerca dos trezentos e sessenta e seis dias que vamos começar a utilizar.

1959 foi um ano em que se registaram notáveis acontecimentos: em primeiro lugar, um desanuviamento pacífico nas relações internacionais; em segundo lugar, extraordinários feitos no campo da Ciência, como seja a enxertia, realizada com inteiro êxito, de cabeças e pernas em animais (facto de enormes consequências no futuro da medicina), e os resultados já obtidos na conquista dos espaços interplanetários.

O ano de 1960, na senda de paz, que se prenuncia, deverá chegar ainda mais longe em conquistas úteis, pois é na Paz, na coexistência e no respeito mútuo dos povos e dos homens, que todas as vitórias, todo o progresso são possíveis. Inclusivé aquilo que mais estimamos: a tranquilidade.

Hoje já não é pedir de mais quando se pede isto tudo.

O fim da escravatura na América



A América do Norte é uma terra de grandes contrastes. Refugio, durante séculos, de todos os perseguidos da velha Europa, pátria de Thomas Jefferson, Abraham Lincoln e Walt Whitman, é também a terra da discriminação racial e da famigerada seita do Ku-Klux-Klan.

Esses contrastes, que já no século passado deram origem a uma cruenta guerra civil, resultaram das diferentes estruturas económicas das duas partes dos Estados Unidos: o Norte, fortemente industrializado, que reclamava cada vez mais a existência de trabalhadores «livres», isto é, assalariados, o Sul, predominantemente rural, que tendia á preservação do trabalho escravo. Daí um permanente conflito entre os Estados do Norte e do Sul, cuja repercussão chegou até aos nossos dias.

A escravatura principiou nos Estados Unidos de uma maneira bastante curiosa. «Sir» Walter Raleigh, amigo íntimo da rainha Elisabeth, partiu para o Novo Mundo em busca de ouro, mas o mais que ali encontrou foi uma estranha planta da qual os indígenas saboreavam o fumo com visível prazer. O nobre inglês quis experimentar, deliciou-se também e, de regresso a Inglaterra, revelou essa nova voluptuosidade á austera soberana e aos membros da sua corte. Assim nasceram a voga do tabaco e o hábito de fumar. Foi para satisfazer esse novo vício que Raleigh procurou transformar em colónia a terra que ele tinha nomeado Virgínia, em honra da rainha solteira que ocupava então o trono de Inglaterra. A sua tentativa fracassou, e em 1602 os seus ultimos companheiros tinham reembarcado.

Mas em breve outras tentativas alcançariam maior êxito. Jacques I pretendeu impor o anglicanismo a todos os seus subditos. Em lugar de se submeterem, os mais fervorosos, na sua maioria cavinistas, preferiram expatriar-se. A Companhia de comércio de Londres transportou uma centena de dissidentes para a scostas de Virgínia e aí eles fundaram, em 1607, a pequena cidade de Jamestown, o mais antigo estabelecimento anglo-saxão do Novo Mundo. Foi em vão que os novos colonos procuraram o ouro de que, segundo se dizia, a América estaria cheia, mas a cultura do tabaco prometia óptima compensação. Ela exigia, porém, esforços incomportáveis pelo brancos habituados a um clima muito menos quente. Em 1619, os primeiros escravos negros foram importados de Africa. Assim principiou a organizar-se, ao Sul do território dos futuros Estados Unidos da América, uma Sociedade de plantadores que procuravam assemelhar-se quanto possível á aristocracia inglesa do seu tempo.

Muitas novas colónias se fundaram depois no território da América do Norte, todas elas prosperaram e se arrogaram de uma crescente autonomia. A Inglaterra havia deixado de ser a fonte principal da emigração para o Novo Mundo e a política seguida pela Grã-Bretanha em relação ás suas colónias, baseada no princípio de que estas deviam fornecer matérias-primas á mãe-pátria, sem, no entanto, competir com ela nas industrias, tornara-se incompatível com o grande incremento da economia norte-americana. A inevitável Declaração da Independência — adoptada em 4 de Julho de 1776 — marcou para a História o nascimento de uma nova e grande Nação. Mas essa mesma Declaração, ao proclamar que «todos os homens nascem iguais; que lhe conferiu o Criador certos direitos inalienáveis, entre os quais o de vida, o de liberdade, e o de buscar a felicidade; que para assegurar esses direitos se constituiram entre os homens governos cujos poderes justos emanam do consentimento dos governados», estava enunciando também uma filosofia da liberdade humana que não poderia harmonizar-se com o esclavagismo dos Estados Sulistas.

A introdução da monocultura algodoeira fizera entretanto aumentar enormemente o numero de escravos e a maioria dos fazendeiros do Sul chegara a considerar a escravatura como factor básico da sua economia. Mas a industrialização crescente do Norte creara outro tipo de mentalidade e originara um forte movimento abolicionista.

Desde meados de 1840 a questão da escravatura veio a ser o problema dominante da política americana. Os discursos de Abraham Lincoln, os poemas de Whitman e, sobretudo, o celebérrimo romance de Harriet Stowe «A cabana do pai Tomás», haviam ajudado a formar um forte movimento abolicionista. clavagista. As desinteligências entre o Norte e o Sul tornavam-se mais profundas de ano para ano e, a 12 de Abril de 1861, depois de um apelo desesperado de Lincoln a que o Sul permanceu surdo, principiou uma sangrenta guerra civil que opunha vinte e três Estados abolicionistas, com um total de 22 milhões de habitantes, a onze Estados esclavagistas, com 9 milhões de habitantes.

A decisão dessa luta foi favorável aos Estados do Norte que, além do seu maior potencial humano, contavam com uma grande superioridade industrial, e assim, no dia 13 de Abril de 1864, a cidade de Washington achava-se festivamente iluminada e a multidão comemorava nas ruas a rendição de Lee. Os negros haviam conquistado a sua liberdade e, em Dezembro de 1865, o Congresso formalizava essa conquista, ratificando a XIII Emenda á Constituição, que abolia definitivamente a escravatura.

Tinha entretanto sucedido aos vencidos uma infelicidade ainda maior que a derrota militar. Lincoln fora assassinado em pleno teatro, no dia 14 de Abril de 1865, pelo actor Booth. O vice-presidente Johnson, homem honesto mas impolítico, foi fácilmente afastado pelos «financeiros» do Norte, ávidos de aproveitarem» a vitória. O novo presidente, o general Grant, vencedor do Sul, bom guerreiro e homem político, nulo, não estava á altura das circunstancias e desse modo a chamada época da «reconstrução» (1865-76) tornou-se o período mais sombrio e corrupto da história dos Estados Unidos.

Com a supressão brutal da escravatura, a economia sulista tinha-se desagregado. Os financeiros do Norte, pelo contrário, haviam beneficiado amplamente da guerra e preparavam-se para explorar ao máximo a sua vitória. O que tinha sido uma bela e justa causa transformara-se num zelo negrófilo bastante suspeito, e assim que á XV Emenda á Constituição (1868) concedeu aos negros o direito de sufrágio, logo uma legião de aventureiros sem sombra de escrupulos se abateu sobre o Sul com o fim de revelar aos pobres escravos de ontem as excelências das eleições e do parlamentarismo.

Surgiram então governos de fantasia, eleitos pelos votos massivos dos negros. Alguns cidadãos de cor transformaram-se, sob a direcção de hábeis «meneurs» políticos, em legisladores, magistrados e ministros. Nem mesmo era necessário saber ler. A pilhagem de bens publicos e privados, as humilhações e violências exercidas sobre os antigos fazendeiros, sucediam-se.

Mas a violência chama a violência e alguns brancos agruparam-se em sociedades secretas com o fim de intimidarem os negros. Ora, a mais célebre de todas essas sociedades, e também a mais cruel e durável, foi o Ku-KluxKlan.

Essa famigerada sociedade fora fundada em Nashville (Tennesse) por um grupo de oficiais do exército sulista. O Klan, ou «Império invisível do Sul», tomou bem depressa grande extensão, multiplicando as «lojas», chamadas «antros» (dens).

Ao princípio, a actividade do Klan limitava-se á intimidação dos negros, que são muito sensíveis a tudo o que apresente um aspecto sobrenatural, por meio dos ornamentos bizarros usados pelos seus membros, de expedições nocturnas a cavalo, reuniões fantásticas á luz de archotes e proclamações sonoras. Mas depressa se tornou o caminho das maiores violências, que foram até ao «linchamento» dos antigos escravos. O Governo federal acabou por se inquietar e votou uma lei dissolvendo a nefasta associação (1871). Os brancos tinham entretanto reconquistado a sua antiga preponderancia económica, social e política. A necessidade de um tal instrumento de intimidação deixara de fazer-se sentir e a sociedade foi dissolvida pelo seu próprio chefe, o general Forest.

O Klu-Klux-Klan deveria no entanto reaparecer ainda, e desta vez com um programa muito mais nefasto e um aspecto mais antipático. Os soldados de cor, incorporados durante a primeira Guerra Mundial no exército dos Estados Unidos, regressaram á sua terra pouco dispostos a suportar a condição de inferioridade em que os brancos queriam mantê-los. Os brancos, por sua vez, reagiam da maneira habitual.

Agora o Klan renascente deixara de ser um organismo de defesa para tornar-se um instrumento de ataque, e já não visava exclusivamente os negros, mas também outras raças e diferentes camadas sociais. Os seus fins, mais ou menos confessos, eram: lutar contra os Judeus, opor-se aos progressos realizados pelo catolicismo sobre o velho espírito protestante, proibir a entrada nos Estados Unidos, a todos os emigrantes de origem latina... Desta vez, infelizmente, também as actividades do Klan se não limitavam a tentativas de intimidação e os crimes cometidos pela seita, sómente num Estado (Texas) e num unico ano (1922) ultrapassaram quinhentos. O numero

e a famosa seita do Ku-Klux-Klan

por ALFREDO BRAZ

CÃO PENDIO
um livro de humor
desenhos e texto de TÓSSAN
EDIÇÃO DA PORTUGÁLIA

(Continuação da página anterior)

liano (reparai que o sétimo mês do ano se chama Julho — de Julio — para comemorar a conquista da Galia nesse mês). Mas este calendário foi calculado de maneira que o ano teórico é um pouco mais curto que o ano astrológico. Como sabemos, existe uma diferença entre a rotação da Terra em torno de si própria, que determina o dia e a noite (24 horas) e a sua rotação á volta do Sol que serve para determinar o ano (365 dias e 6 horas). São estas 6 horas de diferença que torna difícil estabelecer o calendário.

Em 1582 o Papa Gregório XIII decidiu pôr mais ordem nas coisas, corrigindo-o; e, assim, o 5 de Outubro daquele ano passou a ser o dia 15. E ainda por esse calendário que nos guiamos.

Das «Calendas gregas» ao Ano I da Revolução

Os Romanos chamavam aos seus meses calendas, idos, nonos e velas. Era nas calengas que costumavam ser marcados os pagamentos das dívidas. Ora os Gregos não adoptaram as calendas e por isso se dizia por graça e ainda hoje se diz, que pagar uma dívida nas «calendas gregas» significa nunca mais a pagar.

Os Romanos contavam os anos a partir da fundação lendária de Romulus em 753 A. C. e nós, como todos os povos cristãos contamo-los desde o nascimento de Cristo.

Os Muçulmanos contam-nos a partir da fuga de Mahomet para Medina em 662; os Israelitas a partir do que consideram a criação bíblica do Mundo, no ano 3760 A. C.

Os dirigentes da Revolução Francesa imaginaram um novo calendário onde os meses estavam divididos em três dezenas de dias e no qual o primeiro dia do primeiro ano foi o 22 de Setembro de 1792, data da proclamação da Republica. Teve apenas a duração de 12 anos pois Napoleão aboliu-o em 1806; contudo, continuam na recordação os felizes nomes dos meses criados pelo poeta Fabre d'Englantine: Vindimiario (mês das vindimas), brumário (das brumas), frimário, (dos frios), termidor (do calor), etc.

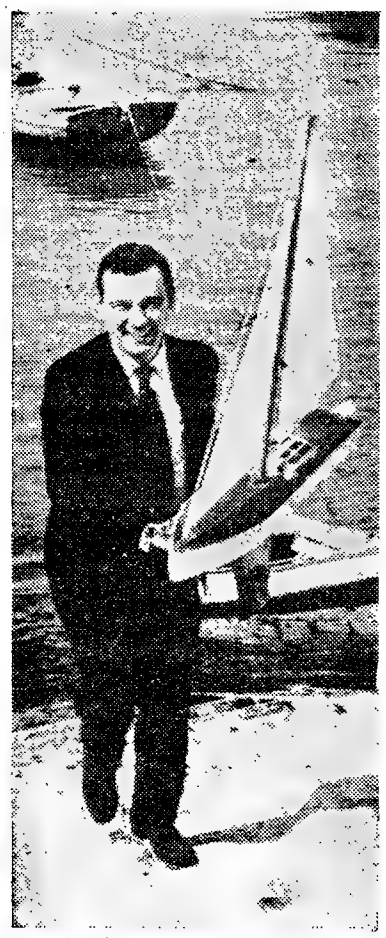
Da ampulheta ao cronómetro

Só nos tempos modernos foi possível, de facto, avaliar o tempo com exactidão. Durante séculos, os unicos instrumentos de medida foram a ampulheta e os quadrados solares só possíveis de utilizar nos dias de sol e, depois, a clépsidra, um relógio de água de construção muito engenhosa. Só no século XV, apareceram os primeiros relógios de pesos. No mesmo ano deu-se a descoberta de Galileu, revelando a igualdade do tempo nas oscilações, o que deu lugar ao relógio de balanço.

O inventor do relógio de bolso foi devido a um tal Jean Couldray que, entre outros, fabricou 2 para Francisco I, mas eram ainda pouco exactos. Foi só no século XVIII com Beaumarchais que se conheceu o relógio com precisão... Mas isso é já a história da relojoaria. Por hoje apenas queremos assinalar a passagem do Ano Novo falando no tempo e nas formas diversas de contar os dias e os anos que vão passando como uma folha de album e nos fazem velhos.

O ANO NOVO PERANTE O POVO

Duma maneira geral desejo paz e entendimento entre os homens — conta-nos o actor Raul Solnado.



O ano de 1960 aparece já perante cada um como uma certeza — afirma o prof. Rui Luís Gomes.

— Um novo ano é sempre uma esperança renovada, mas o ano de 1960 aparece já perante cada um de nós como uma certeza — de paz entre os povos.

Votos de Fraternidade e Paz entre os homens — são os do escritor Assis Esperança.

Votos de Fraternidade e Paz entre os homens, tanto penso, sinto e julgo que os melhores, entre eles, jamais atraiçoarão a expectante confiança daquelas multidões que anciosamente aguardam a hora de justiça social, de solidariedade, há vinte séculos enunciada nas pregações e exemplos de Jesus Cristo.

Entendimento entre os responsáveis pela política mundial — pede a Engenheira Virginia Moura.

— Voto para 1960? Que em 1960 se concretizem as esperanças de um amplo entendimento entre os responsáveis pela política mundial, condição 1.ª no mais alto nível económico e cultural do homem.

É a paz que primeiro me preocupa — diz o dr. Aiçada Baptista.

— E' a Paz que primeiramente me preocupa e é por ela que formulo os meus votos.

E se por um lado sentimos estar bem longe da nossa decisão fazer a guerra ou a paz, por outro creio não ser de mais lembrar que a Paz começa no coração de cada um, que dele sobe á cidade e depois á Nação e desta á Humanidade inteira.

Por isso, quando dentro de nós destruimos os nossos ódios pessoais, estamos a trabalhar para a Paz.

Por isso os meus desejos de Paz são uma esperança em Deus, no que de nós não depende, e uma chamada á responsabilidade naquilo que constitui a nossa própria tarefa.

Assim terminámos o nosso rápido inquérito. Ninguém deixará de estar de acordo com os nossos entrevistados: que o Ano Bom de 1960 nos traga Paz, tranquilidade e confiança nos superiores destinos do homem.

(Continuação da 1.ª pagina)

paz e entendimento entre os homens.

Pessoalmente quero pouco, apenas um teatro novo com 400 lugares.

PREPARANDO A «FLORÍADA» DE ROTERDÃO

Cerca de milhão e meio de bolbos floridos estão agora plantados nos prados de Roterdão em preparação para a maior exposição internacional de horticultura jamais organizada em qualquer parte do Mundo: a «Floriada» que terá lugar de 25 de Março a 25 de Setembro de 1960, nas 400 000 jardas quadradas situadas entre o bem conhecido Museu Boymane-Van Beumingen e o rio Meuse.

A gravura mostra o famoso «Ninho de corvo» (com restaurante) com 300 pés de altura que será a maior atracção da «Floríada», de Roterdão.

CARTA AOS POETAS

Assim como aquele tronco não passa agora de uma superfície estendida através da sua própria velhice, longo e sereno como um pedestal, assim como a árvore nova o olha calmamente, e deixa que as suas jovens folhas o vão proteger, caindo natural e incessantemente sobre ele, assim os homens deveriam reparar naqueles que caem amassados pelo ritmo certo e fortíssimo da desgraça.

A todos aqueles que, alguma vez pegaram numa caneta e escreveram, a todos aqueles que sentem, que amam, que sabem ainda o significado das mágicas palavras, amor, bondade, ternura, a todos esses imploro uma carta, um livro, um rascunho, falando aos desgraçados, aos infelizes, enobrecendo-os, estimulando-os na sua própria condição de seres humanos. Há um sino Universal que nos traz o Natal, e com ele uma rara sensação de felicidade que todos os homens sentem. No próprio frio que nos faz andar apressados, nos inumeros brinquedos espalhados pelos grandes campos, que são nessa altura as montras, nas crianças que seriam anjos se nós as compreendessemos devidamente, existe um poema, uma frase que nunca foi escrita por ninguém. Hoje, que o sofrimento alheio, a pobreza, a indiferença por todos aqueles que não mandam, se vai tornando uma espécie de moda, é necessário que o homem inteligente ta evidências através da sua pena. Eu gostaria de conhecer o verdadeiro pensamento do homem de barbas brancas que todos os dias passa por mim. Em cada rua, todos os dias, aparece a todos nós um velho de barbas brancas que nos pede qualquer coisa através da sua enorme tristeza. Simplesmente poucos o vêem porque é envergonhado e, muitas vezes, não quer uma esmola. Grande é a sua presença no Mundo porque a tudo resistiu, e não sucumbiu perante a indiferença que é talvez a maior expressão da maldade. Nessa mesma rua, onde decerto vive um poeta, um escritor, eu peço a esse mesmo privilegiado que o procure, que lhe mostre os seus livros e faça dele o seu companheiro de Natal.

Os homens que a própria Sociedade alcunhou de desgraçados, vadios, têm de saber que existem através de si próprios, pelo conhecimento daquilo que lhes podermos mostrar, através do nosso contacto, de um simples aperto de mão.

Eu peço a todos que não tomem as minhas palavras como um discurso moralizador. Apenas gostaria que a inteligência saísse vitoriosa, pondo-a ao serviço de outros. E' mais fácil a um infeliz compreender, do que a um afortunado.

Quando a noite vier, e a calçada estiver juncada de estrelas, deixa que a bondade te pegue pela mão, e segue o rumo da casa velha onde mora o homem que nunca ouviu palavras amigas. E, sobretudo, não te importes que o teu amigo, que certamente passará junto de ti, num enorme mundo de rodas, repare em ti e sorria desdenhosamente. Não te envergonhes se te encontrarem ao lado de um vagabundo, porque estarás nesse momento muito mais completo que o teu primo que vai comer o Peru Universal.

Sorri, chora, se quiseres, mas não deites fora o teu gesto sublime.

E quando fores para casa, escreve o que fizeste, oferece a toda a Humanidade essa pequenina bola de oiro.

SO' COPIAS

por ILSE LOSA

Fazia quase um ano que a Ana andava na escola primária. Já sabia ler as historiazinhas do Primeiro Livro e escrever as cópias. As cópias. Como ela as detestava! Era uma menina irrequieta, sempre a imaginar coisas que aconteciam com as pessoas da casa, com o cão, os pássaros, as abelhas, as plantas do quintal. E se escrevesse também um história, como tinham feito todos aqueles que escreveram as histórias do livro de leitura? Uma história que a professora gostasse de ler, e a mãe e o pai também. E que ela depois leria ao Pinóquio, á noite quando ele se sentasse junto da sua cama. E a Ana escreveu uma história.

A história que a Ana escreveu falava da mãe, dum pardal e dum guarda-chuva. E' que o pardal estava sentado num muro á chuva. E a mãe teve pena dele. E levou-o consigo debaixo do guarda-chuva. Depois pousou-o no corredor da casa e deu-lhe licença que aí esperasse pelo bom tempo. O pardal lá esteve quase uma hora. Depois despediu-se a agradeceu á mãe que lhe disse: «não tem de quê». Mas no dia seguinte a mãe encontrou no peitoril da sua janela um cravo vermelho. Foi o pardal que o pôs lá.

Ana entregou a história á professora.

— Quem te mandou fazer uma redacção livre? — perguntou a professora.

— Ninguém — respondeu Ana — apeteceu-me muito escrever uma história.

— Hum, hum — disse a professora. Vamos lá ver isso.

A' medida que ia lendo, sublinhava uma data de palavras com lápis vermelho.

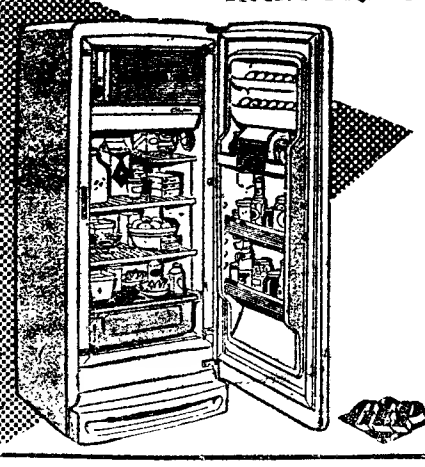
— Vinte e cinco erros — disse depois. — Na tua idade, Ana, ainda não se sabe fazer redacções livres. Só cópias, ouviste? Só cópias. Então a Ana teve vergonha de mostrar a história á mãe e ao pai porque estava cheia de traços a lápis vermelho, estava mesmo de aspecto feio e, por baixo, liam-se as palavras frias: «vinte e cinco erros», assim mesmo com um ponto de exclamação. O ponto de exclamação explicava bem: «não te atrevas outra vez a escrever histórias. Tu ainda não sabes escrever histórias».

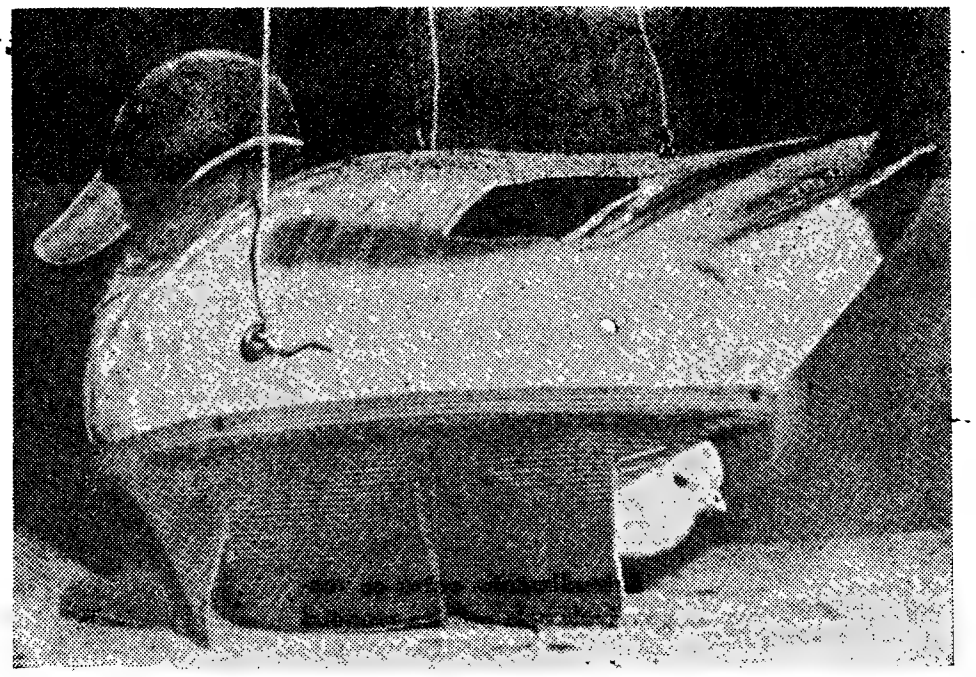
Mas á noite sempre a leu ao cãozinho que estava sentado junto da sua cama. O cão escutava, via-se bem que escutava porque fitava as orelhas.

— Gostastes, Pinóquio? — perguntou-lhe Ana por fim.

E ele abanou o rabo e lambeu-lhe as mãos e nunca percebeu porque é que, de repente, Ana rompeu a chorar.

GRAHAM GREENE
*
EMIL LUDWIG
*
HENRI TROYAT
em 3
grandes obras:
A INOCÊNCIA E O PECADO
*
NAPOLEÃO
*
A VIDA QUOTIDIANA NA RÚSSIA NO TEMPO DOS CZARES
SÃO MAIS 3 GRANDES EDIÇÕES DE
LIVROS DO BRASIL

GElado começa por GENERAL ELECTRIC
O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA

• FECHO MAGNÉTICO ETERNO
• MOTOR SILENCIOSO
• PRATELEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
• GAVETA PARA VEGETAIS
• CONGELADOR A TODA A LARGURA
• PRATELEIRA PARA OVOS
• MANTEIGUEIRA
A VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA



Os pintos abrigados debaixo da sua mãe têm uma sensação de segurança e de comodidade. Este pinto não sabe que esta não é a sua mãe, sabe só que está seguro e quentinho

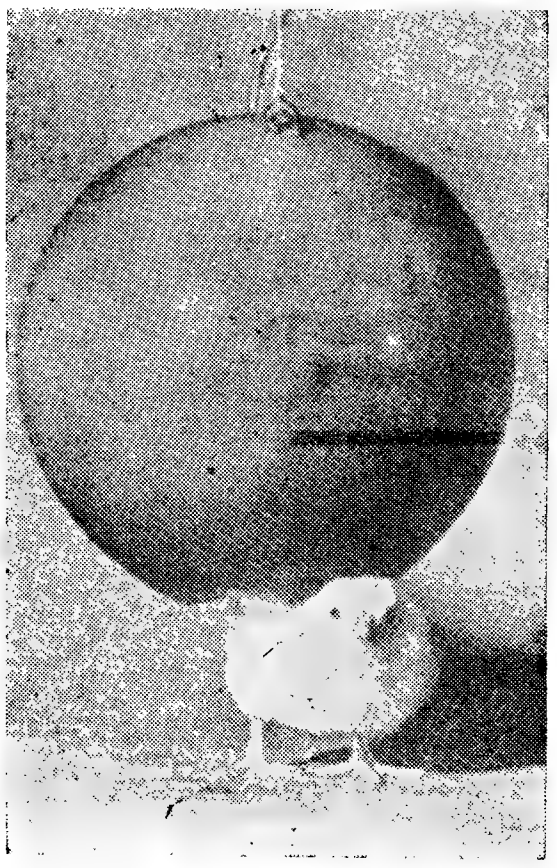
da inteligência dos pintos à fartura das gemadas

Até que ponto se desenvolve a inteligência dos pintainhos?

Não muito, segundo as experiências colhidas pelo dr. Eckhard Hesse professor de psicologia da Universidade da Chicago.

Parece que uma ninhada de pintos, mesmo que pensem todos ao mesmo tempo, não conseguem distinguir entre a galinha «mãe» e uma simples bola de borracha ou coisa idêntica, desde que esta se mova.

Recentemente foi feita uma série de experiências para se observar como os pintos se comportam frente ás diversas cores, aos sons e outros estímulos. Para isso foi construída uma ave simulada e usada uma bola de borracha tudo em estado de movimento. Descobriu-se então que qualquer dos objectos que se suspendam junto dos pintos, logo que estes saem das cascas, se convertem em suas «mães». O pinto segue o objecto, procura protecção junto dele e procura mesmo meter-se debaixo dele e ao lado. O aspecto exterior da mãe simulada e mesmo o material em que é feita deixa-o indiferente, o que para ele conta é se está parado ou se anda em movimento.



A «mãe» pia e imediatamente se chega a bola de borracha

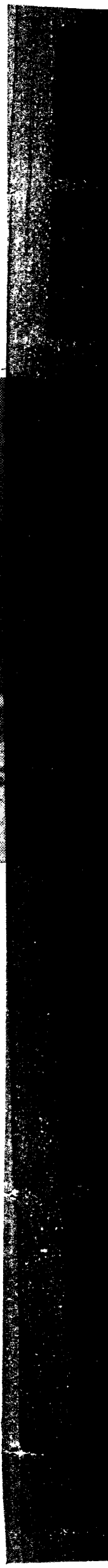
As experiências provaram também que os pintos têm preferência por certas cores, particularmente o amarelo e vermelho e que certos sons os tornam neuras. Para reduzir as reacções do medo inicial foi-lhes administrado drogas tranquilizadoras.

Depois de viverem com as mães artificiais por algum tempo, alguns dos pintos preferem estas ás mães verdadeiras.

Estas experiências tiveram como finalidade determinar a maneira de tornar os pintos mais felizes, mas, naturalmente, também, como resultado disso ver se é possivel aumentar o numero de ovos a ver se as gemadas se tornam mais baratas.

OS 10 AMORES DE

por MARIE ROS



Lá estão eles todos á volta da grande mesa branca da cozinha, Akio, Luís, Jari, Janot, Jean-Claude, Brahim, Mariana, Moisés, Koffi e Mara.

Todos aqueles rostos admirados e tão diferentes entre si estão ali precisamente para me provar que «Los Milandes» e tudo o que isso representa existe realmente.

O mais velho de todos, de cabelos negros e lisos levanta-se:

— Chamo-me Akio Buillon Baker.

Jari que se encontra ao lado dele olha-me com os seus grandes olhos azuis.

— Como és tão louro! — não pude deixar de dizer.

— Sim, é natural, vim da Finlandia. Aqui tudo é natural e nenhum problema se levanta. Porque é que Koffi, de cabelo encarapinhado não pode ser irmão do louro Jari? Ao fim e ao cabo ambos têm a mesma mãe.

Sim porque a mãe destas dez crianças é Josefina Baker que eu alguns dias antes visitara no Olimpia. Uma mãe maravilhosa, simples, humana.

— Entrai, entrai, não repare que tudo isto é «music-hall»!

Lá está ela envolvida em plumas e lantejoulas que farão dela a rainha do espectáculo.

— Não é verdade que são engraçados? — Diz-me ela passando levemente e meigamente as mãos esguias pelas 10 fotografias das suas queridas crianças que lhe decoram as paredes. — Sabei que é maravilhoso criar felicidade.

Como tem razão. Esta felicidade que ela dá tão naturalmente, sai muito dos seus próprios esforços. Contudo, não pensa muito em si, quer que as suas dificuldades não atinjam os outros. E' preciso lutar para que os homens compreendam que a cor da pele não altera em nada um coração e que todos nós somos iguais pelo nascimento e na morte.

Eis porque adoptou estes pequenos abandonados, para provar que um negro pode amar um amarelo, um branco ou um indiano; que um budista pode viver em perfeito acordo com um muçulmano, um católico ou um fetichista. Mas é necessário dinheiro para «Los Milandes», mesmo muito dinheiro.

— Não sou filha de Rockefeller!... Eis porque tive de retomar a cena.

* * *

Como tinha prometido cá estou eu, admirando todas estas crianças que me perguntam:

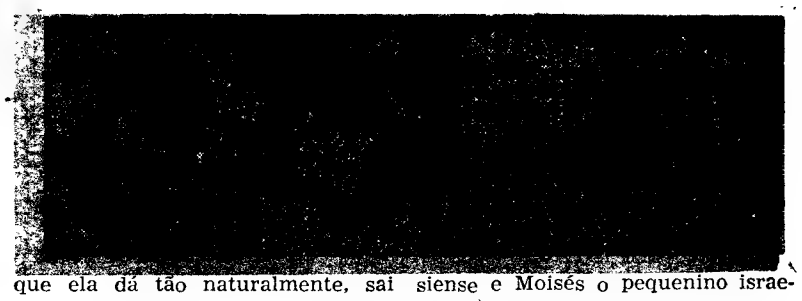
— E a «maman» não vem?

Para eles a aritmética dos dedos é infalível. Contam um a um os dias desde que a mãe sai. Quando chegam ao quarto já sabem que a «maman» vem no dia seguinte.

Jo Bouillon fala-me das suas crianças. Com uma família tão numerosa não pode parar. Fala-me de cada um com amor e conta-me a chegada deles a «Milandes».

Akio foi o primeiro a nascer — chamemos-lhe assim. «Pronto, aí tens o teu filho, lhe disse Josefina, colocando-lhe o «bebé» nos braços. Jo olhou-o emocionado. Espera, tenho aqui um segundo! Era Janot. Tinha-os descoberto no Instituto de Crianças Achadas, de Tóquio. As roupas interiores de Akio tinham inscrições coreanas por isso ele deve ser de famílias da Coreia.

Veio depois Luís e Jari. Luís era colombiano, apesar da sua pele escura e dos seus cabelos encrespados. Jari veio da Finlandia de uma família muito numerosa. A seguir foi Jean-Claude, o pequeno parisiense e Moisés o pequenino israelita.



Mariana e Brahim vieram da Argélia. Foram encontrados juntos por detrás de uma mata.

Se bem que até ali Josefina tenha sempre hesitado em adoptar uma menina, desta vez não pôde resistir e ficou com ambos.

— Também eu era contrário á ideia de adoptar uma menina mas

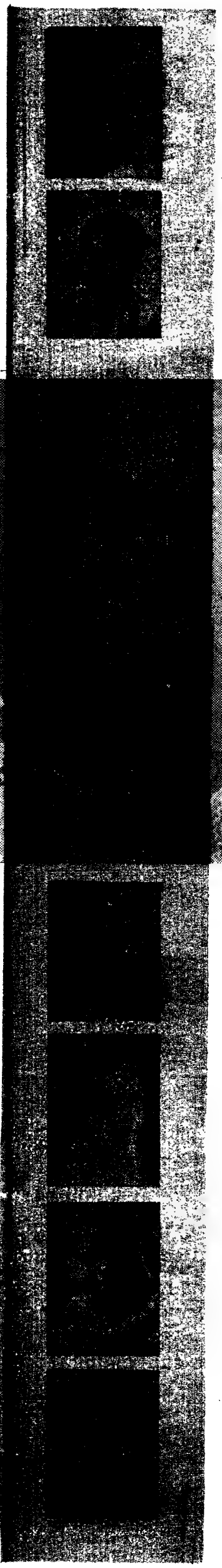
RES DE JOSEFINA

MAR) ROSE

provar que
m amarelo,
no; que um
m perfeito
ano, um cã-
Mas é ne-
«Los Milan-
nheiro.
ckefeller!...«
mar a cena.

lo cá estou
as crianças

vem?
a dos dedos
n a um os
sal. Quando
abem que a
eguinte.



das suas
ília tão nu-
Fala-me de
conta-me a
des».
a nascer —
Pronto, aí
se Josefina,
nos braços.
Espera, te-
Era Janot.
Instituto de
Tóquio. As
kio tinham
isso ele
a Coreia.
ri. Luís era
ua pele es-
s encrespa-
dia de uma
. A seguir
ueno pari-

enino israe-

ram da Ar-
s juntos por

Josefina te-
m adoptar
não pôde
bos.
ontrário á
menina mas

agora adoro-a pela sua esperteza e carinho!... — diz-me Jo Brouillon.

Koffi, o mais negrinho de todos e sobretudo o mais vivo veio dos Camarões. A mãe morreu quando ele nasceu e o pai abandonou-o.

Mara, o indiano de raça pura, é o mais novo dezoito meses. Seu pai era, grande chefe, e ofereceu-o a Josefina por concordar com as suas ideias anti-racistas.

* * *

São 8 horas, todas as crianças estão num grande quarto azul, sentados á volta de uma mesa em forma de paleta, cada cor, cada nação.

Mara tapa os ouvidos, porque este homenzinho, todo vestido de azul-celeste como todos os seus irmãos, não gosta de barulho. Tem a agudeza e a sagacidade dos seus antepassados, os Mayas!

Koffi, muito amável oferece-me a sua minuscula cadeira de verga, mas perante a minha recusa, decide cantar nos meus braços. Imediatamente, salvo Mara, quieto na sua cadeira, todos querem fazer a mesma coisa. Pela primeira vez na minha vida tive de ser um verdadeiro Hercules!

Jari adora cantar, deslisa até junto de madame Rey, sua governanta e com a sua voz inquieta, pergunta:

— Vai-se cantar?

Ela ri por me ver assaltado por todos aqueles braços que ela procura chamar á ordem.

— Vamos, todos ao mesmo tempo: Querido Pai Natal... la, lari, lá, lá...

Palavras quem as percebe? Cada um segue a sua própria inspiração, Koffi, nos meus braços suspira: biliões, biliões de beijos! Luís? Lá vai ele já longe. Quer depressa o Pai Natal. Mariana muito maternal recomenda-me em voz baixa para me «abafar bem que lá fora faz frio». Jari, a mais bonita voz da família conhece a musica, mas não sabe bem o que ele diz. Akio, pelo contrário pronuncia bem as palavras. Estão todos entusiasmados como todas as crianças quando se aproxima o 25 de Dezembro. Olho com eles aquela grande chaminé do seu quarto onde o Pai Natal virá com Josefina Baker trazer-lhe coisas maravilhosas, nesta pequena vila perdida nas margens do Dordogne, esta pequena vila que existe por amor de Josefina pelo seu amor dos homens e da Tolerancia.

AVENTURAS DO «FADO VELHO»

por HENRIQUE PINHEIRO

Tinha de ir aos poucos, era o que todos diziam. Mas viria a habituar-se. Á força, não se conseguia nada e o melhor era deixá-lo um dia em casa a «descansar».

No fundo, custava-lhe um boca do. Ficava em casa a descansar... a descansar da triste figura que tinha feito no colégio. Um dos irmãos tinha-lhe chamado mesmo «figura de urso».

Não percebia bem o que lhe acontecia, mas realmente não se sentia bem assim. Evitava olhar a direito para os irmãos...

Mas era escusado, sim, era escusado que não gostava mesmo nada de ir ao colégio. É certo que já lhe fazia um bocadinho menos de impressão do que antes de lá ter ido pela primeira vez.

Agora já tinha visto... E dizia isto sózinho, dizia umas poucas de vezes a seguir e depois fechava os olhos. Voltava a abri-los... estava na mesma.

Havia qualquer coisa, que ele não percebia, mas que voltava a embrulhar tudo quando lhe parecia que começava a jazer um jeito ao peito para a frente.

Foi para a janela. Pensar. Á janela é que ele gostava de pensar. Ás vezes, era quando estava muito distraído que de repente se lembrava de uma coisa.

Com um cotovelo fincado no parapeito, o outro braço apoiado e a cara encostada á mão, via passar os automóveis, olhava os passaritos que pousavam nos fios telefónicos, seguia uns garotos que brincavam no passeio arrastando uma guita com uma tampa de uma lata na ponta, pensava nos meninos do colégio, todos sentados, com os cadernos e as lousas na frente, de repente vinha-lhe a ideia do escuro, o escuro do corredor comprido que ele teria de atravessar sózinho, todos os dias e lhe fazia pensar no escuro das escadas de pedra que cheiravam a chi-chi de gato... e noutro escuro, pior ainda, o escuro da noite, na Quinta. Dormia lá em cima, no ultimo andar e havia as escadas de caracol que era preciso subir com uma vela acesa. Ia sempre atrás do irmão mais velho que dormia no mesmo quarto, mas não olhava para as paredes. Aquelas sombras muito grandes, a tremer... Depois lá em cima, quando se apagava a luz desaparecia tudo. Tudo. Paredes, tecto, chão, ficava só escuro, um escuro muito grande, para todos os lados. Abria muito os olhos, depois fechava-os com muita força, via muitas estrelinhas, voltava a abrir... nada. Metia de repente a cabeça debaixo da roupa. Adormecia. Mas depois, quando tinha vontade de fazer chi-chi é que era pior. Bem queria ser capaz de ir ao chão, ao bacio, para no outro dia não ralharem com ele. Sentia uma vergonha!... Mas aquele silêncio... e tanto fazia ter os olhos fechados como abertos... Se ele tivesse ao menos uns fósforos para voltar a ver se lá estavam as paredes... e muitas vezes chorava a sua aflição com a cabeça debaixo da roupa, sem ser capaz de mexer um pé.

Devia ser tão bom não ter medo... Como a mamã!

A mamã! Daquela vez que ela tinha dado a volta á casa toda ate ao muro que dava para a estrada, á meia-noite, sózinha, com um candeeiro na mão e o «Mondego», o cão grande, ao lado!

Gostava muito de ouvir contar esta história e outras, da mamã.

Tinha sido por causa dos ciganos. Costumavam passar por lá muitos, todos juntos e iam pedir água. E a mamã dava sempre.

Ele já os tinha visto. Tinham todos muitas barbas, muito pretas, as mulheres umas saias muito compridas e traziam muitos meninos e muitas trouxas em cima dos burros.

Um dia, depois de beberem água pediram pão e a mamã mandou dar pão; mas depois queriam azeite e a mamã foi lá dizer que não podia dar. Elas ficaram muito zangadas, fizeram muito barulho e foram-se embora a dizer que haviam de lá voltar uma noite e deitavam fogo á casa.

E uma noite, a mamã ouviu o cão ladrar, levantou-se e não chamou ninguém, foi ela. Sózinha... Á meia-noite!...

Ele também havia de ir. E não voltava a chorar.

Desceu da cadeira muito depressa e foi a correr direito á cozinha dizer á mãe que no outro dia queria ir ao colégio. E agarrando-se-lhe ao avental acrescentava: «E sabe, mamã, que não choro. Já não choro».

— Ora fazes tu muito bem; assim é que eu gosto de ver um rapaz com juizo.

E para aproveitar a maré: «Olha lá, não queres beber um copinho de leite? São horas de merendar...». Disse que sim, mas com pancadinhas. Gostava sempre que a mãe, depois de deitar o açucar no leite, mexesse com muitas voltas e no fim desse três pancadas com a colher no bordo do copo.

Estava radiante. A correr e a saltar como era seu costume, foi procurar a lousa e pô-la sobre a almofada da cama. Em seguida, tratou de rebuscar nas gavetas da cozinha, na caixa das guitas, nos bolsos dos calções e do sobretudo e reuniu todos os berlindes que encontrou. Meteu-os no bolso do casaco, mais á mão, podiam ser precisos. Tinha tudo pronto.

No outro dia de manhã estava pálido, não quis comer, bebeu só o leite, mas não deu parte de fraco.

A chegada, a chegada é que ele mais temia. Que iriam fazer os outros? Depois da berrata do outro dia, eram capazes de se pôrem a fazer troça quando o vissem. Que pena irem atrasados! Porque se já lá estivesse quando eles entrassem, punha-se a olhar para o ar.

Quando a irmã que o foi acompanhar abriu a porta e se despediu dele, teve de fazer um grande esforço para não desatar a correr atrás dela.

Entrou e olhou para todos os lados. Viu logo umas senisgas com risinhos e a esconderem a cabeça atrás da lousa.Já estavam mesmo á espera daquilo. Ah! que se lhes pudesse dar uma canelada! Um outro, com cara de sonso, passou dizendo como quem não quer a coisa: «Olá, choramingas, estás melhor da barriga?». Apertou muito os lábios, fez-se vermelhíssimo e depois de cumprimentar a senhora foi sentar-se lá ao fundo, atrás de todos ferrando os olhos na lousa a fingir que fazia bonecos.

Passado um bocado. sem levantar a cabeça, começou a olhar por baixo para um e outro lado e a certa altura deu com um que estava a vê-lo e lhe piscou o olho. Muito atrapalhado, fez logo mais dois riscos. Á toa. Mas gostou.

Poucos instantes passados, traz! Um soco num pé. Que susto? Era ele, o menino que tinha deixado cair uma borracha para o chão, lá para os lados dele, e quando foi apanhá-la perguntou: «Como te chamas?». Não teve tempo de responder. «O Faria vai já para o seu lugar! Temos festa, temos, temos...». Toca a disfarçar. A lousa... bonecos, riscos, rodas, apressadamente, uns por cima dos outros, mesmo sem apagar, contente, animado, com aquele soco no pé e a piscadela de olho a abrirem-lhe o coração, a darem-lhe vontade de rir, com confiança...

E começava a reparar em todas aquelas cabeças que via á sua frente, a procurar perceber o que faziam e a prestar muita atenção a tudo o que podia ouvir do que eles diziam.

Se houvesse mais como o Faria... Hum... Queixinhas. Queixinhas é que ele já estava a ver que havia muitas. Volta e meia: «Minha senhora olhe aquele!». «Minha senhora, aquela menina está a fazer pouco de mim!». «Minha senhora, é ela que está a empurrar-me!». Lá estavam as dos risinhos. «Minha senhora, aquele menino está a tirar macacos do nariz e a pôr debaixo da minha carteira!». Soergueu-se para ver quem era... «É mentira, minha senhora, é ele que está a dizer que o pai dele é polícia e que há-de ir lá para a minha porta!...».

Iam todos dar lição. Bem feito. Uma começava a ler, dois ficavam de pé do outro lado da senhora e a outra ia ao quadro fazer uma conta.

A que lia, falava tão baixinho, que parecia que estava a miar. Se calhar não sabia. Toca! Um puxão de orelhas e que para a outra vez ficava de castigo, se voltasse a estar de brincadeira no lugar.

Mais bonecos na lousa... e ia moendo a lingua de lado, entre os dentes, como costumava fazer quando estava distraído ou fingia estar...

Sentia um grande alivio por não ter que fazer nada ao pé da senhora... Ainda bem que ele era só para se entreter... E quando seria que aquilo acabava? Já estava aborrecido, fartíssimo da lousa, da carteira e daquilo tudo.

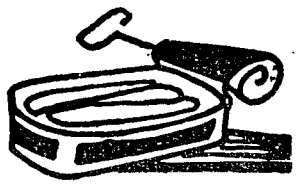
Havia de tocar uma sineta, tinha dito a irmã. Tocava muitas vezes, muitas vezes a seguir.

Começou a dizer baixinho: «Eu te fado, fado para que toques depressa. Eu te fado, fado para que toques depressa...».

PARA COMER

Laranjas! Laranjas!

Estamos no tempo delas. Nem é preciso apresentar as laranjas, os limões e as tangerinas. Também sobre os seus benefícios já temos falado aqui. Mas estes frutos não se



consomem apenas como sobremesa. Muitos pratos ficam bem, maravilhosamente, acompanhados com laranja, sobretudo, mas também com tanjas ou limões. Pato ou peru assado, o velho leitão da Bairrada, ficam muito bem acompanhados com a laranja cortada ás rodelas e depois aos triangulos. E' uma questão de gosto, apenas. E que efeito decorativo!

Diz o povo que a laranja, de manhã, é ouro; ao meio-dia é prata; á noite, é chumbo. Com verdade ou sem ela, é-nos fácil seguir o conselho. Procurar comer, á noite, outra qualquer fruta, sem ser ácida, será preferível, para as pessoas de estômago hiper-clorídrico, quer dizer tendo uma secreção de suco gástrico exageradamente ácido. Podem sobrevir ulceras. Sobretudo em operados, o sumo de laranja pode provocar algumas distenções abdominais. Esperar, pelo menos, que as funções abdominais estejam bem restabelecidas.

Dizer que estas frutas provocam descalcificações é uma falsidade que devemos repudiar vigorosamente, pois pelo contrário, estes frutos são uma fonte importante de vitamina C.

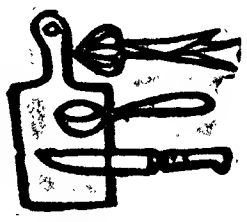
Muitas vezes, são as pessoas mesmo que provocam a descalcificação, atribuindo-a, seguidamente, aos frutos caídos. O que provoca a descalcificação é a carência de vitamina D e o cálcio. Recorrendo a um excesso de legumes crus e frutas, especialmente tangerinas e laranjas. Mas como nem os legumes nem

as laranjas contêm vitaminas D, daí uma relativa descalcificação.

Para obter uma calcificação de qualidade é preciso ingerir alimentos ricos em vitamina D, fosfatos e sais cálcicos; leite, peixe, queijo, manteiga, etc.... Os frutos ácidos juntos a este regime, facilitam a absorção do cálcio ao sair do estômago, pois na zona do duodeno vão perdendo progressivamente a sua acidez. Ora o consumo de frutos ácidos aumentam, em certa medida, esta «acidificação» duodenal e contribuem para facilitar a penetração do cálcio no organismo.

Saiba comprar
antes de saber comer

Todos os alimentos devem ser consumidos em perfeito estado de frescura. Principalmente o peixe e a carne. Mas saber comprar carne é raro. Nunca se deve dizer «venda-me tantos gramas de bifes», mas sim «dê-me tantos gramas desta parte para fazer bifes». Porque não é ao comerciante que cabe vender a boa carne, mas á compradora, exigir o que sabe ser bom. Para isso, a dona de casa deve conhecer perfeitamente todas as partes do animal que quer consumir; mas é de criança que a mulher deve aprender. Seria bom que as escolas e os liceus tratassem de preparar as futuras donas de casa, pois é nos estabelecimentos de ensino que as jovens passam, hoje, a maior parte do seu tempo. São conhecimentos tão uteis como saber em que data se deu esta ou aquela batalha. Cultura sim, mas também cultura da vida quotidiana. E numa época em que as criadas rareiam ou sabem pouco, á dona de casa cabe uma pesada tarefa: tratar da vida fora de casa e acompanhar a



vida doméstica, principalmente se é casada e se tem filhos.

E' preciso saber que a carne pouco fresca desenvolve micróbios anaeróbios que proliferam e se tornam virulentos desde que estejam ao abrigo do ar. Saber comprar é uma arte que precisa ser divulgada. Preparar as mulheres para a sua missão de donas de casa é hoje uma necessidade, mais do que há quinze ou vinte anos. Porque no tempo das nossas avós ou das nossas mães, o pessoal doméstico abundava e era bom; hoje, nem uma nem outra coisa. E a mulher continua presa ao lar, mesmo pretendendo que não, que a vida intelectual a chama para outras tarefas «mais uteis», que têm de ganhar a vida fora do lar, etc. — lugares comuns com que as mulheres que não o sabem ser procuram mascarar a verdade da sua inépcia. O lar é uma corveia se a mulher não sabe dirigir, se não sabe deixar de ser escrava do seu próprio trabalho. E numa época difícil, económicamente difícil, torna-se mais necessário ainda que a mulher saiba comprar, mas comprar o que é bom. Porque, por muito progresso que tenhamos, não conseguimos ainda que os maridos deixem de ter estômago; e por muito poético que seja viver-se do amor... quantos casamentos falhados «porque as mulheres não sabem ocupar o seu lugar em casa!» e a galinha da vizinha é sempre melhor que a minha...

RECEITAS DE COZINHA

LINGUAS COM LARANJA

Salgar as línguas durante algumas horas, escaldar e limpar. Numa frigideira, passar as línguas por manteiga, sem as deixar colorir. Retirar.

Preparar um refogado com cebola, alho, salsa, uma colher de caldo e um pouco de vinagre; engrossar com um pouco de farinha. Passar tudo pelo passador. Pôr as línguas dentro deste molho e deixar cozer. Servir com rodelas de laranja. E salada verde.

SALADA DE LARANJA

2 alfaces, 2 tomates maduros, 2 laranjas aos quartos (descascadas); miolo de nozes. Preparar a salada, misturando tudo e temperando com pimenta, sumo de limão e bom azeite.

OMELETE DE LARANJA

Bater gemas de ovos com vidrado de laranja, uma colher de farinha e outra de açucar. Juntar as claras em castelo. Fazer a omolete e no momento de servir fazer arder com um pouco de curaçau.

disco da semana

7 LEM 3040

BAILINHO DA MADEIRA

Bailinho da Madeira — Haja alegria
Bailarico ilhéu — Baila que baila

7 LEM 3041

HOLIDAY IN MADEIRA

Bailaricos da Madeira — Nosso rancho
Vem daí Maria — Romarias da Madeira

CONJUNTO TÍPICO DOS IRMÃOS FREITAS

O fim do ano na Madeira — publicação de dois discos com época em que a bela pérola de canções recolhidas no cancio-Atlantico adquire novas e ainda ...eiro madeirense.
mais deslumbrantes cintilações. As belezas sem par do magní- — é este ano assinalado ... recanto vem juntar-se a domais uma interessante inicia... das suas melodias e a atendente a divulgar o nome ... dos ritmos que a sua gente bela ilha por todo o Mundo: ... «bail...

DISCOS «A VOZ DO DONO»
publicados pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Lda.

Quando ela pensa em malhas...

claro que é na

BUSCH

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

COMO DUM TRONCO DE MADEIRA SE FAZ UM JORNAL

por LLOYD THOMAS

A fabricação do papel tem a sua origem na Alemanha. Foi em Chemmtz que, antes do século XVI, se construiu o primeiro moinho para a fabricação de papel e, nessa data, a energia hidráulica dos rios e riachos que nascem nos Montes Metálios accionava 18 moinhos para, no final do século XVIII, esse numero atingir já 60.

Em 1843, Fredrich Gottolob Keller descobriu a pasta de madeira. Baseando-se na observação de como certas aves faziam o ninho com pequenas fibras de madeira desfeitas até constituir uma pasta parecida com o papel, Keller idealizou um processo de fabrico de papel com base na madeira, em substituição dos trapos velhos até então utilizados.

A inovação de Keller e a descoberta da «lignocelulose» pelo hanoveriano Mitscherlich, em 1868, fizeram prosperar a industria do papel. Em 1870 funcionavam na Alemanha mais de 100 fábricas de papel de madeira. A Saxónia, de cujos bosques saiu a maior parte da matéria-prima para essa industria, continua sendo um dos maiores centros de fabricação papeleira de todo o Mundo.

Acompanhemos, por momentos, a fabricação do papel de fibra de madeira numa das grandes fábricas da Alemanha de Leste, e veremos como de um tronco se faz um jornal.

A madeira chega em comboios e é elevada por uma cadeia de transporte até um canal artificial que, em água corrente, a leva até ás máquinas de corte. Saindo já em toros, é obrigada a passar entre grandes mós de pedra que a vão convertendo em fibras finíssimas. Assim, aqueles rudes troncos que vimos chegar são agora uma densa pasta, á qual, depois de lavada em gigantescas cubas e devidamente desinfectada, se junta 15 % de caolino. Esta massa, assim preparada, é metida numa enorme máquina donde sai já o papel pronto para imprimir.

Basta cortá-lo e bobiná-lo para estar em condições de marchar para os grandes combinados de impressão dos jornais.

Esta máquina, um enorme colosso com cerca de 100 metros de comprido por 4 de largo, pode produzir mais de 300 metros de papel de 4,10 m. de largura, por minuto. Para se avaliar bem o valor deste numero basta saber que o comprimento de papel produzido na fábrica em questão, por ano, chegava para dar quatro vezes a volta ao Mundo pela linha equatorial.

Informava o seu director: — «Começámos por comprar máquinas usadas, de construção algo antiquada, e com elas iniciámos a produção, em escala reduzida, da simples pasta, que outras fábricas transformavam em papel. Em 1950, o Governo decidiu ampliar a nossa fábrica, concedendo-nos um empréstimo que nos permitiu comprar esta óptima máquina e modernizar as nossas instalações, iniciando, então, o fabrico de papel de jornal nestas gigantescas proporções e pelos processos mais modernos. Embora tivéssemos atravessado dificuldades na busca da boa qualidade, a verdade é que, com a ajuda de pessoal altamente especializado, conseguimos lançar no mercado artigos de insuperável qualidade, solicitados pelas mais famosas Imprensas de todo o Mundo.

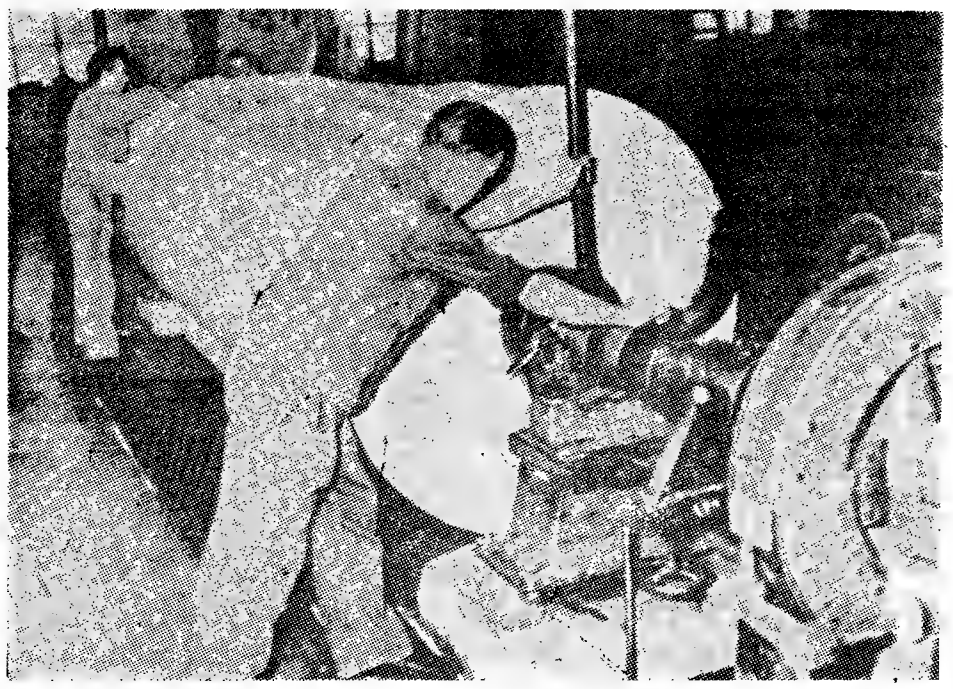
Há muitos milhares de anos que os bosques são destruídos por causas diversas, principalmente pelos efeitos destruidores do fogo. E' de supor que seria uma chispa eléctrica, surgida da tempestade a primeira causa do primeiro incendio.

Antigamente, quando a população humana não era tão numerosa e as necessidades sociais não exigiam muito, não se lamentavam como agora os incêndios florestais. Hoje os povos cuidam em conservar a sua madeira, em repovoar zonas desertas, em activar e multiplicar as industrias derivadas da celulose e, por isso, crescem as serrações, fábricas de papel, aglomerados de pasta de serradura, resinas, etc.

A riqueza perdida em cada ano por efeito do fogo nos campos é enorme. São suas causas, fogueiras sem protecção, pontas de cigarro atirados sobre ervas secas, faulhas saídas dos escapes dos automóveis e locomotivas, condutores eléctricos em contacto com arvoredo, raios e acidentes de automóvel e aviação e, finalmente, os bombardeamentos produzidos durante as guerras.

A madeira é hoje no Mundo uma das matérias-primas mais valiosas. As duas grandes guerras mundiais, destroçaram, principalmente na Europa, grande parte dos bosques e florestas. Aliás, já em 1936, a produção mundial de madeira, cifrada em 114 mil milhões de metros cubicos, não alcançou o consumo mundial orçado pelo mínimo em cerca de 168 mil milhões.

Assim se explica que em muitos países da Europa a silvicultura e a repovoação florestal constituam uma missão de primeira grandeza, visto que não se trata apenas de compensar os estragos das ultimas guerras destruidoras, como criar as condições para evitar a importação da matéria-prima indispensável ao abastecimento de grandes industrias e, particularmente, ao fabrico da celulose, e, ainda, mais particularmente, ao papel, uma das matérias mais consumidas na vida moderna.



O SABER não ocupa lugar

VERMELHO

Vermelho que tinge as bandeiras, vermelho que purpura os sóis poentes, vermelho do sangue que nos corre nas veias, o vermelho está em toda a parte e nas 20 perguntas que seguem! Marque 5 pontos por cada resposta certa. Se a contagem ficar entre os 75 e os 100, entre na sala de um casino e jogue no vermelho que vence. Se ficar entre os 40 e os 70 tem direito a um bolo-rei (com um laço vermelho, claro!) Abaixo dos 35 terá que melhorar o nível dos seus conhecimentos.

1 — Quem foi o fundador da Cruz Vermelha Internacional e quando foi ela fundada?

2 — Qual é a cor com que os daltónicos confundem sempre o vermelho?

3 — Qual é o jogo que, quando há neve os Americanos jogam com uma bola vermelha?

4 — Qual é a cor do clube de futebol conhecido pelo «melhor do Mundo»

5 — Qual foi a vasta terra descoberta no século X por Eric, o vermelho, rei da Noruega?

6 — Qual foi o pintor que em muitas telas imortalizou o Moulin-Rouge?

7 — Destes três países, Etiópia, Sudão e Arábia, qual é o que é banhado pelo Mar Vermelho?

8 — As camisas vermelhas fazem parte dos grupos Oslachis, leninistas ou garibaldinos?

9 — E' a um barco ou a um cais que nos referimos quando dizemos «bordo vermelho»?

10 — Qual é o planeta a que os astrónomos chamaram Planeta Vermelho?

11 — Qual foi o pintor quatrocentista que pintava todas as mulheres com uma admirável cabeleira vermelha?

12 — A bandeira vermelha é um símbolo de revolta ou de desespero?

13 — Para comer o capuchinho vermelho o lobo disfarçou-se de avó, tia, ou bisavó?

14 — O que é uma esquadra vermelha?

15 — Que significava durante a Revolução Francesa ter o «colete vermelho»?

16 — Um burro vermelho é um burro teimoso, mau ou prolífero?

17 — Qual é a cidade de sonho denominada... a Vermelha?

18 — Qual é a locução que no século XVIII designava a suprema elegancia?

19 — Sabe porque são provocadas as «manchas vermelhas» do bacalhau?

20 — Um autor dramático conhecido provocou um grande escandalo entre os magistrados. Qual é o título dessa peça?

Respostas

1 — Jean Dunant, filantropo suíço em 1864. 2 — O verde. 3 — O golfe. 4 — O clube é o Benfica e a cor a vermelha. 5 — Gronelandia. 6 — Toulouse Lautrec. 7 — Etiópia. 8 — Garibaldinos. 9 — Nem uma coisa nem outra mas a um copo de vinho a transbordar. 10 — Marte. 11 — Ticiano. 12 — Revolta. 13 — Avó. 14 — E' um conjunto de embarcações que viajam sob pavilhão vermelho, que quer dizer que transportam explosivos. 15 — Estar bom para ser decapitado. 16 — Teimoso. 17 — Veneza (Alfredo de Mousset em «Venize Rouge). 18 — Ser «tação vermelho». 19 — Pelas bactérias halófilas existentes no sal das salgagens. 20 — Brieux — em Togas vermelhas.

O PREMIO NOBEL

LISTA DE HONRA DAS NAÇÕES

Todos os anos se toma uma decisão grave na Suécia. Designam-se os vencedores do Prémio Nobel, homens de ciência que fizeram progressos em Física, em Química, em Medicina e em Fisiologia.

Pode dizer-se que a lista dos vencedores de um país indica o nível deste no campo da ciência.

Na classificação dos vencedores por nacionalidades, durante o período de 1901 a 1958 verifica-se que os Estados Unidos marcham á cabeça com 45 vencedores nos quatro ramos nomeados. É necessário, contudo, não esquecer que um certo numero destes americanos são europeus naturalizados. Durante vários anos foi a Alemanha que marchou á cabeça, mas, depois de 1950 a América ultrapassou-a neste concurso científico.

No nosso gráfico damos uma ideia clara do numero de vencedores desde 1901, por nacionalidades. Constatamos que são sobretudo os sábios europeus ou de origem europeia que têm marcado os progressos da ciência. Os Alemães deram-no aos seus sucessos no domínio da Química (19 prémios), um numero unico, que nenhum outro país pode atingir depois. Isto explica-nos os sucessos da industria alemã.

Mas é sobretudo notável que os pequenos países da Europa tenham de tal maneira contribuido para o progresso da ciência.

Assim a Suécia conta 8 vencedores, a Dinamarca 5 a Holanda e a Suiça 9 cada. Adicionando os vencedores dos pequenos países europeus chegamos a um resultado surpreendente. Esse conjunto têm tantos vencedores como os Estados Unidos de fundos e meios mais elevados para investigação científica, os pequenos países europeus podem orgulhar-se verdadeiramente das suas vitórias. É o caso de Portugal, Austria, Suíça, Bélgica, Irlanda, Holanda, Dinamarca, Suécia e Finlandia.

MUDAM-SE OS TEMPOS

por AUGUSTO DA COSTA DIAS

com foto de Kasimir e desenho de Tóssan

Este século é muito de prosa. A prosa infiltrou-se por todas as mangas da actividade humana, encharcou-nos até á raiz dos nervos, tomou de tal forma conta de nós, inchou tanto, cresceu tanto que acabou por conseguir mais do que a montanha que andava de esperanças: não pariu um rato, pariu o burocrata. Assim se compreende que a obra-prima da prosa do nosso tempo seja a que se contorce no colete de forças do papel selado. A burocracia é a ultima escola literária — uma escola omnívora, omnisciente e omnipotente que descobriu a terra da promissão editorial: a obra em fascículos a cinco escudos a folha. O fenómeno não é de hoje, evidentemente. Tem raizes fundas. Já há trezentos anos um fiscal da literatura, o nosso compatriota Diogo de Sousa Camacho, diagnosticava num poeta o avanço do mal da burocracia, ao designá-lo como

Poeta até aos umbigos,
baixos, prosa.

Desde então a prosa foi escorrendo dos umbigos e apoderou-se de toda a anatomia humana. Camões ainda possuia arsenais de rima bastantes para exprimir em formas superiores de arte que a realidade que somos e em que vivemos muda constantemente:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Hoje, mais do que nunca, se mudam os tempos, as vontades, o ser e a confiança; sobretudo a vontade e a confiança: mas ninguém teria coragem para se queixar em verso de todos os males da volubilidade: diria tudo aquilo em prosa de código civil ou de espera deferimento. As coisas, dentro e fora do homem, mudam tão depressa que nem há tempo para as enfaixar em poesia. O Tempo e a prosa andam a par. A existência escoa-se-nos entre estes dois extremos da produção e consumo: poupa-se em tempo, gasta-se em prosa.

Antigamente (o passado hoje mora perto) nossos avós concebiam os votos de Boas-Festas de uma forma totalmente oposta á que agora praticamos. Convencidos de que quem quer vai, quem não quer manda — transportavam em carne e osso as Boas-Festas a casa dos amigos e conhecidos. Havia abraços, oratória, cálices de vinho fino e doces folclóricos. Desse mundo só resta notícia nas aldeias mais centrifugadas da nossa corografia. Veio depois a necessidade urgentíssima de poupar tempo e de gastar prosa. Nasceram os cartões de Boas-Festas em todas as suas variações sinfónicas. E desta forma se conseguiu ser-se o máximo de amável no mínimo tempo: um sujeito bem relacionado ou com necessidade disso, dispara numa só central de correios dezenas de tiros certeiros de Boas-Festas para os mais diversos alvos nas mais diversas partes do Mundo. O bom do Santo António ficaria de certo pasmado se regressasse, por momentos, á Terra: o dom da ubiquidade democratizou-se, burocratizou-se e, como se sabe sem a menor sombra de duvida, a burocracia é o milagre virado do avesso, com todos os pontos e pespontos á mostra.

O prodígio parece, porém, condenado a morrer. Inventaram-se novas formas de poupar tempo, agora com economia da prosa. Quererá isto significar o canto do cisne da burocracia?

Infelizmente não. Pelo menos assim o creio. O monstro poupa-se num lado para surgir no outro. Nestas festas de fim de ano apareceu uma tentativa de liquidar, de uma vez para sempre, a velha e amável tradição das Boas-Festas. Algumas empresas nacionais e estrangeiras comunicaram aos seus ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS que era a ultima vez que enviavam Boas-Festas a alguém. O sistema era anacrónico. O nosso Tempo vive sob o signo de poupar tempo. Desde as mais remotas épocas em que o homem montou a sua fábrica de deuses, até hoje, estes sucederam-se ao ritmo dos apertos metafísicos e sociais. Rei morto, rei posto. Nosso deus actual é o deus Tempo. Inventaram-no os Ingleses ao proclamar, na sua Carta aos Corinteos do Deve & Haver, que o Tempo é Dinheiro. No monoteismo do Bezerro de Ouro o Tempo acabou por transformar-se em sacristão. Assim se degradou quem nascera na garganta do galo e durante milhares de anos daí fora lançado aos quatro ventos.

Na realidade não se poupa Tempo para poupar Dinheiro, mas para o ganhar. Os idealistas cronométricos supuzeram que desta situação se poderia concluir que basta poupar tempo para fazer pé-de-meia. Chegaram a sonhar uma sociedade na qual as sociedades *poderiam acções de Tempo a render e recolheriam ao fim do ano grossos dividendos. Com o tempo poupado nas Boas-Festas o saldo credor tornar-se-ia fabuloso.*

Mas que género de saldo?

De Tempo, já se vê: uma coisinha miuda que não é nada, que se tem de gastar por força e sempre constitui o melhor sócio das agências funerárias.

Para isto se cortou pela raiz o velho vício de se ser amável e sociável uma vez em trezentos e sessenta e cinco dias. Saudade de se regressar mais depressa áquilo donde se veio: e aí, entre torrões e larvas, gozar então na boa paz todo o tempo que se levou uma vida a poupar.

É bem achado. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

Diário da semana

EM PORTUGAL — O ministro das Corporações visitou a vila de Arrifana da Feira. ✻ Chuvas torrenciais em todo o País. No Porto abateram duas casas. ✻ Em Beja foi assinado contrato para a distribuição de energia ao respectivo concelho.

NO ESTRANGEIRO — Em alguns meios franceses prevê-se que de Gaulle patrocine nova revisão da constituição. ✻ Moscovo aceitou o convite ocidental para uma reunião de alto nível, embora propondo outra data. ✻ Dois cientistas americanos, segundo se diz, construiram um coração mecanico capaz de prolongar a vida por mais trinta anos. ✻ Morreu na capital francesa Pierre de Gaulle, antigo presidente do município de Paris. ✻ Nilson Rockfeller anunciou que não será candidato á presidência dos Estados Unidos.

EM PORTUGAL — O Presidente do Conselho visitou o Metropolitano de Lisboa. ✻ Em Leiria foi inaugurado o Palácio de Justiça. ✻ Em Oeiras foram inaugurados um bloco escolar e novo mercado. ✻ Em Torres Vedras foi homenageado o brigadeiro França Borges. ✻ Foi indicado para o prémio Nobel de Literatura o nome do escritor Miguel Torga. ✻ Nos desafios da «Taça de Portugal o Olhanense eliminou a Académica.

A inauguração do Metropolitano de Lisboa constituiu acontecimento de relevo na vida da capital

NO ESTRANGIERC — Exploradores submarinos estão a procurar, no fundo do Mar Morto, as cidades de Sodoma e Gomorra. ✻ A divergência entre a Pérsia e o Iraque parece abrandar graças aos conselhos da Grã-Bretanha e Estados Unidos.

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica visitou a obra social da fragata D. Fernando. ✻ O ministro da Presidência vai visitar o Estado da India e o Paquistão. ✻ Foi comemorado o 30.º aniversário da campanha do trigo. ✻ A Royal Dutchs Shell encomendou novo petroleiro a estaleiros portugueses. ✻ Morreu o juiz desembargador dr. Almeida Homem. ✻ Começaram a ser assentes as figuras no Monumento aos Descobridores, em Belém.

NO ESTRANGEIRO — Há esperança de acordo entre os governos francês e americano acerca do comando da N. A. T. O. ✻ Diz-se que o príncipe Alberto da Bélgica, irmão do rei Leopoldo, será nomeado vice-rei do Congo. ✻ O Ocidente propõe á Russia a data de 16 de Maio para a conferência de alto nível. ✻ No Noroeste de Espanha as inundações isolaram várias povoações.

A chegada do rei Balduino a Leopoldville (Foto recebida pelo avião da TAP)

DIA 29

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica inaugurou o Metropolitano de Lisboa. ✻ O orçamento geral do Estado prevê 66.100 contos para melhoria das pensões aos aposentados. ✻ A Junta Nacional das Frutas anunciou que se vai recorrer a nova importação de batata para manter o abastecimento sem alteração de preços. ✻ A camara de Lisboa foi autorizada a contrair um empréstimo de 200 mil contos para obras de urbanização. ✻ Morreu o advogado dr. Ernesto Carvalho dos Santos.

NO ESTRANGEIRO — Prevê-se uma remodelação do governo inglês, para breve. ✻ Numa avalanche do Paquistão houve 49 mortos. ✻ Os Estados Unidos anunciaram que se consideram livres para recomeçar as experiências nucleares, devido á dificuldade de chegar a acôrdo com os russos. ✻ Morreu Ante Pavelitch, antigo chefe do governo croata.

EM PORTUGAL — O conselho de ministros tomou conhecimento do projecto de reorganização e simplificação administrativa. O sábado á tarde ficará livre para os funcionários. ✻ O secretário de Estado do Comércio assinou a concessão que institui aquele bloco económico. ✻ A legação de Portugal na Republica Arabe Unida foi elevada á categoria de embaixada e a da mesma republica em Portugal também. ✻ No primeiro dia de funcionamento do Metropolitano viajaram nele 75 mil pesoas. ✻ Chegou a Portugal o director-geral das questões económicas da Austria.

NO ESTRANGEIRO — Um violento ciclone arrasou a capital das Novas Hébridas e ameaça as ilhas Fiji. ✻ Moscovo aceitou a data de 16 de Maio proposta pelo Ocidente para a reunião em alto nível. ✻ O prof. Thiers Martins Moreira foi nomeado para a cadeira de estudos brasileiros na Universidade de Lisboa. ✻ A ex-imperatriz Soraya passou a noite, numa festa ao luar, em St. Moritz, em companhia de Harald Krupps com quem se diz que vai casar. ✻ Aneurin Bevan foi operado, sendo grave o seu estado.

DIA 31

EM PORTUGAL — A povoação da Ereira está isolada devido á cheia do Mondego. ✻ Na carranca da proa que pertenceu á nau S. Gabriel e que se encontra no Museu de Marinha, foram encontradas moedas que se supõe terem pertencido a Vasco da Gama.

NO ESTRANGEIRO — Harold MacMillan declarou em mensagem de Ano Novo: «Uma crescente vontade de negociar em vez de ameaçar caracteriza o ano que termina». ✻ Anuncia-se que Eisenhower visitará a América do Sul em Fevereiro próximo. ✻ Á meia-noite regista-se a independência dos Camarões ✻ Foi pedido novo julgamento de Caryi Chessman.

O tráfego aéreo internacional continua em expansão

As rotas do ar são percorridas em todos os sentidos por numero crescente de aeronaves e frequentadas por correntes cada vez mais vastas e assíduas de viajantes. Assim o confirmam as mais actualizadas informações estatísticas da Organização Internacional de Aviação Civil (I. C. A. O.), a que estão associadas 74 nações.

Sabe-se que o tráfego aéreo tem vindo a aumentar incessantemente desde 1945; mas o ritmo de acréscimo anual foi menos acentuado durante os ultimos cinco anos do que nos dez precedentes. Com a entrada em serviço, no decurso de 1959, das primeiras carreiras de aviões de jacto, as perspectivas desta evolução devem transformar-se sob alguns aspectos, graças á velocidade acrescida e á comodidade e segurança com que se apresentam as novas carreiras de comunicações aéreas internacionais.

O numero total de passageiros transportados pela aviação civil em 1959 deve ter alcançado o montante de 96 milhões, segundo as mais recentes informações da I. C. A. O. acusando assim uma expansão de 10 % em relação ao ano anterior. E' curioso assinalar que o numero de viajantes do ar se elevou de 18 milhões em 1946 para 31 milhões em 1950, para 68 milhões em 1955 para 87 milhões em 1958 e, agora para 96 milhões. O ano de 1958 foi bastante favorável para o transporte aéreo: além de 10 % de acréscimo no total dos passageiros transportados, registou-se aumento de 12 % em relação a 1958 no montante dos passageiros-quilómetros percorridos, de 14 % no numero de toneladas-quilómetros de cargas transportadas e de 1 % no das toneladas-quilómetros de correio movimentadas. As horas de voo dos aviões em serviço durante o ano elevaram-se a 8.6 milhões, contra 8,7 em 1958 — explicando-se o declínio, sob este aspecto, pela entrada em serviço dos aviões de jacto cuja velocidade muito maior permite a realização dos mesmos percursos em menor numero de horas.

De facto, enquanto em 1946 era de 250 quilómetros por hora a média de voo, em 1958 a mesma média já atingia 335 e elevou-se para 350 em 1959. A evolução vai ser muito mais acentuada ainda no futuro próximo, com o rápido incremento das carreiras servidas por aviões de jacto. O Mundo tende a tornar-se, na verdade, cada vez mais pequeno, com a redução efectiva das distancias e a intensidade crescente das ligações aéreas internacionais.

Natal e Noël

Há quem se apegue, não só no Brasil, onde já foi aceite, mas entre nós, ao galicismo *Pai Noël*, tanto mais expurio e absurdo quanto a expressão *Pai Natal*, sòlidamente implantada na nossa língua, tem prestígio, expressividade e até maior riqueza de som. É pecha da industria e do comércio provincianos a querença pelos nomes estrangeirados. Daí esse mau costume, que se prolonga pirosamente nalguns derivados, de *Noël* com *senhoras noëlistas*, que deveriam lògicamente chamar-se *natalistas* ou *natalícias*. Resta-nos a consolação de existir na África do Sul, como contrapeso destes snobismos desnacionalizantes, uma província chamada ainda hoje *Natal*.

Sedas mas setim

Parece, á primeira vista, que, escrevendo nós com *S* a palavra *seda*, deveríamos do mesmo modo grafar com *s* o vocábulo *cetim*. Ora assim não é, porque, embora os dois termos pareçam aparentados, como o são as realidades que eles significam, *seda* provém do latim vulgar *saeta* (com contracção vocálica e abrandamento do *t* intervocálico) e *cetim* vem da palavra árabe *Zaituni*, derivada do nome da cidade chinesa *Tseú-Tum*, actualmente *Tsiuão-Chu-Fu*. Assim a história de uma palavra nos conduz de civilização em civilização, remontando no curso da história. A história de um tecido, o progresso da conquista árabe: até uma geografia através de uma palavra!

TIRA-TEIMAS

CAFÉ CORUJA

Restaurante tipico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Carll á Coruja
Bifes de Vaca na Caçoila
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

Ainda não viu a EXPOSIÇÃO? da R. DO TELHAL, 74-D LISBOA

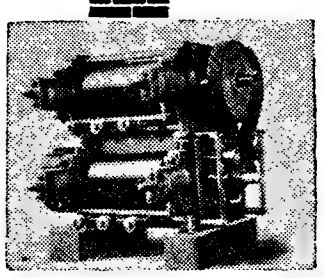
AUTOMÓVEIS USADOS ... ...MAS EM BOM ESTADO

DAS MAIS VARIADAS MARCAS E PARA TODOS OS PREÇOS. REVISTOS NAS N/ OFICINAS E NAS MELHORES CONDIÇOES DE PAGAMENTO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO COMAL OFICINAS

Av. Álvares Cabral, 45-B — Telef.: 680160 - 688525

INDÚSTRIA DE **CERÂMICA**



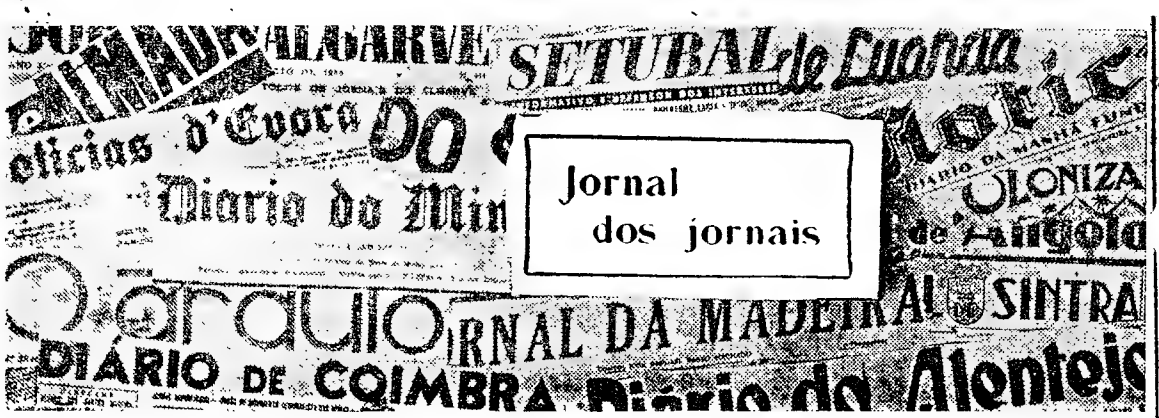
LAMINADOR DE 4 CILINDROS

FIEIRAS DE VÁCUO – Doseadores lineares – Destorroadores – Laminadores – Misturadores remolhadores e outras máquinas construidas nas n/ Fábricas sob licença de "Le Matériel Céramique Moderne" Marselha - França.
CORTADORES AUTOMÁTICOS – marca "Lingl"
FORNOS – Continuos e Túnel.
SECAGEM ARTIFICIAL e ALIMENTADORES PNEUMÁTICOS – sistema "Klostermeyer"
ACTIVADORES DA SECAGEM NATURAL – sistema "Shag"
VENTILADORES – Tiragem forçada, recuperação de calor e arrefecimento de fornos.
FABRICO EM LIGAS ESPECIAIS de: camisas para cilindros – bélices, pás e rebordos para fieiras – agulheiros, registos, válvulas e grelhas para fornos

INSTALAÇÕES COMPLETAS DE FÁBRICAS

ESTUDOS PROJECTOS · ORÇAMENTOS

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
E FÁBRICAS VULCANO E COLARES
RUA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, 5 • LISBOA
PORTO – PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º / TELEFONE 24771



Conversando cá de longe

Raro é o dia em que os jornais de grande circulação não trazem notícias, desenvolvidas ou sucintas, da adjudicação dos trabalhos de início de construção ou de ampliação de bairros de casas económicas. De norte a sul e de nascente a poente, desde o Estado aos particulares, passando pelos organismos corporativos e grandes empresas, todos porfiam na construção de novas casas para alojamento das famílias consideradas de mais fracos recursos, não só em melhores condições económicas como de salubridade.

Na Nazaré, existe apenas o Bairro da Junta Central das Casas de Pescadores, localizado junto á Avenida Vieira Guimarães, formado por 30 casas, de 2 moradias cada, compostas de 5 divisões, assim distribuídas: 3 quartos, cozinha e casa de banho. Estas casas foram inauguradas em três fases: a primeira, de 16 moradias, em 22-5-1951; a segunda de 20 moradias, em 1-3-1946 e finalmente a terceira, de 24 moradias, em 1-2-1949.

Devemos concordar que, para uma população piscatória calculada em 2 500 pescadores, 60 habitações são pouquíssimas. Se partirmos do princípio que metade dos inscritos — 1 250, portanto — são solteiros, e como tal, segundo julgo, sem direito a casa, por não terem família a seu cargo, quer dizer que só cerca de 4,8 por cento dos restantes, possui uma habitação naquele bairro. E' pouco, muito pouco mesmo.

Isto no que se refere aos pescadores. E, quanto áqueles que exercem outras actividades? Nem o Estado, nem os organismos corporativos ou de coordenação económica deitaram os seus olhos para este recanto do nosso País e se dispuzeram a construir algumas moradias para os seus funcionários ou para os seus sócios contribuintes e beneficiários.

Por outro lado, também os capitalistas — ou pessoas endinheiradas, se entenderem — da nossa terra, se alhearam completamente deste problema, preferindo amontoar os seus capitais no fundo do cofre, depositá-los ou emprestá-los, a juro, o que lhes parece mais rendoso e menos trabalhoso. Esquecem-se, porém, que capital parado é capital improdutivo, pouco ou nada rendendo e não contribuindo para o Bem Comum, nem para enriquecimento dos bens particulares e da Nação.

Há, pois, que fomentar a construção de novas casas, em sistema de bairros ou não, quer por parte dos organismos oficiais ou oficializados, quer por parte de particulares de forma a que a pouco e pouco e metódicamente se vão substituindo as cabanas *e edificações análogas proporcionando-se aos seus moradores habitações em melhores condições higiénicas, e a preços acessíveis. Para tanto basta que as casas a edificar tenham um numero de divisões reputado de suficiente e que não se entre pelo campo das edificações sumptuosas, chamemos-lhes assim, que arrastam, insensívelmente, a rendas incompatíveis para os proventos da maioria das famílias das classes trabalhadoras.*

(«Nazaré», da Nazaré)

Anomalias injustificaveis

O que se passa actualmente quanto ás ligações ferroviárias entre Moura e a capital do País, e vice-versa, exige para já o nosso protesto formal, para que tal estado de coisas se não prolongue, a bem do bom senso e dos interesses do publico que paga para ser servido.

Até há pouco tempo, eram os passageiros embarcados no percurso da Margem-Esquerda, obrigados a um inadmissível transbordo, em Beja, onde, por vezes encontravam a automotora de ligação totalmente ocupada, obrigando-se os primitivos passageiros a viajar de pé ou a esperar por um moroso comboio misto. Isto, sem consideração pelos direitos de quem pagava uma viagem «directa».

O caso, depois de algum tempo, foi remediado, mas, ao que nos consta, não como se impunha e impõe, pois continuam a verificar-se as mesmas anomalias no trajecto Barreiro-Moura, o qual, no seu início, é indicado como «directo».

Passageiros que tomem o seu lugar em Lisboa, na automotora das 5.50 com bilhete préviamente marcado, continuam a ser obrigados a uma mudança absolutamente despropositada em Beja, onde os passageiros têm de esperar a pé, numa plataforma sem cobertura, á chuva, ao frio e ao vento, a chegada de uma outra automotora que vem de Moura e que torna imediatamente a partir pelo mesmo caminho.

Além de não se compreender bem o interesse de tal transbordo (pois se trata de um mesmo transporte) é evidente que tal medida carece do elementar e indispensável bom senso e da consideração devida aos passageiros que confiam nos bons ofícios da C. P. e nela depositam (em troca do seu dinheiro) a garantia do seu conforto e comodidade.

Obrigar os passageiros, como ainda recentemente, a sofrer os efeitos de um tempo frio e chuvoso, não abona muito a habitual eficiência da C. P., para mais sabendo-se que uma ligação directa, como é a da automotora Barreiro-Moura, das 5,25, não poderá comportar o transbordo incómodo que se verifica. Ou então, que se avise o passageiro do facto, colocando-o na situação voluntária de preferir um transprte mais cómodo e menos incompreensível...

(«A Planície», de Moura)

UM BENEMÉRITO mandou construir um bairro para pobres

O bairro de moradias para pobres que está em construção na freguesia de Cabeção vai receber novo impulso, mercê de mais um donativo do benemérito sr. António Lopes Aleixo, que tomou a iniciativa de o edificar.

O sr. António Lopes Aleixo, que já contribuira com 2675 contos para o bairro, acaba de conceder mais 450 contos para a sua construção. Espera-se, portanto, que esteja para breve a conclusão do bairro, que terá o nome do pai daquele benemérito, sr. João Lopes Aleixo, já falecido.

(«Notícias do Cartaxo», do Cartaxo).

A VENDA NAS LIVRARIAS:
Cobrança fácil... ...de Dívidas difíceis
ESC. 50$00
PEDIDOS A:
JOAMOR, LDA
R. CARLOS MARDEL, 98-4.º D.
720919
LISBOA-1

TRANSPORTES URBANOS COLECTIVOS

Já há tempo que aludimos a este problema e cremos bem que se justificará uma nova referência, com vista a que se encete, desde já, um atento estudo sobre ele, para que a sua solução não venha, depois, a complicar-se e a atrasar-se, como, por vezes, sucede com importantes e momentosas questões citadinas.

Beja está a «crescer» de forma muito rápida e, com esse natural fenómeno começa a surgir a dificuldade de transportes rápidos e económicos para grande parte da população que reside em bairros ou ruas afastados. O mesmo aconteceu em outras cidades provincianas — Évora, Elvas e Faro, por exemplo — que já estudaram e resolveram esse problema, criando o serviço de transportes colectivos urbanos.

A nossa cidade acusa já a necessidade de semelhantes serviços que, evidentemente, será mais imperiosa num futuro muito breve.

Porque não há-de já encarar-se o problema e cuidar de resolvê-lo da melhor maneira, a tempo e a horas?

(«Diário do Alentejo», de Beja).

Recintos de diversões

E' hoje á noite que, no Sociedade Recreio Artístico da Amadora, se efectua o festival organizado por Armando Dias e Manuel Pereira, em que será homenageado o internacional de hóquei em patins José Lisboa, e na qual colaboram Manuel Fernandes, Maria Amélia Proença, João Viana (Vianinha), Tony Arantes e a sua viola, Manuel Bogalho, Maria Augusta, Aurora Sobral, Freitinhas, havendo tango e fox a prémio e baile abrilhantado pelo conjunto «White Star Jazz».

— Clemente José Pereira escreveu o trabalho, «O diabo são eles», sendo um dos papéis interpretado pelo cantador humorístico Domingos Pereira.

Prémios Henriquinos

A comissão executiva do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, resolveu adiar, até 29 de Fevereiro de 1960, o prazo de encerramento da entrega dos trabalhos concorrentes aos Prémios de Jornalismo, Literatura, Musica, Poesia, Rádio e Teatro (Prémios Henriquinos).

«Brando», um dos cães pastores alemães cedidos pela G. N. R. á Polícia de Goa, capturou um Indiano que atravessara clandestinamente a fronteira com a União Indiana. Na gravura, vê-se o governador-geral do Estado da India, sr. general Vassalo e Silva, durante a cerimónia em que o embaixador de Portugal no Paquistão, sr. dr. Álvaro Laborinho, condecorou o animal

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

Amália Rodrigues

AMÁLIA RODRIGUES

Já uma vez se disse que Amália Rodrigues tem tornado Portugal mais conhecido no estrangeiro do que muitos diplomatas. Assim é na verdade.

Pouco falta á grande fadista nacional para dar a volta ao Mundo, espalhando o encanto triste da nossa melopeia nostálgica pelos variados locais do Mundo. Muito se tem escrito e dito acerca da Amália, mas alguma coisa há ainda decerto a acrescentar.

Amália não esconde nunca a sua proveniência humilde e tal é uma das atracções dessa mulher singular que não precisa de reclames para ser quem é. Amália cresceu no Fundão até que seus pais, tinha ela sete anos, vieram morar para Lisboa. E aqui começou ela a sua vida, primeiro vendendo frutas aos marítimos e embarcadiços nos cais. Agora, Rainha do Fado, corre o Mundo, sempre a cantar.

* * *

Em pequena, já sua mãe nela estranhava algo de diferente e o pai chamava-lhe *dengosa*. Mas o pai ticava guitarra e a pequena Amália não o abandonava nunca.

Quando o pai lhe lembrava que ela estava na idade de ir para a escola, ela não se dava por vencida, dizendo sempre:

— Não é mal nenhum cantar. O pai não toca?

Foi realmente para a escola, mas o convívio com rapazes e raparigas da sua idade não lhe modificou o feitio, que ficou o mesmo pela vida fora. E essa modesta pequena que aprendeu a ler numa escola da Rua da Tapada, perto da sua casa de então, na Rua 1.º de Maio, apaixonou-se aos 18 anos por um guitarrista, que foi, sem duvida, o seu primeiro romance de amor.

* * *

Amália perde tudo. As joias, o dinheiro e o tempo. Só ao jogo gosta de ganhar. Quem a tem visto jogar, em casa dos condes da Torre, por exemplo, vê o interesse com que ela se dedica á «canasta».

Alguém lhe disse um dia:

— Isso é que é sorte! O pior é que quem tem sorte ao jogo, é infeliz aos amores...

— Deixem lá, ripostou Amália. Há horas para tudo. Agora prefiro ter sorte ao jogo.

* * *

Amália não bebe. Enquanto os seus amigos esvaziam garrafas de *whisky*, ela sorri, canta e bebe capilé ou, raras vezes, «champagne».

Certa vez, foi cantar numa agremiação modesta. A respectiva direcção resolveu oferecer-lhe um Porto de Honra, em que se sucederam os discursos ingénuos de admiração e gratidão. Amália, então, sentindo-se cumulada de atenções, resolveu restituir o dinheiro do seu *cachet*, para ser distribuido pelos pobres daquela colectividade.

* * *

Um dia, o pintor Eduardo Malta quis retratá-la. Depois do retrato concluido e admirado por várias pessoas, uma tarde alguém lhe bateu á porta. Vinha da parte de um senhor que lhe queria comprar aquele retrato. Malta lamentou não o poder vender, visto tratar-se de uma encomenda.

A pessoa insistiu e apareceu uma larga soma de dinheiro.

Malta correu a casa da Amália. Ela resolveu o assunto, decidindo que ele lhe pintasse para ela outro igual. E assim se fez.

O retrato da Amália, aquele de que se conhecem reproduções, não é o primeiro que Malta pintou. Esse foi vendido em grande confidência a uma pessoa da sociedade, em cuja residência ainda se encontra.

* * *

Em Lisboa, não há motorista que a não conheça. Distraída como é, acontece-lhe a miude pagar contas exorbitantes, porque se esquece e deixa os «taxis» á espera.

Na manhã seguinte, vão lá a casa buscar o dinheiro, que ela paga sempre com um sorriso. Uma vez, já há meia duzia de anos, Amália teve de comparecer numa festa que lhe dedicaram no Estoril. Foi para lá de manhã, almoçou num hotel do parque e não mais se lembrou do «taxi». Depois do almoço, foi no carro de uma pessoa amiga até Sintra e á hora do espectáculo, regressou ao Estoril. Andou pelo Casino, dançou e na manhã seguinte, quando iam levá-la a casa, lembrou-se de que tinha deixado o casaco no hotel. Subiu a correr as escadas do hotel, ams no alto da escadaria, o «chauffeur», cujo taxímetro ficara a noite inteira a marcar, perguntou com a maior calma:

— E agora, para onde vamos, D. Amália?

* * *

Um pormenor pouco conhecido do grande publico: Amália faz versos. Um dia organizou-se um almoço de homenagem ao saudoso Nascimento Fernandes, de quem Amália era sincera amiga; e, depois dos habituais discursos, ela levantou-se, dizendo apenas.

— Como não tenho jeito para discursos, vou dizer uns versos que estive aqui a compor:

Dizem-me a todo o momento
que o Manuel do Nascimento
tere muitas mulheres belas.
Minh'alma em desgosto arde
De ter nascido tão tarde
E não fazer parte delas...

L. R.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

Voltou-se o feitiço contra o feiticeiro

Texto integral do conto de

LUDWIG FRAZER

Olhando para o relógio, Jules McGuire murmurou: — Parte daqui a cinco minutos o comboio! — Depois, acendeu um cigarro e recostou-se no assento, a olhar, através da janela, para o cais da estação, onde se repetia o mesmo espectáculo de sempre á saída dos comboios: pessoas apressadas, com embrulhos, carregadores com malas, abraços e beijos de despedida, mãos que se apertam.

Finalmente ouviu-se o apito da locomotiva, uma forte lufada de vapor sibilou e o «expresso» iniciou a marcha, entre o resfolegar da máquina e a agitação de lenços dos que ficavam na plataforma.

Foi, precisamente, quando Jules McGuire reparou numa senhora, nova e bonita, que, na plataforma agitava um lenço, como a despedir-se de alguém que seguia viagem.

(Jules McGuire gozava entre as pessoas das suas relações da fama de grande trocista, o que, se, em dada ocasião, lhe agradara e até o enchera de orgulho, acabara por aborrecê-lo. E havia razão para isso. Nas reuniões em que tomava parte, as suas piadas eram aguardadas como numero obrigado do programa; festejavam-nas antecipadamente, solicitavam-lhas, se assim pode dizer-se, de forma que ele se via obrigado a inventar toda a espécie de patranhas, sempre renovadas, para não desmerecer do conceito em que o tinham e da estima dos seus amigos e conhecidos).

*

Quando Jules McGuire viu a formosa mulher agitar o seu lenço, na plataforma da estação, num aceno de despedida a alguém que seguia no mesmo comboio, logo lhe ocorreu fazer disso objecto de uma das suas troças. Rápidamente relanceou os olhos em volta. Alguns lugares mais adiante, um cavalheiro, calvo e obeso, de óculos, sorria-se, como a responder ás saudações ou adeuses da bela dama.

— «E' impossível que os cumprimentos de uma mulher tão linda se destinem a um tipo tão feio!». — pensou Jules — e logo se dispôs a pôr em prática a partida que lhe ocorrera. Desceu o vidro da sua janela, lançou meio corpo para fora e principiou a acenar furiosamente para a jovem. A gritar, precipitadamente, agitou o chapéu, depois o lenço e prosseguiu naqueles disparatados gestos até o comboio se ter afastado da estação. E conservou nas pupilas a visão do pleno êxito da sua brincalhotice: a pobre senhora, absolutamente atordoada, a contemplá-lo estupefacta, sem atinar compreender a que obedecia o inexplicável procedimento daquele homem que certamente lhe parecera doido varrido.

Agora vinha a segunda parte da sua partida. Quando voltou a sentar-se, viu, satisfeitíssimo, que o senhor gordo se levantara do lugar que ocupava e se aproximava do seu. Tudo ocorria como se propusera. Intrigado pelo desespero da sua despedida, aquele homem vinha meter conversa com ele, naquela manifestação de solidariedade que une os homens na desgraça, mesmo que seja a de um só.

O homem obeso, de óculos, estacou em frente dele, estendendo-lhe a cigarreira.

— Queira desculpar, senhor, se me atrevo... Fuma?

me atrevo... Fuma?

— Muito obrigado, — respondeu o trocista, compungido, como esmagado por uma profunda dor. E pegando no cigarro que lhe ofereciam, levou-o aos lábios.

— Deve magoá-lo muito o separar-se de uma mulher tão bonita como aquela, — disse o gordo, oferecendo-lhe lume. — E' sua esposa, não?

— Não, senhor! — respondeu Jules, sem abandonar o seu tom dolorido —. Uma amiga muito querida...

— Ah! — exclamou o seu interlocutor, compreendendo o que Jules queria insinuar.

— Sim... Uma amiga que muito prezo e que, pelo seu lado, tem por mim uma verdadeira adoração...

— E costumam separar-se por muito tempo?

— Meses... anos, sei lá! — Jules representava uma das suas melhores comédias —. Um unico dia separado dela é para mim como um século.

— E porque a não trouxe consigo?

— Não podia fazê-lo, senhor. A minha amiga é casada...

— Casada?

— Sim, senhor. E com uma verdadeira besta, que lhe proporciona uma vida infernal...

— É quase sempre assim! — observou o sujeito, melancòlicamente. Essas lindas mulheres casam-se quase sempre com homens que as não sabem compreender...

— O marido da minha querida amiga é um bruto sem alma, egoísta, vulgar, grosseirão...

— Vê-se que o senhor o conhece bem...

— Nunca o vi na minha vida. Sei essas coisas por ela, a pobre mártir, que mas confiou, lavada em lágrimas...

— É para lamentar, — disse o sujeito gordo. Para logo acrescentar:

— Com licença... Volto já.

— Ouça ainda... — insistiu. Jules Sentia-se encantado. A sua troça alcançava um êxito superior ao imaginado O que iriam rir seus amigos, que tanto lhe louvavam a habilidade para chasquear dos outros, quando lhes contasse a maneira como lograra aquele pobre homem!

*

Jules escolhera um jornal entre os que comprara, para tornar menos aborrecida a viagem, quando de novo ouviu a voz do seu interlocutor de momentos antes. Ergueu a cabeça. O sujeito sentara-se diante dele, ostentando no rosto uma estranha expressão.

— Já de volta? — perguntou, Jules, para dizer qualquer coisa, pois a atitude do outro desconcertava-o.

— Sim! Fui buscar uma coisa que tinha numa das malas.

— Ah! E o que é?... Oh, perdão!...

— Isto! — respondeu o homem. — Era-me preciso para continuar a nossa palestra.

E mostrou um revólver, pesado e ameaçador.

Jules sentiu que o sangue lhe fugia do rosto. Paralisava-o o medo, pondo-lhe gelo nas veias. E o caso não era para menos. O buraco sinistro do revólver enfrentava-o directamente.

— Não se mexa — prosseguiu o desconhecido, num tom cheio de ameaças—, pois, ao menor movimento, ao mais insignificante grito, mato-o como quem mata um cão!

— Mas... — balbuciou Jules, que, a custo, conseguira recuperar a fala. — Que quer dizer com isso?

— É muito simples: perceberá do que se trata quando o informar de que... sou eu o marido!

— O marido?! — exclamou Jules, sacudido por um verdadeiro horrisono assombro.

— Sim, senhor! Eu sou o marido dessa mulher, dessa sua querida amiga de quem se despediu há pouco com tão desesperadas demonstrações... Sou eu a besta vulgar e grosseira com quem ela se casou... Grande patife!

E Jules viu, apavorado, o indicador do outro curvar-se ameaçador sobre o gatilho do revólver.

— Não, não! — ululou. A carruagem levava apenas os dois como passageiros, de forma que ninguém os poderia ouvir. — Pelo que mais adora no Mundo não me mate! Tudo quanto lhe disse era mentira! Eu não conheço a sua mulher. Quis troçar consigo, uma troça ideota, confesso, mas que não passava disso.

O homem do revólver fitava-o, carrancudo, intimidativo. No meio do seu desespero, Jules julgou encontrar outro argumento para o convencer.

— Como seu marido, o senhor sabe muito bem que os cumprimentos dela não eram para mim mas para si. Era o senhor quem ela saudava... E eu... sem o suspeitar, pus-me com aqueles acenos para chalacear... Mas não a conheço, juro-lhe!

Interrompeu-se, porém, ao ver a feroz expressão do outro.

— Agora é que mais me convenço de que está a mentir-me. Minha mulher não podia estar a despedir-se de mim, porque eu tomei este comboio por acaso... Além disso, ela odeia-me de tal maneira que nada se preocupa com o que eu faço... E' você que ela ama; e é por isso que vou matá-lo, seu canalha!

— Não, não! — implorou Jules, rompendo a chorar desesperadíssimo e caindo de joelhos aos pés do marido vingador. — Juro-lho pelo que haja de mais sagrado. Apenas quis chalacear consigo... na suposição de que as despedidas dessa senhora não eram para si... Suplico-lhe que me acredite... Era apenas uma brincadeira, uma brincadeira estupida...

*

O homem parecia vacilar. Por fim decidiu-se, e de novo apontou para Jules.

— Não! Você não me engana — rugiu —. Prepare-se para morrer! Jules arrastou-se pelo soalho da carruagem e enlaçou as pernas do implacável vingador. Desfazia-se em lágrimas e tremia dos pés á cabeça.

— É mentira! É mentira! — balbuciava. — Juro-lhe! Nunca tinha visto sua mulher. Porque me não acredita?... Juro-lhe mais uma vez... cem vezes mais... queria apenas brincar... Era só uma peta, uma brincadeira para me rir depois com os meus amigos... com os meus amigos, que acham sempre graça ás minhas maluqueiras... Era uma nova oportunidade para fazer boa figura perante eles...

O senhor gordo contemplou-o, de testa franzida.

— Quer dizer: você é, como quem diz... um gozador profissional, não?

— Sim, senhor, sim!...

— E goza dessa fama entre os seus amigos?

— Exactamente, exactamente!

— Pois bem! — continuou o homem, cujo tom de voz se modificara estranhamente —, também eu.

Através das suas lágrimas de terror, Jules fixou-o assombrado.

— O quê? O que é que disse?

— Que também eu sou um trocista profissional — respondeu o outro, á gargalhada, — e que terei agora também uma nova ocasião de os meus amigos se rirem á custa das minhas facécias.

E continuando a rir, convulsivamente, pôs-se de pé, abriu o revólver, que não passava de uma cigarreira, tirou um cigarro, e enquanto o acendia, quase sem poder conseguí-lo por causa das gargalhadas, afastou-se para o outro extremo da carruagem...

Ajoelhado, a tremer ainda de medo e de raiva, Jules McGuire viu-o afastar-se e desatou a dar socos furiosos na almofada do assento.

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«GANDA» 16 de Janeiro	Com escala por **Leixões**, para: **Funchal, S. Iomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.**
«LUANDA» 22 de Janeiro	Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.**
«LOBITO» 5 de Fevereiro	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia (se necessário).** Carrega em Lisboa até 3 de Fevereiro.
«UIGE» 6 de Fevereiro	Com escala prévia por **Leixões: para: S. Tomé, Luanda, Lobito e Moçâmedes.** Carrega em Lisboa de 28 a 31 de Janeiro.
«VERA CRUZ» 13 de Fevereiro	**Para: Luanda e Lobito.** Carrega até 11 de Fevereiro.
«PÁTRIA» 17 de Fevereiro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala** (se necessário). Carrega em Lisboa até 14 de Fevereiro.

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ» 14 de Janeiro (ás 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» 7 de Janeiro 8 de Fevereiro (ás 18 horas)	Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).**

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telef. 23342

HIPOTECAS

QUALQUER MARCA
QUALQUER SÉRIE
QUALQUER IMPORTANCIA
QUALQUER TEMPO
Sobre automóveis
RUICAR
RUA SANTA MARTA, 27-G. 1.º
Telefone: 53884

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est.-Valentim de Carvalho, L.da
95, Rua Nova do Almada 99
LISBOA

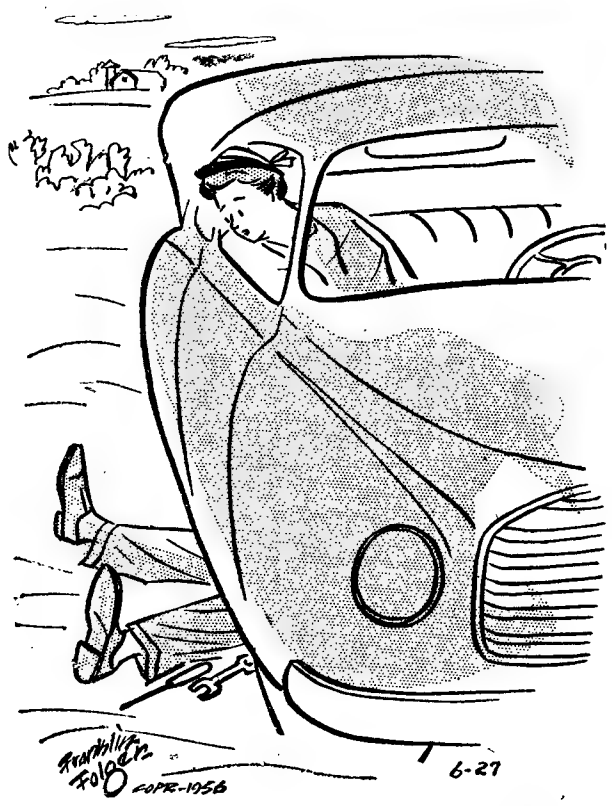
Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv. nariz e garganta 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clín. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Bernard Guedes—Raios X, 16 h.
Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 ás 13 e 17 ás 19 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv mentais (2.as, 4.as e 6.as), 16 h.
Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sifilis (2.as 4.as e 6.as), 14 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest. 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.as, 5.as e sáb.), 15 h.
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas.

O RISO DA SEMANA

O CUIDADO DELA...



— Oh filho! Olha que precisas engraxar os sapatos!

A grande viagem

A vida é uma viagem de comboio, em que a receita do médico tanto pode ser o bilhete de volta á vida, como o passaporte para o outro mundo.

Só não há bilhetes de ida e volta, nem passageiros clandestinos. Todavia são muito frequentes os descarrilamentos.

A operação

O velho estava muito doente, gravemente doente, mas não queria ser operado e os médicos, um pouco confusos com os sintomas encontrados, mas reconhecendo a necessidade duma operação, insistiram e convenceram-no.

Levado para o hospital a primeira coisa que os enfermeiros fizeram foi dar-lhe um banho quente, muito demorado e com muito sabão.

Cá fora a família ansiosa esperava.

A' saída da casa de banho, exclamou ele radiante para a família:

— Vocês tinham razão; a operação não doeu nada.

Os arqueólogos descobriram que as primeiras cartas foram escritas pelo homem primitivo em pedra bruta.

Felizmente que, nesse tempo ainda não se tinha inventado o correio, senão uma pessoa arruinava-se em estampilhas e os correios morriam todos de esfalfamento.

Pergunta inocente

Agora que os automóveis descem mas não sobem o Chiado e que no Rossio há uma bicha de carros que nunca mais acaba e que na Avenida a bicha é de carros, de eléctricos, e de passageiros para o Metropolitano, como é que um sujeito que mora na Estrela e não sabe nada de aviação há-de voltar para casa?

Porque tremia a terra

Quando na mais remota antiguidade os terramotos se seguiam com uma frequência terrível, era só porque a pobre terra já sabia que havia de haver uma civilização que daria cabo de ela.

E ainda eles não tinham sonhado com foguetões, nem bombas atómicas, nem bombas de hidrogénio, nem automóveis, nem rádio, nem barragens. (Vide Fréjus).

Aos homens de boa vontade

Homens de boa vontade
Já que tendes esse nome
Fazei com que a Humanidade
Por mor da vossa bondade
Nunca saiba o que é a fome!

Homens de boa vontade,
Se ainda os há sobre a Terra,
Tão inçada de maldade
Isentai a mocidade
Das agruras duma guerra!

Homens de boa vontade
Que sentis os Evangelhos,
Com a vossa autoridade
Evitai a mortandade
Dos rapazes e dos velhos.

Homens de boa vontade
E sentimentos cristãos
Lembrai-vos que a Humanidade
E' uma comunidade
Em que todos são irmãos,

Cada um em seu papel.
P'ra atingir o mesmo fim.
Que todos sejam Abel
E não haja um mais cruel
Que queira armar em Caim.

Mas não se esqueça ninguém
Que nesta nossa cidade
Ainda se encontra alguém
Que apesar de comer bem
Inda tem boa vontade.

A. F.

ANO NOVO

VAI acabar o ano para dar lugar a outro absolutamente igual a ele — só com a pequena diferença de ter mais um dia, para que seja bissexto — o que já vem sucedendo há milhões de anos sem necessidade nenhuma, num constante sistema de alcatruzes, uns que vão, outros que vêm, sem qualquer finalidade aparente ou real. Muda-se de ano por mudar.

E' a monotonia do tempo para a qual se inventou uma palavra que nada significa — Eternidade — que ninguém sabe o que é de verdade, que nunca ninguém viu nem verá, porque a Eternidade só existe na noite dos tempos e á noite ninguém vê nada, como é óbvio e sabido desde a mais remota antiguidade.

Dizem que os anos passam, mas o pior é que nós ficamos com eles e com esta terrível agravante: é que ficamos um ano mais velhos, ao passo que o ano que vem — que é inegávelmente mais um ano — é sempre o ano novo.

O tempo, com mais um ano, é um ano novo. Qualquer pobre mortal com mais um ano é um homem mais velho um ano.

Se não fosse esta despótica, disparatada e incongruente invenção dos anos, o tempo seria uma coisa encantadora e nós nunca passaríamos da primeira, da primeirissima infancia, nem chegariamos a fazer anos.

Algém pensou já por ventura nos encantos de uma inefável vida assim? Que adorável Nirvana! Que celestial paraíso!

O tempo a passar, o tempo a correr sem a medida dos anos e nós sempre na mesma, sempre sem ter um ano, sempre crianças de berço, sempre crianças de colo, sempre na ama, sempre crianças de mama!

Quem inventou os anos, quem inventou essas malditas folhinhas, que são, digamos, os contadores do tempo, deu cabo da vida á gente. Anátema e maldição eterna ao «Borda de água»! Tirou-nos a mama, tirou-nos a chucha, tirou-nos a cantiga de adormentar e o embalo do berço entre folhos e rendas, para nos deixar apenas os solavancos dos autocarros e os encontrões do nosso semelhante que é um filho do tempo como nós.

A Humanidade inteira sem atingir um ano de idade, sem necessidade de renovação, sem amigos nem inimigos, sem rivalidades, sem questões, sem guerras, sem conferências internacionais e sem senhorios, sem poetas existencialistas e sem pintores abstractos, sem palestras nem peças radiofónicas e sem filmes que nada têm de cinema senão as máquinas e os écrans, a Humanidade, diziamos, toda estendida em berços, constituiria uma verdadeira creche, onde reinaria a mais perfeita, a mais doce paz-podre da inocência e onde só se faria sentir, como esporádica deficiência, a falta de pessoal para mudar as fraldas. Mas isso em pouco alteraria o que é o nosso Mundo de hoje.

ALFREDO FRANÇA

Problema de sábado

Sabido que de Lisboa a Cascais são trinta quilómetros, pergunta-se: Onde se deve colocar a ambulancia?

Um problema

Toda a gente gosta de ter água canalizada em casa excepto quando tem meninos pequenos.

E agora surge um problema: dispensar os meninos ou dispensar a água corrente?

Cantinho sentimental

(Com licença dos modernistas)

A água é como a esp'rança
Que a tudo se sujeita...
Onde quer que se deita
Lá fica humildemente acomodada,
Seja a concha da mão duma criança,
Ou a taça lendária da balada.

Augusto Gil

Agua ao seu moinho

— Está bem, ganhas-te! Vamos passar as férias na montanha!

Uma grande ideia

Nos novos regulamentos do futebol vai aparecer a determinação bem expressa de que será proibida a entrada de chapéus de chuva nos estádios.

Quem vai á bola e é mesmo doente dela (doente da bola não é ser maluco, entendamos) quer é ver golos e não goles de chuva a cair das varetas.

Os goles ficam para depois da vitória do nosso clube, no bar do estádio, á saúde dos vencedores.

Abaixo o guarda-chuva!

TOMOU O VENTO PELA BOMBA...

...e ia-se acabando o Mundo

A conversa da semana

UM VOTO PARA 1960, E O NOSSO PROGRAMA DE TRABALHOS

1

O nosso bom Amigo n.º 357, Fernando Tavares Rodrigues ao enviar-nos os seus amáveis desejos de Boas-Festas acrescenta estas palavras:

«E que o ano de 1960 continue, ainda mais do que os anteriores, a fazer do «Juvenil» um bem da Juventude portuguesa».

Todos os nossos amigos quererão colaborar activamente na realização deste vôto. Como? Que programa de trabalhos deveremos estabelecer para o próximo ano? Achamos util marcar neste primeiro numero de 1960 um esboço de plano de actividades. Que os nossos leitores nos manifestem a sua opinião acerca dele e nos indiquem em que medida, até onde poderemos contar com a sua colaboração efectiva.

Eis, pois, o esboço do nosso plano para 1960.

1 — Realizar com periodicidade assegurada um programa de actividades culturais — espectáculos de cinema, recitais de poesia e exposições de pinturas, desenhos e esculturas dos nossos jovens amigos.

2 — Criar, para tal fim, quanto aos espectáculos de cinema, uma comissão mais vasta que se encarregue da tarefa, pois os actuais membros — Rui Barreto, Eduardo Serra, Machado da Luz e Junça de Morais — não conseguirão, sózinhos, levar a cabo todo o trabalho.

3 — Formar a comissão para os espectáculos de poesia. Escolher os recitadores e traçar um plano mínimo de sessões que se alargarão consoante as nossas possibilidades futuras.

4 — Organizar uma Delegação do «Diário de Lisboa Juvenil» no Porto, destinada a angariar novos amigos para o nosso jornal e alargar aos jovens da capital norte nha as actividades culturais acima mencionadas.

5 — Trabalhar afincadamente para obter um subsídio que nos permita conceder prémios anuais para os melhores colaboradores do nosso jornal.

6 — Criar meios para se publicar, no ultimo trimestre de 1960, uma Antologia

(Continua na página central)

AGRADECEMOS...

No fim deste ano de 1959 queremos agradecer a todos quantos deram ao «Juvenil» todo o seu precioso auxílio.

Entre eles — e sem melindre para ninguém — desejamos destacar (e a mais elementar justiça no-lo obrigaria a fazer) o admirável apoio que, desde a primeira hora e nunca faltando uma semana, nos deu Livros do Brasil. Ao sr. Sousa Pinto, grande Amigo do «Juvenil», endereçamos, pois, os nossos melhores agradecimentos.

Para os outros Editores, Amigos dedicados do nosso jornal — a Editorial Arcádia, a Editorial Estudios Cor, Portugália Editora e Publicações Europa-América — a cuja prestimosa presença os nossos jovens leitores se habituaram como parte integrante do «Juvenil», vão também a gratidão de todos nós.

Todos têm conseguido, com uma persistência digna de registo, uma obra unica no nosso País: a difusão, entre os jovens, do amor pelo livro — o mais completo instrumento de cultura.

Bem hajam todos.

O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAÍS

CARTA AO AMIGO N.º 267

O artigo do Vítor Ricardo veio dar-me a oportnuidade de falar num assunto de interesse, que é o das relações entre o adulto e o jovem.

E' muito vulgar ainda, e é pena que assim o seja, alguns adultos olharem com desconfiança para a geração nova e, a todo o momento, á medida que avançam na idade, dizerem que o Mundo vai de mal a pior e que os novos são desregrados e vazios. Isto, em parte, pode explicar-se por uma inconsciente ou consciente inveja da parte do adulto, ao ver as novas gerações de ideias mais arejadas e arrojadas. Esquecem essas pessoas que a sociedade, as condições de vida, os problemas políticos, económicos e sociais evoluem e tornam-se mais complexos, obrigando a transformações que originam uma nova concepção do Mundo e das coisas diferente, e, por este motivo, esses seres retrógrados, incapacitados de se adaptarem ás novas condições, defendem-se com palavras pessimistas sobre o mundo novo.

Um dos pontos de ataque dos mais velhos, é o gosto da juventude por essa musica, dizem eles, cheia de sons estranhos e não-harmónicos: o «rock'n'roll». Ora são um pouco injustos, pois em cada época há uma musica que a define e que é do agrado dos ouvintes, pois a compreendem. Eu não tenho vergonha de o dizer: gosto do rock. *É claro que dou toda a razão quando chamam loucos e desvairados aos meninos e meninas que chegam ao frenesi, que se vestem de estranhas maneiras — com o objectivo de dar nas vistas, porque não conseguem impor a sua personalidade por outros meios menos histéricos e berrantes — e, ainda, que amam, transformando-os em ídolos, os Presley e as B. B. Não; decididamente isto está errado, e os adultos têm razão. Mas quanto ao resto, não gostaram os mais velhos das valsas, que na época provocaram o mesmo escandalo que o actual «rock», dos tangos e dos «charlstons»?*

E estas manifestações de histeria não serão, em grande parte, um resíduo da influência perniciosa das guerras? Creio bem que sim. Há no «rock» como que uma tentativa de evasão da realidade, uma possibilidade de dar livre expansão a todas as tendências recalcadas.

por **JOSÉ MOURA PIMENTA** — (18 anos)

Recordemos que, no período do pós-guerra, surgiram correntes filosóficas de carácter pessimista, que influenciaram a literatura e a arte.

A corrente existencialista de Sartre é um exemplo bem típico disso. Segundo ele, o factor principal da vida é a existência e, portanto, a liberdade deve ser total e conforme o indivíduo a quiser. Não vê na liberdade a base de evolução dos povos, não a interpreta assim; não nota que o individual tem direitos, mas esses direitos não se podem esbarrar contra os do seu semelhante, isto é, que devem estar subordinados aos legítimos direitos do colectivo. Segundo os existencialistas, o indivíduo deve agir conforme entende sem se prender com a sociedade em que vive. Por aqui se

(Continua na ultima página)

GIGANTES DE PORTUGAL

O maior homem de teatro até hoje nascido em Portugal — genial criador em qualquer literatura — nasceu por volta de 1465 e faleceu entre 1536 e 1540. Numa época em que tudo se sabia acerca de qualquer nobre da corte — as circunstancias essenciais da sua vida ficaram na sombra: não se sabe onde nasceu nem a sua profissão nem a sua condição social. Um genealogista do século XVI declara-o natural de Guimarães; aceita-se — embora pareça muito improvável — que fosse ourives; um outro genealogista dá-o como mestre de retórica de D. Manuel. A sua ultima criação — «Floresta de Enganos»

(Continua na página central)

JUVENIL

Diario de Lisbôa

PAISAGEM

Por **Luís Manuel Antunes da Silva**
14 anos – amigo 451

O relógio batia duas da tarde. O Sol, lá fora, escaldava, e escaldava a valer, acreditem. Uma cigarra cantava num salgueiro uma canção monótona e singela, uma canção que no meio daquele calor sufocante, era como um rasgo de frescura e vida, para o meu corpo humido de suor.

Mas, esperem. Lá ao longe, há uma ribeira de margens frondosas e frescas. Eis um bom lugar para nos refrescarmos.

Em breve cheguei ao riozito. Reduzia-se a um ou dois pegos, nessa epoca do ano, mas no Inverno tem grandes inundações. Apesar de haver pouca água no seu leito, as suas margens são viçosas, verdes, os agriões tenrinhos e deliciosos crescem por toda a parte: rãs coaxam na modorra do calor; a relva macia e fresca parece convidar as pessoas a deitarem-se sobre ela. Como é belo e agradável estar aqui, á sombra, ao fresco, ao abrigo do calor, com a aragem do trigo maduro a penetrar-nos pelas narinas!

Olho em redor. Só trigo. Aqui e ali uma oliveira ou um chaparro, mais longe, uma mata de sobreiros, verdadeira riqueza donde se extrai a cortiça, o ouro castanho da terra, como muita gente, com razão o denomina.

Não há montanhas, tudo é planície rasa, planície rica, fértil e soalhenta, chão bendito, do qual muita gente tira o seu sustento, o seu pão.

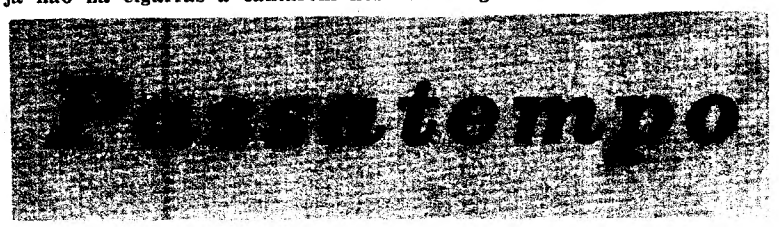
Olho para o outro lado. Um «monte» ergue-se, altaneiro, numa pequena colina, a dominar a herdade. Um fio ténue de fumo azulado sai pela chamine: uma parelha de mulas vem da cocheira, vai carregar trigo, trigo que irá encher o celeiro e a bolsa do lavrador. E então este ano, tão bom que esteve: as espigas estão bem cheias e a terra deu tudo o que pôde, ainda que a poder de muito adubo.

Mais abaixo, vê-se um bando de perdizes saltando, fugindo ao menor ruído, voando pesadamente.

E' assim o Alentejo, é assim que eu vejo, que eu gosto do Alentejo, com os seus lavradores e ceifeiros, mondadeiras e malteses, calor e vida.

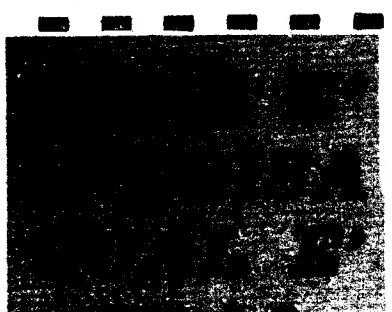
E por isso, quando chego a Lisboa, depois dumas deliciosas férias no Sul, venho triste. Triste porque já não há cigarras a cantarem nos salgueiros, rãs a coaxarem na modorra do calor, «montes» brancos, caiados, alegres, trigo a ondular ao vento.

Mas, paciência. Para o ano lá estarei no Alentejo, na minha terra. E então de novo verei as cigarras a vantarem nos salgueiros, as rãs a coaxarem na mdorra do calor, os «montes» brancos, caiados, alegres— e o trigo a ondular ao vento...



O que estes amigos procuram?

(Ver solução na pág. seguinte)



Mais uma engraçada adivinha, que os Amigos vão descobrir. Hoje é tão fácil! É mesmo o que se chama uma adivinha de Ano Novo...

Sou um nobre muito rico,
Feito por subtil engenho:
Dou tudo quanto tenho,
Com quanto tenho me fico.

A esta é que ninguém escapa. Pantas, tantas respostas! E tantos prémios para os Amiguinhos adivinhões. E' como todos já sabem, mais uma adivinha do encantador livro de Fernando Pires de Lima «Qual é a coisa, qual é ela?» Que a Portugália editou

As respostas devem estar na nossa redacção, Rua Luz Soriano, 14, 48, até o dia 8 do mês de Janeiro, com a indicação da idade e nome do concorrente, morada se a não mandaram ainda, bem como a indicação dos três artigos que mais lhes agradaram neste número.

A CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da 1.ª página)

dos colaboradores do «Diário de Lisboa Juvenil», e angariar assinantes para a compra de tal livro.

E' de menos? E' de mais? Têm a palavra os nossos Amigos.

2

Os nossos Amigos tiveram a amabilidade de nos enviar os seus votos de Boas-Festas acompanhados dos seus estimulos para o trabalho futuro do nosso Suplemento. Sentimo-nos profundamente satisfeitos com o apoio que de todos os lados nos veio.

Obrigado!

3

O amigo José Luis de Abreu Cotrim dirigiu-nos uma crítica para a secção «O que pensam os jovens dos nosso país», cuja recepção já havíamos acusado. Obterá a publicação e a devida resposta num dos próximos numeros.

4

No «Juvenil» n.º 137 os artigos mais votados pelos nossos leitores foram:

O Homem	**175**
Poema	**116**
Os Cavaleiros da Távola Redonda	**116**
A minha viagem á Lua	**106**
Meditação	**91**
O meu bau	**74**
O que pensam os jovens do nosso País	**58**
Notas de leitura	**58**
Desenho por Flávio	**29**
A conversa da semana	**12**

O Amigo n.º 403, José Augusto Folga da Silva, autor do artigo mais votado deve ler na secção respectiva o prémio que lhe coube.

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

Estava nos dias felizes, a Natureza, quando fez os colibris ou beija-flores. Avezinhas pequeninas de bico alongado e grandes asas velozes. Quando cruzam o céu tropical dir-se-iam pedacinhos de arco-íris, pois as penas destas pequenas aves são verdadeiras maravilhas de cor.

Mesmo os costumes, o regime alimentar, os lugares que habitam e os que escolhem para aninhar, fazem dos colibris espécies

Não há bela sem senão...

a parte, entre todas as aves. Alguns alimentam-se exclusivamente de aranhas, outros só de nectar.

São aves tropicais e apenas umas vinte espécies aparecem nos Estados Unidos, outra — o colibri vermelho vai até o Alasca, e uma outra até á Terra de Fogo. Mas é nas regiões montanhosas da América Central que a maior parte vive.

Em pleno voo as asas produzem um ruído semelhante ao zumbido do besouro, tantas são as vibrações. Quando suspensas no ar, as asas batem nada menos que 55 vibrações por segundo. E em pleno voo foram já calculadas — 200 em máxima velocidade. Nessas ocasiões, as asas semelham uma nuvem confusa, tal a rapidez com que são agitadas. Este voo rápido dá ao colibri pleno domínio do ar; pode manter-se suspenso, movimentar-se para a esquerda, para a direita, para a frente ou para trás.

O colibri chega a atingir uma velocidade de 150 quilómetros por hora, em velocidade máxima. As espécies emigrantes fazem grandes, enormes percursos sem parar, tal como acontece com o colibri de peito vermelho, que atravessa o golfo do México sem fazer escala em nenhum porto...

A gravura representa um colibri que passa o Inverno no Sul do México; para aninhar, faz as malas e parte a caminho das Montanhas Rochosas do Colorado. O ninho nunca atinge mais de 4 centímetros; daqui se pode concluir o tamanho mínimo desta pequenina ave colorida, de brilho metálico e uma riqueza faustosa, principalmente nos machos, embora as fêmeas apresentem também, variedade e beleza de colorido. Mas é o macho que deve agradar; é ele, portanto, que deve possuir um lindo palminho de cara... Pertencem ao numero de animais exibicionistas, isto é, que para agradar á pretendida devem recorrer a ostentação de beleza.

No entanto, a magnificência destas aves supera tudo o que de belo se possa imaginar; não apenas no aspecto exterior, mas na própria maneira de ser.

Por vezes, são aves fácilmente domesticáveis, gostam de aninhar junto dos homens. Conta-se que alguns apreciadores de aves plantam madressilvas e nela colocam recipientes para a construção dos ninhos. E no meio da folhagem verde e das flores douradas da madressilva, o colorido colibri constroi o ninho com todo o desvelo e nele deposita os ovos e choca os pequeninos. E diz-se que, ano após ano, os mesmos colibris voltam ao mesmo local onde uma vez aninharam e foram bem recebidos.

Só que esta lindíssima ave tem um senão: ausência de actividades vocais. Apenas uma das espécies tropicais emite qualquer som, como um débil canto, comparado mais com o gorgeio inhabil das suas companheiras de raça do que com o canto das outras aves que dir-se-iam foram feitas para alegrar a Natureza.

Parece que o nome de beija-flor pretende mostrar que o colibri canta todo o dia de flor em flor, de ramo em ramo, saltitante e feliz. Mas se canta, nós não ouvimos um canto por demais subtil para ser apreendido pelo ouvido do homem.

Talvez seja pena. Porque se pensassemos estar o canto relacionado com o encanto da plumagem, que canto divino não viria de tanta beleza, bocadinhos de arco-ris que nos pareceriam, então, bocadinhos do próprio céu tropical...

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Os fanáticos e o cinema

por **Ana Maria Louro** – Amigo n.º 1689

No pós-guerra de 1418 o cinema americano começa a afirmar-se em toda a Europa. Os cinemas nórdicos, italiano e britanico tinham práticamente desaparecido, o germanico estava isolado e o francês estava impossibilitado de retomar a sua antiga posição e prestígio. Entretanto, Hollywood em pleno apogeu, tratava de se apoiar nas grandes estrelas e uma série de produtores audaciosos começava a era do vedetismo. Mary Pickford aparecia com o seu sorriso angelical e obtinha o cognome de «noiva da América». Depois vêm Greta Garbo e Rodolfo Valentino que apaixonam as plateias de todo o Mundo.

Continuando sempre neste pé o cinema em vez de facilitar a educação das juventudes, destroi-a, presenteando-a com filmes estilo água com açucar em que a vida era um mar de rosas.

As estrelas entretanto continuavam o seu reinado agora apoiadas numa publicidade assombrosa e uma verdadeira edónia de «fans» ou fanáticos. Muitos destes agrupam-se em clubes que organizam reuniões para discutirem como assuntos principais e importantíssimos as ultimas paixões da estrela idolatrada.

Os clubes têm ainda outras actividades como a de escrever aos grandes estudios solicitando recordações tais como: «chewing-gum» já mastigado, pedaços de tecidos do vestido da vedeta, meias, botões, etc.

Na grande cidade do cinema chega-se mesmo ao cumulo de se distinguir os actores conforme o numero de cartas que recebeu mensalmente.

Assim, verdadeiras multidões acorrem aos cinemas apenas para verem uma linda estrela de cabelos platinados de 90 cm. de busto e anca e 54 de cintura.

Como vemos o cinema está absolutamente necessitado de se libertar dessa publicidade absurda da multidão de fanáticos e de todos os produtores que vêem nele um meio de ganhar dinheiro e não um processo de divulgação de cultura e conhecimento de outros povos.

A CONVERSA DA SEMANA

5

Neste numero não nos é possivel publicar o comentário aos artigos recebidos nestas ultimas semanas. Limitamo-nos a registar que acabam de nos chegar e são:

Do Amigo n.º 1808 — José Eduardo Ferreira Roncon, de 17 anos, aluno do I. S. T. as seguintes produções:

1) Má memória — narrativa.
2) Adeus — poesia.
3) Problema policial.

Do Amigo n.º 1492 — António Manuel Simões Coutinho, de 18 anos, aluno da Faculdade de Ciências do Porto, estas duas poesias:

4) Nau de chumbo.
5) Natal.

Do Amigo n.º 1788 — Adelino Manuel Amaro da Costa, de 16 anos:

6) Vida — narrativa.

OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

A

O saber a notícia terrível de que, ferido e talvez em perigo de morte, o Cavaleiro Negro — afinal Lançarote do Lago andava áquela hora a ser perseguido como um traidor por todas as florestas e brejos de Inglaterra, Helena de Astolate sentiu uma dor tão profunda que teve medo de revelar ao pai e a Galvão o doce sentimento que trazia consigo. Amara o desconhecido desde que o ouvira narrar maravilhosas aventuras em defesa de fracos e oprimidos. Estava acostumada a ver nos cavaleiros que visitavam o castelo de seu pai uma basófia fidalga feita de crueldade, de desprezo pelo próximo, de desamor pela paz e concórdia entre os homens; habituara-se a desesperar que os ensinamentos de Jesus Cristo tivessem fiéis seguidores: e eis que lhe aparecia diante dos olhos, subitamente despertos, um homem que escondia a sua bondade sob um nome falso: e este homem não apregoava a feia crueza da guerra; não erguia os feitos de armas, como ideal de vida: falava deles como de um mal que, num mundo doente de ódio, os bons se têm de servir para escorraçar a tirania. Helena escutava enternecida aquelas palavras novas e ia-as guardando no seu coração. Ah! quanto daria da sua vida

para acompanhar dia a dia, hora a hora — no perigo e na paz — o desconhecido!

Depois de ele se despedir ficara-se numa janela a vê-lo sumir-se nas lonjuras e, embaciados de saudade, já depois de desaparecido, o cavaleiro, os olhos continuavam a seguir-lo em sonho. Julgara nunca mais o encontrar. Na sua repentina solidão, vivia de recordações. Quando lhe chegava notícia de qualquer crueldade filha de mãos de cavaleiro — Helena punha logo na sua ideia a imagem do desconhecido e imaginava-o como um anjo vingador dos oprimidos.

E ali o tinha agora, desgraçado como Job, perseguido por homens que traziam o nome de Cavaleiros da Távola Redonda. Só porquê? Porque talvez não lhe perdoassem a sua grandeza. Traidor? Como era possível? Na sua perturbação punha-se a esquadrinhar todas as razões que tivessem levado o Cavaleiro Negro a combater os seus irmãos de armas. Acaso quereria mostrar que já nada os irmanava, que os torneios eram uma brutalidade que instigava os senhores a exercitar a sua força, a sua destreza em quem era mais fraco do que eles? Não podia aceitar outro motivo e repetia-o mentalmente para estar certa de que outro não havia.

Ao deitar-se naquele dia em que Galvão revelara o nome do Cavaleiro Negro e o acusara de traidor — Helena ficou horas a fio encostada á janela. Não podia dormir. Tinha de acorrer sem demora em auxílio do perseguido. Uma hora de espera podia ser a morte.

Em bicos dos pés e depois de reunir numa trouxa a bagagem indispensável, a jovem dirigiu-se aos baixos do castelo, chamou um dos seus mais fiéis servidores, pediu que lhe selasse «Joia», a sua égua preferida e logo partiu. O criado acompanhou-a. Passaram montes e florestas e vales; atravessaram os domínios que haviam pertencido a Hendrique e agora eram de sua irmã; ouviram recontar as aventuras do Cavaleiro Lançarote — o amigo dos camponeses — e atrás deles foi engrossando a hoste dos que tudo deixavam para ir em socorro do amigo em perigo de morte. Aqui e ali ouviam notícias orientadoras e desta forma tinham acabado por encontrá-lo lá no pequeno bosque num esconso refego dum monte.

Desde essa hora a jovem não mais deixara a cabeceira do doente. Chegara a desesperar vendo que todos os seus esforços morriam sem proveito; mas acabou por vencer: Lançarote estava salvo.

Pouco tempo, porém, gozaram a sua alegria. Lançarote estava curado dos seus ferimentos, mas não era livre de seguir de terra em terra: tinha atrás de si os perseguidores mandados no seu rasto por Artur que até então fora o seu maior amigo. Nos primeiros momentos, Lavínio, Helena e os camponeses da escolta aconselharam-no a viver escondido numa aldeia; e assim se fez. Estava, no entanto, bem á vista que Lançarote definhava de desgosto. Uma tarde, falando com Helena, esta, receosa do que o cavaleiro pudesse decidir, encheu-se de coragem e contou-lhe o amor que lhe tinha. Não quereria aceitá-la como esposa? Acompanhá-lo-ia na vida e na morte, na dor e na alegria; meter-se-iam num canto onde fossem felizes, trabalhando e vivendo como camponeses.

Ao fazer a confissão do seu amor a jovem procurava ler nos olhos de Lançarote o efeito das suas palavras. Mas ai que Lançarote os desviava dela. Porque os desviava? Porque não lhe tinha amor?

— E terei de viver escondido como um criminoso? — foi a resposta dele.

Havia na sua voz um misto de raiva e desespero. Não que não amasse a doce rapariga que o arrancara á morte; não que lhe desagradasse trocar a espada pela rabiça do arado e viver humilde e feliz num cantinho qualquer da terra: o que, todavia, o mortificava até ao mais fundo de si próprio era ser tomado por traidor, por desleal. Preferia morrer. E por isso não correspondeu ao amor da companheira. Apertou-lhe a mão em silêncio, acabou por fitá-la com ternura e disse:

— Amiga: nunca serei um esposo para vós. Trago atrás de mim uma maldição e o meu destino é a morte.

Nessa noite, selou o seu cavalo e fugiu. Ia ao encontro dos seus perseguidores. Se não quisessem ouvi-lo, só lhe restava o caminho de morrer com a espada nas mãos, e não no patíbulo como um criminoso.

Trago atrás de mim uma maldição

GIGANTES DE PORTUGAL

(Continuação da 1.ª página)

— data de 1536. Daí em diante pouco mais se sabe dele. Escreveu «autos pastoris, moralidades religiosas, narrações bíblicas, fantasias alegóricas, farsas episódicas, autos narrativos. Como todos os autênticos génios, foi um revolucionário: os seus autos estão cheios das mais extraordinárias audácias críticas.

As respostas devem estar na Redacção do «Juvenil» até ao próximo dia 8 de Janeiro, sexta-feira, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento, numero de ficheiro (caso o tenham já) e a indicação dos três artigos que mais apreciaram no suplemento desta semana.

Além dos habituais prémios haverá um especial, para o melhor trabalho sobre o genial criador do teatro português.

Eis o Sumário...

do novo livro de Henri Troyat

A vida quotidiana na Rússia no tempo do último czar

Cap. I — A chegada.
Cap. II — À roda da mesa.
Cap. III — Passeios russos.
Cap. IV — Espectáculos e ceias
Cap. IV — Espectáculos e ceias.
Cap. V — Estufas, «traktirs» e asilos nocturnos.
Cap. VI — A igreja ortodoxa.
Cap. VII — Os operários.
Cap. VIII — O Exército.
Cap. IX — As diferentes classes sociais e a máquina administrativa.
Cap. X — A Justiça.
Cap. XI — Os cem aspectos de Moscovo.
Cap. XII — O czar e o seu séquito.
Cap. XIII — Os camponeses.
Cap. XIV — Nigny-Novgovod.
Cap. XV — O Volga.

LIVROS DO BRASIL, LDA

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 53—Maria do Céu Bilet Alves (Coimbra): Nem calculas a alegria que sentimos com as tuas notícias. Não deixes de escrever, sempre que possas, pois tu és dos Amigos mais antigos e dos mais queridos e as notícias são-nos especialmente gratas. Como vãos os teus estudos? E o «resto»? Manda detalhadas notícias, sim? Temos muitas preocupações àcerca de ti.

Amigo 1662— Olga Maria de Vasconcelos (Porto): De momento, não posso recordar-me de qual o prémio que te coube; mas como o nome era outro, não sei mesmo se o livro poderá ser o mesmo. Vamos ver o que se poderá fazer. Contudo se receberes o livro e achares que te não convém, podes devolvê-lo, claro está intacto, para que o troquemos. Bem vês que mudar de sexo... tem os seus inconvenientes!

Amigo 1793—José Fava Rica (Lisboa): podes levantar o prémio na morada habitual, a partir desta data.

Amigo 1580 — Maria Piedade Gandarez (Amora): Obrigado, amiga e espero que a tua mudança se não deva, novamente, a motivos de saude. Como tens pessado? Gostaria de saber de ti, o mais depressa possível... se for possível... se for possível. Oxalá estejas melhor, ou mesmo boa de todo. Será a tua ausência prolongada? Não poderás vir a Lisboa, por ocasião do recital? Às vezes com um pouco de boa vontade, tudo se consegue. E bem gostariamos que os amigos mais dedicados estivessem todos presentes.

Amigo 167 — Maria Alda Tanqueiro (Bucelas): Com certeza, nesta data, já recebeste os livros. Já os leste? Manda a tua opinião acerca deles.

Amigos novos entrados esta semana:

1794 — Carlos Alberto Baptista da Costa; 1795 — António José Pacheco Miranda; 1796 — Joaquim Louraço da Silva; 1797 — Augusto Manuel Santos Dias (?); 1798 — Maria de Fátima Medeiros (Amadora); 1799 — António Carlos Morais Nunes (Coimbra); 1800 — Henrique José Abreu Cochado; 1801 — José António Cipriano (Paderne); 1802 — Maria Olga Salgueiro Duarte; 1803 — Ana Maria Coelho de Sousa; 1804 — António Cunha de Sá; 1805 — Fernando Correia (Odivelas); 1806 — Mário Azevedo Marujo.

Saudações amigas do TROTE

Da nossa amiga e colaboradora, Maria Helena da Costa Dias, acaba de sair, em volume, excelentemente ilustrado por Tóssan, o conjunto de artigos que no «Juvenil» todas as semanas tem publicado acerca da vida dos animais. Chama-se, tal qual no nosso jornal,

Dado o agrado que esta secção do «Juvenil» sempre grangeou dos nossos leitores, seria de esperar que o livro, agora publicado, obtivesse grande sucesso. Assim tem sido, facto que registamos com grande satisfação. Trata-se, efectivamente, dum livro novo entre nós — que ali o extremo cuidado pedagógico, e o rigor divulgativo a uma forma de expressão muito bela e simples.

Felicitamos a nossa colaboradora e os jovens portugueses que passam a dispor dum livro de grande nivel cultural e recreativo.

Edição da Portugália. Capa de Tóssan.

Soluções do Concurso do *Juvenil*

Gigantes de Portugal: FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Qual é a coisa, qual é ela? — OS MORANGOS

PRÉMIOS

1. — Amigo 1807 — António de Sousa (Alcobaça).

2. — Amigo 1760 — Ismalia P. Santos (Espinho).

3. — Amigo Celia Matos Raposo (Barreiro).

4. — Amigo 53 — Maria do Céu Bilet Alves (Coimbra).

5. — Amigo 978 — José Francisco Borges (Lisboa).

6. — Amigo 509 — João Fernando Moura Pimenta (Queluz).

7. — Amigo 775 — Maria Teresa Romano Ventura (Lisboa).

8. — Amigo 1162 — Maria Margarida Leote Cavaco (Lisboa).

9. — Amigo 1038 — Maria Helena Sousa Cavaco (Lisboa).

VENCEDORES

1 a 5. — «OS CARDOS DE BARAGAN», da colec. Miniatura, de Livros do Brasil, Ld.ª.

6 a 9 — «SHANE», da colec. Miniatura, Livros do Brasil, Ld.ª.

Prémio especial para o melhor trabalho sobre Rodrigues Lobo:

10. — Amigo 1802 — Maria Olga Duarte (Lisboa).

10. — «O DIÁRIO DE ANA FRANK» e «SHANE», ambos de Livros do Brasil, Ld.ª.

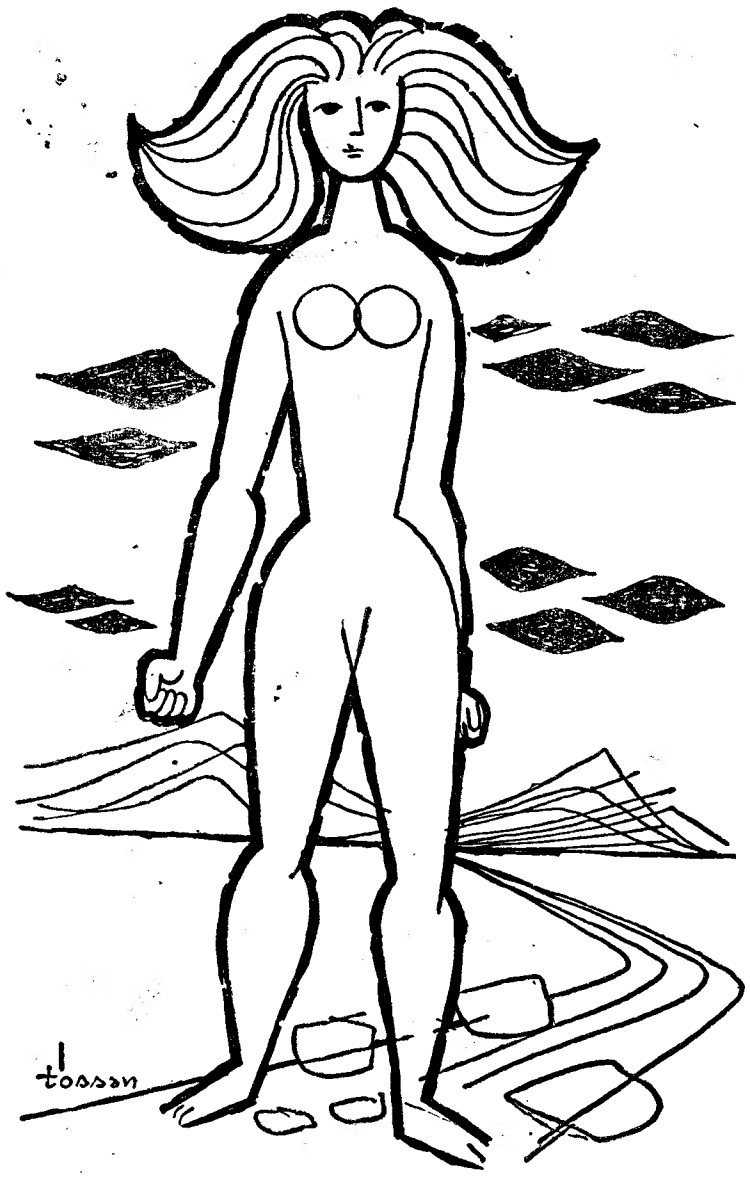
Prémio para o trabalho mais votado no numero anterior:

11. — Amigo 403 — José Augusto Folga da Silva (o conto «O HOMEM»)

11. — «NO RASTO DE ANA FRANK» e «SHANE», ambos de livros do Brasil, Ld.ª.

ATENÇÃO: Os prémios podem ser levantados na Av. de Roma, 78-2.º-esq.º, todos os dias uteis, das 9 ás 13 e das 15 ás 18. Os da Província seguirão pelo correio.

Lembramos aos nossos Amigos premiados a necessidade de levantarem os prémios antes dos trinta dias, a fim de não perderem o direito a eles.



Incitação

por **Maria de Lourdes Teresa dos Santos Martins** (17 anos)

Amigo n.º 854

Em frente !
Sempre em frente !
Parar é retroceder !
Avante !
O caminho é longo,
É difícil, ascendente !
Mas que importa
Se todo andado
É uma vida bem vivida ?
Para a frente !
Não esperes !
Não descances !
Não durmas !
Há tanto que fazer,
Tanto que aperfeiçoar,
Mesmo tanto que sofrer...
É preciso avançar
Sem tropeçar
Nas pedras do caminho !
É preciso não hesitar.
Segue sempre em frente,
E conseguirás triunfar !

Cinema de animação

POR

RUI ANDRADE BARRETO

17 ANOS ● AMIGO 1731

Dentro do todo «cinema», o cinema de animação constitui um ramo de características particulares bem definidas. E se não é considerado uma arte autónoma é porque na sua fase de projecção identifica-se com o cinema, digamos assim, vulgar. Quer num caso quer noutro, encontra-se uma síntese de imagens, que se sucedem no écran num certo ritmo, e de sons; ambas as coisas gravadas numa fita.

As diferenças essenciais surgem na fase criadora. O autor de um filme de animação prescinde, ou pode fazê-lo, do mundo limitado do homem, criando um novo universo em que o espaço e o tempo evoluem á sua vontade. De facto os acontecimentos que se desenrolam no écran são produto da imaginação do animador e não foram simplesmente «filmados». Isto é, no cinema vulgar os factos passam-se no estudio mais ou menos como nós os vemos no écran, mas no cinema de animação é ali que eles têm lugar pela primeira vez.

Como toda a manifestação de arte o cinema de animação deve evitar o convencionalismo gráfico dos personagens e a comercialização causadora em parte da pobreza de expressão e da comicidade fértil procurando sempre valores estéticos e culturais mais elevados.

... ...

Tentaremos dar ao amigo leitor uma ideia do evolucionar do cinema de animação, que embora esquemática e deficiente o levará a atentar melhor neste campo da arte cinematográfica, em que o artista, apenas limitado pela sua própria imaginação, realiza uma criação integral.

AMIGO N.º 1731

O que pensam os jovens do nosso País

(Continuação da 1.ª página)

vê quão reaccionária é esta doutrina, animada por um espírito anti-social, e que conduz facilmente á imoralidade.

Outra influência da grande guerra de 39-45 foi o surto de romances sombrios e pessimistas, descrentes no futuro da Humanidade. E' o caso, por exemplo, do «1984» de Orwell, e de alguns escritores alemães, como Kaufmann. E, se bem que compreendamos o espírito dos autores integrado na época, vemos hoje o medíocre valor ideológico deles.

Mas repare-se que tudo isto pertence á geração dos nossos pais, e eu tenho a certeza de que a actual, e as vindouras, virão imbuídas de um espírito desempoeirado e crentes nas possibilidades do Homem, porque sem se ter confiança nele, não poderia haver Progresso. A prova mais evidente disto, de que o Mundo não está tão mau como muitos o pintam, não será o lançamento de foguetões no espaço sideral, que denota a ansia de conhecer o infinito? Poder-me-ão obstar, dizendo que a técnica não significa progresso no campo moral. Mas não será um meio poderoso para isso? Tenho para mim que sim, pois não pode haver uma moral elevada enquanto o homem viver miseravelmente e só a técnica o poderá libertar desse estado de submissão.

Agora, há várias observações que quero fazer ao Vítor Ricardo.

Não foste justo ao afirmar que os adultos, no seu tempo de jovens, «tinham uma rede de preconceitos e de medo do novo». Não devemos ser egoístas, julgando que tudo se deve a nós, quando afinal isso não acontece. Podes afirmar que o cinerama é uma invenção da nossa época; mas acaso compreendê-lo-ias sem os esforços dos Lumière, e até de outros mais anteriores? Bem vês que outros existiram também sem medo do novo, e que procuraram e trabalharam para o aparecimento desse novo.

Outra tua afirmação que me deixou em duvida, foi dever-se ao «sentido materialista... o vazio que existe na nossa juventude». Se entendes por materialismo o pensar no comer bem e beber melhor, assim como ganhar dinheiro sem olhar a meios, estou de acordo contigo. Mas materialismo, que é de facto um termo equívoco, não é só isso. Estou certo de que meditarás nisto.

Outro ponto em que não estou em total acordo é o de dizeres que os adultos «talvez tenham razão» ao afirmar «que as novas gerações não são construtivas». Não têm, de modo algum, razão! Se existem alguns jovens para os quais a vida consiste só em fazer «flirts», andar de automóvel a 140, etc., a maioria da juventude é generosa, ardente e resolvida a tornar o Mundo melhor. Os adultos que tal dizem inferem da parte para o todo, fazem-no por um sofisma de enumeração imperfeita. E, como sabes, isso não é válido.

E pronto, amigo. Quanto ao resto estou inteiramente de acordo contigo. Um abraço.

(AMIGO N.º 362)

*

E agora os habituais comentários de um dos directores do «Juvenil».

Antes de mais, o Moura Pimenta merece as mais vivas felicitações: o seu depoimento é lucido, justo e revela notável consciência dos problemas do mundo contemporaneo. Comprova, além disso, uma cultura que, no seu começo, se estrutura já em bases sérias, concretas, objectivas. Que o nosso Amigo prossiga neste caminho e produzirá obra util, pela certa.

Pequenas observações poderiamos fazer ao seu depoimento. Por serem pequenas pensámos se valeria a pena ocupar espaço com elas. Afinal «vale sempre a pena» — como diz o poeta — «quando a alma não é pequena»...

O José Augusto fala numa consciente ou inconsciente *inveja* dos adultos. Afigura-se-me que o termo *inveja* não é o mais adequado. *Incompreensão* deverá ser o mais próprio e justo; ou, no caso de uma atitude consciente, deliberada, a *defesa de interesses adquiridos*.

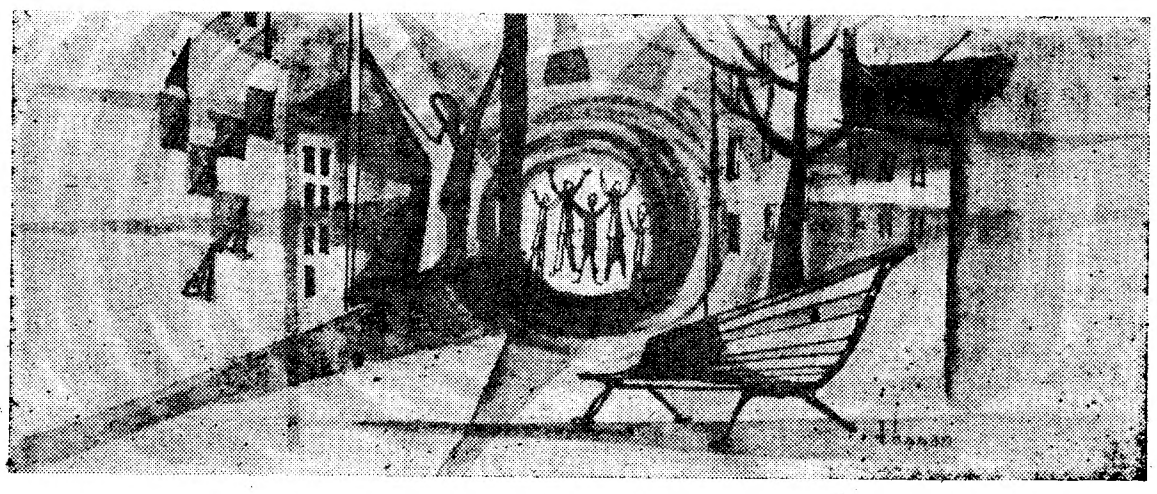
No que respeita á téenica e á moral, diz o nosso amigo que não pode haver moral elevada *enquanto o homem viver miseravelmente e só a técnica o poderá libertar desse estado de submissão.*

Eis uma afirmação que pode ser justa e pode estar errada. Que o Moura Pimenta se recorde do estado de espírito das camadas americanas que vivem com maior desafogo e do baixo utilitarismo que manifestam, reduzindo os bens deste Mundo a máquinas, automóveis e vacas. Os progressos técnicos só terão total aproveitamento quando no plano social, político, e no das ideias, da cultura lhes corresponder um humanismo integral, em cujo centro esteja o respeito pelo homem, o livre acesso aos meios da cultura, a confiança num presente e num futuro livres da incerteza económica, do medo e de tudo o mais que possa oprimir (e cuja opressão já hoje se possa evitar).

Postas estas ressalvas, é evidente que o José Augusto tem razão: não pode existir elevado nível ético geral (isto é para todos, para uma sociedade) enquanto o homem viva miseravelmente.

*

O José Augusto Moura Pimenta deverá ler no nosso numero anterior o prémio que lhe coube como autor do melhor comentário sobre «Os jovens de hoje», de Vítor Ricardo Jorge Rodrigues.



Variação sobre uma manhã de Inverno

por FILIPE LEANDRO MARTINS — 14 anos

No meio-silêncio o relógio esbatia-me os pensamentos.

... ...

Manhã. Nevoeiro cinzento e frio. Caras lavadas. Janelas abertas para qualquer coisa que não fosse ontem que não fosse o mesmo.

O Manuel Silva encostou-se ao parapeito com o pucaro do café na mão. Ficou-se a respirar a humidade e apertou as mãos com o pucaro do café quente. Depois voltou para dentro.

Sentei-me num banco. Devia estar pálido. Tinha sonhado toda a noite. Estava calmo. Calmo e mais qualquer coisa.

A manhã devia trazer-me não só claridade. Sentia que não era só manhã. Era nascimento, começo, água não formada ainda. Era vapor.

Principalmente sentia isso nas caras lavadas, nos cabelos humidos, na satisfação do Silva. Sentia isso em tudo o que era fresco e começava de novo. Outra vez.

Não pensei que isso fosse rotina. Era apenas manhã. A minha manhã.

Eu tinha enterrado todos os muros de lamentações a que costumava encostar-me.

Tinha em mim a alegria daqueles que pensam o sonho com pés assentes na terra.

Já na rua o Silva despedia-se da mulher. Casados de fresco. Sorri. Não são novos. Uns trinta e tal. O cabelo agrisalhado nas fontes. Mas esperança ainda. Esperança naquelas manhãs. No nascer do Sol. Numa rotina branca e negra. Variável. Axadrezada.